NO CAMINHO DO DESTINO

ARAÚJO FIGUEREDO

Florianópolis

2008

ARAÚJO FIGUEREDO

NO CAMINHO DO DESTINO

Autobiografia manuscrita e inédita transcrita a partir da cópia autógrafa de Carlos da Silveira Carneiro pertencente ao acervo de Obras Raras da Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina (CEOR) com o intuito de publicação. Transcrição e adaptação ortográfica: Prof.^a Dra. Zilma Gesser Nunes.

Florianópolis, 2008.

A ENCICLOPÉDIA DO ALMIRANTE*

Zahidé L. Muzart**

A assim chamada "Enciclopédia do Almirante" denominava-se, realmente, "Enciclopédia de Santa Catarina" e foi um acontecimento marcante por aqui no final da década de 50 até meados da de 60. O almirante Carlos da Silveira Carneiro foi uma curiosa figura, pelo que pude depreender dos manuscritos analisados. Nasceu em 1892, no Rio de Janeiro. Transferido para Florianópolis, apaixonou-se pela terra e resolveu criar algo de perene, algo que resgatasse o passado de Santa Catarina e o preservasse para as futuras gerações. Porém, com a paixão da totalidade que o animava, que o impulsionava, o almirante lançou-se ao registro de todos, absolutamente todos, os aspectos culturais de Santa Catarina...

A idéia da enciclopédia nasceu de um curso, de extensão cultural, promovido pelo almirante. Impressionado com o grande interesse dos assistentes pelas coisas locais, lança a proposta da enciclopédia à intelectualidade da terra. Uma enciclopédia que abrangesse e resgatasse todos os aspectos do Estado, isto é, físicos, políticos, administrativos, econômicos, sociais, históricos e etc... O almirante conseguiu entusiasmar muitas pessoas para a tarefa gigantesca de recolha e cópia. Sim, porque tudo era copiado à máquina ou à mão (não havia "xerox" na época). Só que, infelizmente, nem sempre era citada com o devido rigor!

O acervo da enciclopédia, doado à Biblioteca Central da UFSC, após a morte do almirante, compõe-se de 68 grossos livros de 400 a 550 páginas, de grandes dimensões, encadernados, 29 enormes cadernos de biografias e genealogias, cadernos menores, cadernetinhas; blocos, e pastas e sete cadernos de índices! Os grossos tomos não têm numeração de páginas o que dificulta, sobremaneira, a consulta. Porém, depois de um certo tempo, o leitor se familiariza com os "macetes" e com os numerosos índices e consegue selecionar coisas interessantes e válidas. Nos "livros", encontram-se muitos textos que, de outra forma, se teriam perdido como, por exemplo, peças de Horácio Nunes Pires, contos, poemas de vários autores, textos de Cruz e Sousa. Todos os cadernos menores, blocos e cadernetinhas são manuscritos do próprio almirante, que mantinha um diário de tudo o que se relacionava com a enciclopédia (ou com sua própria vida, comentando, até, a eficácia de

* Artigo publicado originalmente em *Diário Catarinense*. Florianópolis, 6 jul. 1987.

** Professora aposentada de Literatura Brasileira do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina.

certos medicamentos). Ele era metódico. Anotava os levantamentos realizados em coleções inteiras de revistas especializadas como, por exemplo, a do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cujos assuntos referentes a Santa Catarina indicava em uma cadernetinha, a lápis e que, mais tarde, eram transcritos para os "livros"...

O capricho é grande na transcrição dos textos e documentos. Mapas, fotos, desenhos acompanham-nos.

Depois de ter sido transferido de Florianópolis, nem por isso deixou o almirante de continuar com sua obra e manteve uma sala no Rio de Janeiro, à avenida Rio Branco, chamada "sala da enciclopédia", onde recebia pessoas e mantinha os arquivos. E viajou, regularmente, a Florianópolis. Aliás, suas viagens por todo o Estado estão registradas nas pastas de cartas, telegramas, ofícios, convites em geral.

Mas o mais notável de tudo é mesmo o "Diário da Enciclopédia" em vários cadernos, onde, com linda letra antiga, encontra-se a anotação minuciosa de todos os passos do almirante, como pode ser visto nos exemplos, a seguir: "22 de junho, segunda - a bordo, retirei muitas comunicações e projetos de catarinenses da Câmara de Deputados..."; "22 de setembro, terça - com múltiplas obrigações, fui com Christina passar uns três dias em Friburgo. Levei máquina, papel, trabalho de Inácio Bastos e correspondência, lá trabalhando no excelente clima."

E assim, páginas e páginas mostram o fervor e a paixão dessa figura controvertida, que tento reviver um pouquinho neste pequeno artigo (pensando, sobretudo, naqueles que, de fora, vieram e não têm notícias desta obra). Para uns, um quixote a tentar mirabolante empresa, para outros, um "proveitador da boa fé de provincianos ingênuos"... O que fica? Uma figura de um louco genial, grande figura humana, apaixonada e persistente que, infelizmente, não viu sua obra editada.

NO CAMINHO DO DESTINO*

Transcrição e adaptação ortográfica de
ZILMA GESSER NUNES

* FIGUEREDO, Juvêncio de Araújo. No Caminho do Destino. In.: CARNEIRO, Carlos da Silveira. *Enciclopédia de Santa Catarina*. Florianópolis. v. 20. fl. 15-94. (Manuscrito pertencente ao acervo de Obras Raras da Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina.)

O Sr. Luís de Araújo Figueredo, filho do poeta, em 2-12-1959, escreveu uma carta ao Almirante Carlos da Silveira Carneiro ofertando à Enciclopédia de Santa Catarina o trabalho inédito do pai "No Caminho do Destino". É este um trabalho de evocações, descrevendo a vida que levou e melhor do que os conceitos, fica o resumo que vai ser para aqui transportado, resumo das 65 páginas datilografadas do trabalho, em espaço dois.

No Caminho do Destino. Escreve para os filhos, "recordando o passado, ora tão cheio de encantos, na infância e na juventude, e ora no terror das lutas pela mocidade adentro até a velhice" e o faz com toda a sinceridade.

"Nasci na noite de 27 de setembro de 1864, às nove horas, numa casa à esquina das antigas ruas dos Artigos Bélicos e Tronqueira, hoje respectivamente Victor Meireles e General Bittencourt, e aí vivi no aconchego da família até a idade de cinco anos, passando depois a residir, em companhia dos pais, nos Coqueiros, numa nesga de campos e praias fronteiriços à capital.

De minha infância trago na memória as alegrias que me cercaram, bem como as atribulações de uma enfermidade gravíssima que me deixou de cama muitos meses, impossibilitando-me a locomoção e a fala, quando antes eram de uma agilidade de pernas de cabra montês as minhas pernas, e de uma harmonia de cristal a minha voz.

Chegado aos Coqueiros por uma manhã muito clara, de maio, e desembarcado numa praia que ainda hoje é o encanto desse lugar, fui logo apresentado a um velho alto, de barba e de cabelos alvíssimos, olhos azuis, severamente límpidos, e faces rosadas, tendo eu lhe caído aos braços vigorosos, num largo e demorado estremecimento de simpatia.

Esse velho era o Manoel Gonçalves, amigo e compadre de meus pais, alma simples, coração magnânimo, cuja inteligência, embora não cultivada, resplandecia bizarramente em sultos de poesia, rimando, ora no trabalho de campo, ao sol, ora no trabalho de pesca, de tarrafa aos braços, samburá aos ombros, ou lançando às ondas, de cima das pedras, o seu velho caniço flexível com um anzol luzidio à ponta da linha.

E eu, como já por esse tempo gostava de ouvir e decorar algumas quadrinhas, muito gostei de encontrar-me com aquele que, ao tomar-me na curva dos seus braços, improvisou e cantou uns versos para me saudar, nessa manhã clara, cortada de gaivotas bizarras e embalsamada dos perfumes das flores cor-de-rosa dos cardamomos.

Correndo os olhares pelo mar que se emparedava entre as pedras abruptas e as praias de jaspe, orladas de tapetes, como se por ali se estendessem tapetes de esmeraldas, aquele sítio logo deixou impregnado na minha alma alegria que jamais esqueci, pois era a primeira vez que os meus olhos viam coisas tão belas e virgens.

Na cidade, conquanto tivesse muitos amiguinhos que comigo brincavam no quintal da casa, numa coberta única, ao lado de um quadrado onde meu pai cultivava craveiros singulares, não me sentia bem, clamando sempre por uma largueza maior, principalmente junto ao mar que aparecia através dos vãos das janelas e do crivo das folhagens das árvores.

Por isso, pelo que na minha alma já existia pela contemplação da natureza, a minha ida para os Coqueiros, nessa clara manhã de maio, foi uma aurora de novos e surpreendentes encantos, uma estrada feliz no Caminho do Destino.

Bendita manhã de maio, essa em que eu, em companhia de meus pais e de um casal de irmãos, transportei-me, do emparedamento de uma casa, embora confortável, à largueza dos campos, com todos os seus maravilhosos encantos e saudável ambiente.

Pertencia à minha tia Felicidade, uma velhinha solteira, a casa que fomos habitar, nesse aprazível Coqueiros, construída no ano de 1808, pelo meu avô materno. Era uma casa de pau-a-pique, coberta de telhas com três janelas de frente e uma porta em cada lado, casa essa que se erguia em leve planalto.

Rodeavam-na um imenso laranjal, muitas parreiras de vinhas, muitos marmeleiros e grandes árvores de sombras acariciantes e amigas.

Casa de campo lavrado, continha, aos fundos, um enorme engenho de farinha, onde passávamos os dias brincando, quando o sol faiscante ou a chuva não nos permitiam uma fugida ao terreiro ou às largas estradas que cortavam as terras culturais desse sítio agreste, impregnado de aromas virgens, à margem de um riacho quieto e cristalino.

Meu pai tivera uma grande ruína na vida, perdendo todas as suas casas na capital, ficando, de um dia para o outro, extremamente pobre, e se não fora a minha tia Felicidade, irmã de minha mãe, lhe oferecendo hospedagem, não sei o que teria sido, em vista de achar-se privado de dinheiro e de cômodos.

Alto, de uma estatura majestosa, fronte ampla, olhos negros e pensativos, boca talhada em lábios grossos, dentes muito alvos e corretos, pele morena, meu pai era um tipo simpático, embora não fosse belo senão no coração e na alma, que os possuía de uma maneira encantadora, a par de uma austeridade digna de maior respeito, herdada do meu avô, o padre Dr. Caetano de Araújo Figueredo Mendonça Furtado, capitão-mor do Paço Real, no tempo de D. Pedro e D. Miguel de Portugal.

Minha mãe era, no entanto, um tipo de beleza. De cor também morena, como a dos jambos maduros, mordidos pelo sol, possuía uns olhos negros lindíssimos, orlados por umas pestanas de veludo, uma boca artisticamente delineada, cabelos abundantes, lisos e untuosos, testa curva, nariz aquilino, como o dos gregos, colo saliente, braços grossos e mãos de uma delicadeza originalíssima.

Nascera nessa casa, sendo seus pais José Roberto da Silva, antigo arpoador de baleias, e de Maria Dutra da Silva, naturais de Santa Catarina.

Meu avô materno era um homem vigoroso, forte, de uma musculatura hercúlea, acostumado desde pequeno, à inclemente pesca de baleias, nas Armações da Piedade e Lagoinha, e tendo ido por diversas vezes à África, num barco de sua propriedade, ao tempo do tráfico dos escravos, desses infelizes seres humanos que o destino arrastava a maior das impiedades.

Morto em sua casa, nos Coqueiros, em conseqüência do esfacelamento de uma perna, ocasionada pelo encontro de uma baleeira em um cabeço de rocha, na pequena enseada do Pântano do Sul, deixara quatro filhos maiores. Minha avó, a Maria Santa, como a conheciam todos do lugar, e para os quais a sua alma achava-se seguidamente aberta em prodigalidades de amor fraternal, morrera antes dele, dois anos seguramente.

Instalado meu pai nos Coqueiros, nessa antiga casa de campo, depois de deixar a Tesouraria da Fazenda Provincial, da qual era tesoureiro, e de freqüentar a alta sociedade da Capital, na qual fora uma figura de destaque, ei-lo a cultivar com os seus próprios braços as terras ainda incultas, delas obtendo o sustento para a sua família que se multiplicava de ano a ano, tanto pelo nascimento de outros filhos, como pelo amparo que oferecia aos necessitados, dando-lhes o calor abençoado do seu teto amigo. E foi sob esse ambiente de doçura e bondade, sob esse céu azul de carinhos e bênçãos que os meus anos se sucediam e eu cada vez

mais me sentia satisfeito em gozar a liberdade desse sítio que ainda parece reviver todo esse passado feliz.

Aos sete anos de idade fui de novo acometido de uma grave enfermidade, tolhendo-me ela os membros locomotores e deixando-me num enfraquecimento horrível, quase de morte. Mas, com a aparição de diversos remédios, estudados por meu pai e minha tia Felicidade, pois ambos se dedicavam à prática da medicina indígena vegetativa, recuperei a saúde e, aos nove anos, dei entrada, em companhia de meu irmão mais moço, de nome Luís, numa escola pública provisória, regida pelo professor Lúcio de Camargo, no Estreito, para onde íamos, eu e o meu irmão Luís, às segundas-feiras e voltávamos aos sábados, montados na "negrita" uma égua de andadura suave e muito mansa. Ficávamos, durante a semana, em casa da tia Maria Hipólita, uma velhinha nossa prima, pagando-lhe meu pai uma mensalidade, pois essa santa criatura era, por demais, paupérrima.

Entramos, pois, para a escola, tendo eu apenas o conhecimento da carta do ABC, que me fora administrado por uma senhora, muito velha, chamada Felisberta, moradora nos Coqueiros, a qual, por nada mais saber, dera-me por pronto nos conhecimentos da leitura.

Na escola do professor Lúcio de Camargo, comecei a ampliar os meus estudos até a Gramática Coruja, que nunca pude decorar, sem, no entanto, deixar de lhe compreender as regras.

Aí estive dois anos, saindo para dar entrada numa escola particular, nos Coqueiros, cujo professor era de um atraso incrível, ensinando-nos apenas a tabuada, que era cantada em coro, numa voz estridente que se ampliava até longe, pelas quebradas. Nada aprendi, pois, nestas duas escolas, as mais por mim freqüentadas, mas não deixei de, pela minha dedicação e comigo apenas, estudar seguidamente, valendo-me dos livros velhos que encontrava ou me caíam às mãos por empréstimo, passando horas inteiras, e às vezes, noites, a lê-los e relê-los com tenacidade.

Com grande vocação para o desenho de figuras, principalmente de cabeças, dediquei-me sozinho a esse estudo, tendo conseguido muito aproveitamento e freqüentado, mais tarde, a aula noturna do Manoel Margarida, na Capital, de onde saí com provas assaz de menção, sem, no entanto, me dar esse trabalho o necessário para comprar material para sua execução.

Minha mãe morreu quando eu tinha 15 anos de idade e foi com essa idade que escrevi os primeiros versos, dedicados a sua memória, os quais foram publicados no periódico Regeneração, propriedade do Partido Liberal Catarinense, sendo o seu gerente o sempre lembrado Alexandre Margarida, alma que jamais esqueci.

Em véspera de sua morte, no dia 24 de fevereiro de 1879, à noite, lia-lhe eu uma carta chegada do Rio, em que o distinto pintor Victor Meireles, respondendo uma outra carta, que lhe fora escrita pelo padre F. Pedro da Cunha, dizia ao meu pai haver falado ao Imperador D. Pedro II, que me oferecia uma pensão de estudo para eu estudar pintura na então Escola de Belas Artes, com direito a uma viagem à Europa.

Entretanto, como minha mãe falecesse no dia imediato, e eu visse o estado de abatimento em que ficara a alma carinhosa de meu pai, deixei de atender essa oferta, para acompanhar, de perto, as saudades de toda a família.

Com a morte de minha mãe, atirei-me ao trabalho da roça lavrando a terra e dela retirando o necessário para ajudar a família.

Meu pai, que era, no entanto, aposentado, mudou-se para a Capital, tendo conseguido o emprego de Partidor e Contador numa escritania de órfãos, ajudando-lhe eu nessa tarefa, como na de Escrivão de Óbitos.

Dois anos depois ficava eu órfão de pai, sem um emprego qualquer e ainda com a obrigação de sustentar minha tia Felicidade, que continuava a morar nos Coqueiros, uma prima velhinha e meus quatro irmãos menores, todos igualmente pobres, muito pobres.

E, como nenhum emprego pudesse alcançar, por mais que o pedisse, que o rogasse, alegando as circunstâncias em que nos achávamos, eu e minha família, resolvi bater à porta da tipografia da Regeneração, em cuja gerência se achava o querido Martinho Callado, e aí dediquei-me à arte tipográfica.

Por esse tempo era redator desse jornal o aplaudido poeta Juvêncio Costa, meu parente, e dele recebi os melhores conselhos para não apagar o clarão poético que me orlava a cabeça, cuja primeira manifestação fora a poesia publicada nesse jornal, à memória de minha saudosa mãe.

Alma magnânima, de uma lucidez admiravelmente bela, a sua camaradagem sempre me dava ao coração um ambiente salutar, vinculando-me com verdadeira simpatia e encorajamento.

Um dia, porém, o meu espírito sentiu-se de todo assaltado. Na redação desse jornal existia, na qualidade de seu colaborador, um outro meu parente, de nome Firmino Costa, por esse tempo considerado uma glória da pátria, pelos versos e prosa que escrevia, e lhe mostrei, acanhado, uns versos meus nos quais eu havia empregado o adjetivo prenúncia.

E o que fez então esse meu parente?

Recebeu os meus referidos versos com uma formidável gargalhada, pelo emprego daquele adjetivo, talvez por ver em mim qualquer afetamento da pieguice nos versos que, por

esse tempo, não passavam de recitativos unicamente feitos para serem cantados ao violão, nas fastidiosas serenatas ao luar, pelas esquinas tenebrosas das ruas da Capital.

Revoltado, num ímpeto de animal ferido, dei-lhe em seguida a resposta devida, libertando-me, então, depois de alguns dias, dessa casa, para não continuar a tratar com quem, embora meu camarada vinha de vez em quando mofando das idéias libertadoras, em questão de arte poética, que eu já imediatamente possuía.

Em companhia de meus pais, nos Coqueiros, a minha vida fora a mais franca possível, na encantadora liberdade dos seus campos verdes e floridos e das suas praias de uma brancura de esmalte. No seio da família eu era o mais ouvido e a quem os meus santos velinhos dispensavam a maior soma de prodigalidades, talvez pelo meu estado de saúde, pois a minha dicção se tornava tão confusa e atormentada, tanto para mim como para quem me ouvisse, que chegava, muitas vezes, a nos dar lágrimas amargas. Eu chorava, e choravam meus pais.

Nervoso em extremo, preocupado com o meu futuro, pois não me era dado estudar e vendo-me assim, meus pais, deram-me eles, entretanto, a liberdade de percorrer os verdes campos floridos dos Coqueiros e as suas praias brancas, na persuasão de que os encantos desses lugares pudessem trazer ao meu corpo e à minha alma os necessários remédios de rejuvenescimento, de força, de pujança.

Por isso, eis-me ao clarear das madrugadas, já de pé, de bodoque em punho, à caça dos pombos que eram muitos, ou de gaiolas de suaves armadilhas, a apanhar gaturamos, coleiras, canários do algodoeiro, sanhaços e sabiás, pelas estradas que iam dar, como enormes fitas orladas de esmeraldas, à mata virgem, no cocoruto do morro detrás de nossa casa.

Mas esse entretenimento não me alegrava, não me satisfazia à alma, porque o remorso de aprisionar as aves, de quando em quando surgia como um fantasma, acabrunhando-me por diversas vezes.

Eu sempre tive uma grande adoração por esses encantadores seres volantes, desde o tempo em que os via enxameando as árvores que circundavam a nossa casa, ao correr dos dias límpidos, ou dos dias tristes, quando as rajadas dos ventos os açoitavam, em que eles, coitados, ou se escondiam entre as folhagens ou rodopiavam pelos ares como céleres projéteis de fundos silvados ocultamente.

Descia, então, à estiva em frente à casa, entrava na Estrada Real, e eis-me na praia branca, em frente a esse lugarejo, gozando seus encantos maravilhosos.

A praia dos Coqueiros, nesse tempo, era um seio virgem e perfumado a flores de cardamomo e a flores de laranjeiras, pospontada, de lado a lado, de alguns caminhos muito alvos, sobressaindo das tufas de verdura e de alguns ranchos de pescadores.

Fronteiriça a sueste, rendilhava-lhe o seio branco as ondas espumantes, que se sucediam como dorsos de carneiros acossados, quando o vento soprava de rijo, e quando a calmaria voltava, com ela voltava uma estagnação de espelho dentro do qual o céu azul refletia todas as suas doçuras, toda a sua candidez, todos os seus brilhos de safira. mas suas extremidades erguiam-se abruptamente enormes pedaços de pedra, e bosques de uma vegetação luxuriante, destacando-se algumas árvores de uma florescência admirável, ora roxa, ora cor-de-rosa, ora amarela.

Pospontada de pequeninas casas alvas, nelas rumorejava alacremenente uma população laboriosa, que se dedicava à pescaria, na verde enseada fronteiriça, ou barra afora, no mar alto, no tempo das tainhas, em maio, ou das anchovas, durante a primavera.

Enchiam-se de pescadores os ranchos em cujas portas as baleeiras estendiam para fora as suas altas e esguias proas pintadas de fresco, ao clarão das fogueiras que serviam para esquentar o café, ou assar o peixe, em grandes espetos de varas de marmeleiro.

Num deles, no do Manoel Gonçalves, é que eu parava com maior demora, para ouvir desse adorável velhinho as encantadoras cantigas das quais me ficou na memória a seguinte:

Dia e noite ando no mar
(Nem sei mesmo há quantos anos)
Sou como a vaga a rolar
Na praia dos desenganos.

E era ainda ele, o Manoel Gonçalves, que, em noites de maio a julho, enchia de verdadeiras alegrias o nosso engenho, no sarrabalho com as raparigas do lugar, ao retinir da viola de pinho, ou mesmo do alto do bando do sevidor, quando o boi se achava à canga da almanjarra, preso o seu musculoso guacho à curva dos canzís de fruta de pombo.

Mas, de todas as raparigas que com ele cantavam, surpreendendo-me a atenção, ao pé de cada quadra, uma existia muito talentosa e simpática.

Morena, de cabelos negros encaracolados, olhos da cor da casca do pinhão, pestanas recurvas, boca cor-de-rosa, talhada em linhas muito delicadas, nariz de extrema perfeição, pescoço fino torneado, seios bicudos e trementes, braços vigorosos, mãos cujos dedos tinham a cor da casca da canela, cintura delgada e flexível, ancas arredondadas, pernas muito bem feitas, essa rapariga cantava com tanta beleza na voz que os da casa a chamavam de rouxinol dos engenhos, quando estes, na faina das farinhadas se enchiam de almas alegres e felizes.

Dela me lembro bastante, porque foram os seus olhos os que, pela primeira vez na minha vida, vibraram nos meus, os sentimentos de um amor nascido na espontaneidade de duas almas que se encontraram para, mais tarde, se unirem sob a vibração de uns abraços e de

uns beijos. Primos que éramos, tínhamos liberdade de conversar à vontade, ora nos montes de mandioca, jogando capotes, ora ao recanto da fomalha em cujo forno estendiam-se lenços de polvilho, e ora pelas alamedas dos laranjais, à margem quieta dos lagos, e ora no de sebo do velho Manoel Gonçalves, em plena praia, quando o velho, compreendendo o nosso amor, contava-nos histórias alegres, num bom sorriso acariciador.

Maria era mais velha do que eu apenas dois anos, mas as nossas cabeças tocavam-se na mesma linha horizontal, e tinha ela alguma semelhança comigo, quer nos olhos, quer na boca, quer na cor.

Rapariga simpática e boa, não deixava ela de dar a meus pais uma certa alegria, se por acaso tivéssemos de nos casar mais tarde, quando a idade necessária nô-lo permitisse.

– Serei contigo na vida e na morte, ouviste, primo?

– E eu contigo; meu amor, respondia-lhe eu.

Mas nos separamos por uma tarde em que o céu, nas bandas do ocaso, vestira-se de pinceladas rubras, como se ali houvessem dois corações sangrando.

Outros amores não os tive durante o tempo em que estivemos separados, ocupando-me eu apenas em estudar seguidamente, ora em casa, entre às quatro paredes de uma sala, cuja janela dava para um riacho orlado de grama, onde o céu se espelhava, e ora pelas praias, deitado de costas, com o livro entre as mãos como uma estante movediça.

Eram meus queridos poetas Casimiro de Abreu e Álvares de Azevedo, os quais, mais tarde, foram substituídos por Fagundes Varela e Castro Alves.

Estava eu numa manhã lendo Casimiro de Abreu, deitado de costas na almofada salitrada da praia, quando ouvi uns gritos para as bandas da casa do Manoel Gonçalves. Ergui a cabeça, levantei-me num salto e corri, encontrando no terreiro da casa do meu velho amigo a sua querida mulher Luiza, que me chamava, avisando-me a morte repentina do marido. Entrei apressado, e ainda tive tempo de fechar com os dedos trêmulos, as pálpebras paradas desse amigo, coração magnânimo, alma simples e boa.

Meus pais desceram logo, ao saberem da morte do velhinho, à sua casa, e aí passaram todo o resto da tarde e a noite inteira, numa emoção de pesar e piedade.

Ficara, pois, viúva a velhinha Luiza, emparedada na mais triste pobreza e carregada de filhos.

Mas como ainda continuasse na minha alma uma grande afeição por essa família, lá ia eu quase sempre vê-la e ajudá-la na confiança que dizia ter em Deus.

E foi numa dessas vezes que aí encontrei de novo, em uma noite velada, a minha prima, há horas chegada da Enseada do Brito, onde fora passar um tempo assaz longo.

Chegava ainda mais bela e mais simpática, tendo alcançado nesse lugar, de tão lindas praias, um rejuvenescimento de árvore à beira d'água, refrescada pela brisa das manhãs e das tardes.

– A que vieste, Maria? perguntei-lhe repentinamente.

– A uma desgraça, meu querido.

E dos seus olhos lindos deixou correr umas lágrimas.

Contou-me, então, que chegava para casar com quem eu bem sabia, com esse homem que não lhe merecia, no entanto, a menor simpatia, uma fagulha sequer de amor, pois o seu coração se achava unicamente aberto ao meu, como se fora um ninho a balançar na árvore verde e florida dos seus sonhos.

Ao ouvi-la, eu que a queria tanto, eu que por ela sentia o meu primeiro amor vibrando em contínuos arroubos de amizade, fiquei como dominado por um cataclismo; mas, ao mesmo tempo criando alma nova, revesti-me de esperanças para o futuro, fosse em que tempo fosse.

E quando já ia alta a noite, com a linda lua talhada em gadanhas de luz, na encosta do morro, despedimo-nos com um abraço demorado, repetindo-se as frases:

– Serei contigo, na vida e na morte.

– E eu contigo, meu amor.

Retirando-me da tipografia da Regeneração passei alguns meses sem trabalho, tendo no entanto voltado à mesma, quando a sua gerência passou ao Sr. Alexandre Margarida, encontrando eu, nessa casa, tudo quanto desejava encontrar num coração magnânimo, afeito à caridade.

Por essa ocasião enfileirei-me ao grupo dos que trabalhavam pela emancipação dos escravos, tendo lançado à luz da publicidade um jornal intitulado O Abolicionista, que era colaborado por muitos homens consagrados a essa idéia, inclusive o erudito professor Bueno de Gouveia, Teotônio Costa, Henrique Schutel, Alfredo Albuquerque e outros, cujos nomes não me vêm à mente.

Nesse jornal publiquei alguns sonetos, e fiz o meu nome, embora obscuro, correndo terras, até que um dia recebia eu da Re... de Melo, poetisa gaúcha, uma carta que muito me encorajou no campo da literatura, tais os conselhos que da alma iluminada dessa mulher partiram em direção à minha, por esse tempo ainda tão confusa e medrosa.

Tratado nessa carta como um filho, rodeado de todos os carinhos, tanto por esse que, em vida, se chamou Alexandre Margarida e pela sua esposa, não sentia, no entanto, um bem estar, porque o que ganhava não compensava o meu trabalho, pois este chegava a ir até

madrugada, à hora em que o mercado se abria, e nele entrávamos eu e o meu companheiro Luís Neves.

Comecei então a aborrecer-me desse trabalho fatigante, e se ainda nele me encontrava, era simplesmente porque nenhum outro existia, nesta cidade, onde eu pudesse ganhar o necessário para ajudar a viver a minha velha tia Felicidade, minha prima Maria José e os meus quatro irmãos menores.

E que dinheiro ganhava eu, e como mo pagavam?

Ganhava 18 patacas por semana e os recebia em pequenas parcelas de moedas de 40 réis, parcelas essas que formavam, na mesa da redação, sombrias colunas azinhavradas.

Mas o que mais me enervava e desesperava, nessa luta de todas as horas, era o ter eu de suportar as idéias atrasadas de muitos desses homens de redação do jornal, com as suas caturrices a respeito do novo ideal que me passava seguidamente pelo espírito, quando me obrigavam a discutir a escola de Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Santos Lostada e Horácio de Carvalho, os quais eram por mim ouvidos numa tasca à rua da Cadeia, de propriedade do pai do último, na qual se achava empregado Santos Lostada, na qualidade de caixeiro.

Explodindo de vez em quando, o meu espírito não podia adaptar-se àquele ambiente de retrógrados, impertérritos adversários da grandeza imortal das idéias novas.

Falavam eles seguidamente em Casimiro de Abreu e em outros tais, e só queriam que eu os seguisse e, por isso, isto é, ao verem-me disposto a contrariá-los, fechavam-me as colunas dos seus jornais, e a tudo quanto não fosse moldado à escola desses poetas românticos.

E quando eu lhes falava no grupo que vinha de surgir, fulgurante nas suas idéias simbólicas, atiravam-me eles os mais vis apodos, ou, às ocultas, com medo de mim, que não os perdoava, tramavam, de pais a filhos, tudo quanto entendiam, para me prejudicarem na vida comum e mesmo interina.

Um horror, essa luta medonha!

Achava-me, portanto, nessa contínua e dolorosa contingência, quando fechados os olhos aos clamores da família, fui obrigado a fugir ao trabalho gráfico e da redação do jornal, e voltei aos Coqueiros, no velho sítio de minhas recordações, e aí comecei a trabalhar no campo, seguidamente, ao sol causticante, ou às chuvas, durante as quatro estações. Mas não deixava de percorrer as lindíssimas praias do lugar, tanto para gozar dos seus maravilhosos aspectos, como para reaver as minhas forças quase de todo esgotadas.

Era meu companheiro o querido poeta Carlos de Faria, muito mais jovem do que eu, natural da Enseada do Brito e neto do ilustre padre Vicente que fora, no tempo dos Farrapos, uma figura de alto destaque republicano.

O Carlos de Faria possuía um talento admirável e os seus versos eram todos embalados de um lirismo emocionante e lúcido, à Castro Alves, que era o seu mestre predileto.

Coração cheio de bondades, alma iluminada de belezas, de uma franqueza originalíssima e espontaneidade sem limites, vibrando versos lindos e delicados, afeiçoava-se a mim, o Carlos, de uma maneira tão sublime de fraternidade que jamais pude deixar de vê-lo em minha companhia, quer nesse sítio agreste, quer em vilegiaturas por outros lugares.

Seus grandes olhos negros possuíam o brilho úmido das ametistas; e a sua boca, talhada em grossos lábios carmesim, eram tão musicais que os versos por ele burilados pareciam possuir o zumbido das abelhas estivais ou o cachoeiral cristalino das águas descendo ergástulos, ou o fragor das ondas de encontro aos rochedos ao correr das praias alvíssimas. Possuía uma maneira tão encantadora de recitar e de dizer as coisas de arte que, ao ouvi-lo, ficava-se perplexo, numa verdadeira contemplação.

Suas brancas mãos de dedos compridos, torneados como fusos, lembravam asas volitando no ar, em torno de sua cabeça de testa larga e de cabelos de veludo negro, quando ele, no auge do entusiasmo, declamava o "Navio Negreiro" de Castro Alves e versos de Macedo Papança.

E foi nos Coqueiros, numa das suas lindas praias, à hora santíssima do Ângelus que ele escreveu lindos versos.

Estávamos nós, numa manhã de maio, na praia, deitados sobre o tufo da areia, quando vimos ao longe um vulto de mulher moça. E como eu me perturbasse e os meus olhos me traíssem, disse-me o Carlos num tom amigo:

– Será a tua?

– Sim, meu querido amigo, é ela mesma.

Conversamos então, longamente, principalmente sobre a magnificência daquela manhã estendida por sobre aquela nesga de mar, e sobre a brancura daquelas praias, e, em seguida, sobre os versos que fazíamos, eu e o Carlos.

Gostando imensamente de versos, expandira-se a rapariga em idéias largas sobre os poetas de sua adoração e simpatia, recitando alguns sonetos de Gonçalves Crespo e outros.

Meia hora depois esgueirava-se Maria por um atalho sinuoso, sumia-se à sombra do laranjal em cujos tufos os seus frutos começavam a lourejar, e entrava em sua casa branca, coberta de folhas de hera e outras trepadeiras em flor.

– É uma simpatia, essa rapariga! disse-me Carlos.

– Realmente, meu amigo, essa mulher tem uns mistérios que arrastam... Mas, infelizmente, é casada.

–Que importa, retorquiu o Carlos, se dentro de sua alma houver um recanto para acordar alguém que, com mais carinho e maior força de amor, possa aí viver como uma ave num ninho, principalmente se essa ave for ainda implume como a tua?

Na tarde desse dia, lá se foi o Carlos de volta à Capital, conduzindo-o uma canoa de cedro, de remos de pá, patroada pelo Rameiro, um rapaz muito alegre, em cuja garganta de pássaro bizarro esbraveja, de quando em quando, uma linda cantiga maruja:

Este mar é como o céu,
Sempre lindo e sempre enorme,
Quem tem amores no mundo,
Provavelmente não dorme.

Todo o mar responde às almas,
Quando coberto de espuma,
Quem ama a mulher casada
Não tem vergonha nenhuma.

Na Capital vivíamos sempre, eu e o Carlos, em casa do Timóteo Maia, um rapaz moreno, filho de uma velha crioula conhecida por Maria das Velas.

Ali líamos e fazíamos versos e muitas vezes aí dormíamos na mais viva alegria de boêmios reduzidos pelas idéias de Álvaro de Azevedo, pois tínhamos sempre entre as mãos e diante dos olhos a "Noite na Taverna", e alguns versos de Fagundes Varela, escritos ao calor das orgias noturnas, quando o álcool subia à cabeça desses menestréis das glórias que jamais se apagaram. O Timóteo também escrevia versos, principalmente modinhas e recitativos, que eram por ele mesmo cantados ao seu violão, o instrumento de sua predileção, o qual tão bem sabia expressar a alma... desse rapaz ignorante, mas muito cheio de tendências poéticas e bondades acariciadoras. Possuía um coração bondoso, o Timóteo, sempre espontâneo em nos dar os seus carinhos, quiçá a sua caridade.

Comíamos à sua mesa, e éramos ajudados com o dinheiro que ganhava com o seu trabalho de alfaiate.

E quanto temos de cassineta ele nos fez de graça!

Amigo do seu violão, em cujas cordas o seu espírito se expandia com emoções, ei-lo igualmente amigo nosso, sentindo-se bem com a nossa companhia e as expansões do nosso entusiasmo literário.

Em sua casa, numa mesa ao lado da sala, forrada de pano verde, sob um dossel no qual se encontrava uma enorme lira de madeira, de pé de ouro e prata, foi que o querido poeta Cruz e Sousa escreveu os seus "Violões que choram", lindíssimos versos.

Cruz e Sousa amava-o com extremado carinho, com elevada simpatia, não deixando de freqüentar a casinha sombria da rua João Pinto, onde encontrava, muitas vezes, um bom café com roscas de polvilho ou uma feijoada à moda da Maria das Velas, que era uma exímia cozinheira.

Também ele, o Cruz e Sousa, metia-se nas nossas troças noturnas, acompanhando-nos nas serenatas pelas ruas da cidade, ou, por ser mais poético, pelas praias do "Menino Deus", da "Prainha" e de "José Mendes", quando o luar se estendia como um óleo transparente e chamalotava os escuro das árvores e a planície cor de cimento do mar talhado entre as montanhas distantes.

Nessas vilegiaturas românticas, de uma boemia encantadora, sem um desafeto, sem uma queixa, muitas vezes até acompanhados de raparigas nossas conhecidas e amigas, o Cruz e Sousa quase sempre recitava versos, mas os escolhia de um outro modo, diluídos a sua voz suave as "Duas épocas", de Macedo Papança e as "Três Irmãs" de Luís Delfino.

Aplaudiam-no com palmas e abraços.

Entretanto eu, que os acompanhava, nada dizia; não tinha jeito para isso.

Por essa época surgia, em cada princípio de mês, um periódico literário e neles os nossos nomes apareciam seguidamente para mais tarde se sumirem com esses próprios periódicos, cuja duração nunca chegava a nove meses!

Como hoje em dia acontece, naquele tempo, logo que o jornal mudava de tamanho, para menor, era sinal evidente de que desapareceria do cenário da vida literária, deixando quase sempre envergonhados os seus redatores, pelas dívidas contraídas para a sua respectiva publicação.

Toda a gente, entretanto, gostava de ler os nossos jornais, mas nem toda a gente dispunha-se a pagar-lhes as mensalidades, pois nessa tarefa a Capital sempre esmerou-se em qualificar-se muitíssimo atrasada.

E quantas vezes um jornalzinho nosso, bizarro e atraente e saltitante como um pássaro, percorria muitas e muitas casas como prova de economia.

Tristíssima situação a nossa!...

Mas teimoso, dominado pelo ideal que lhe orlava a cabeça, o Carlos de Faria não esmorecia, pois era ele quem, de quando em quando, entre nós outros aparecia a improvisar um periódico, mostrando-nos, muito satisfeito, as primeiras provas dos seus versos ou da sua prosa encantadora.

Boêmio, sem se preocupar com o convencionalismo e enfrentando as coisas com estridentes gargalhadas, principalmente quando bebia alguns goles de trago, na taverna do Oitão, ei-lo anunciando o aparecimento dos seus jornais, de cima de uma cadeira, ou de uma mesa, em belíssimos discursos musicados, de versos coloridos e coloridos adjetivos, numa eclosão de idéias originais.

Em casa de Timóteo não só nos reuníamos, eu e o Carlos, mas também o erudito professor Wenceslau de Gouveia, com a sua voz cavernosa, e o Capitão-Tenente Ximenes de Araújo Pitada, barbado de branco à Pedro II, de quem se dizia irmão. Na verdade, ninguém mais parecido com o Pedro d'Alcântara do que o Pitada, cuja ilustração, principalmente em Matemática, a todos admirava, e ainda mais, pela bondade de sua grande alma.

De quando em quando recebíamos de ambos, na casa do Timóteo, à rua João Pinto, algumas lições de Português, de Francês, de Matemática e Astronomia, na qual era muito versado esse velho servidor da Pátria, que acabava sempre as suas lições conjugando o indicativo do verbo beber.

Nas paredes da sala dessa viam-se, em pequenos quadros, guarnecidos de bandeiras nacionais, as fotografias de todos os nossos poetas queridos, achando-se à frente, sobre a porta principal, uma bandeira branca, como símbolo da paz que ali existia.

Era um cenáculo aquela sala, de cuja porta, ao fundo, aparecia, às vezes, para nos fazer sossegar, a figura de ametista da Maria das Velas.

E lá ia também bater, quando a noite nos convidava a uma serenata, o nosso querido João..., músico de alta competência, alma de artista, sobraçando o seu violão amigo, que ele admiravelmente tocava e a todos nos enchendo de encantos, como às próprias famílias que se debruçavam às janelas, para ouvi-lo.

Uma vez ou outra lá se achava também, nesta casa, que o meu espírito recorda com tantas saudades, o nosso querido Cruz e Sousa, sempre metido em roupas claras, com uma bengala mefistofélica, cor de âmbar e uma linda flor à lapela. Quando esse chegava, havia no entanto, um quer que fosse de respeito, embora na camaradagem ele não se distinguisse dos companheiros, menos nos tragos à caminho, pois o Cruz e Sousa nem de leve suportava o álcool.

Esse respeito vinha da idéia que tínhamos de que, viajado, o Cruz e Sousa seria o portador de coisas novas, por nós ignoradas, pois não conhecíamos senão os nossos queridos românticos. De palavras esfuziantes, quantas vezes ele nos criticou a idéia de fazermos recitativos piegas, com palavras de amores falsos, sem o rutilamento da realidade.

Vinha de percorrer cidades, ao sul e ao norte, e seu espírito havia percebido outros modos nos versos e na prosa, onde as idéias novas se chocavam com outras que por fim se uniam para formarem mundos de labores eternos.

Felizmente penitenciei-me de haver feito um recitativo de dez quadras apenas, o qual voou para o Rio Grande, com um circo de cavalinhos e nunca mais voltou, o qual talvez corra ainda, por este mundo de Cristo, com outra paternidade.

Eu nunca cantei, nunca tive voz para cantar, nem ouvidos para as notas musicais, mas nem por isso deixava de gostar da música, que, em mim, vibra de uma maneira misteriosa.

Quando ouço música sinto a alma arrebatada a regiões ignoradas e desconjunto-me todo ou fico parado diante da sua alegria, ou choro ou rio, diante da sua tristeza.

Não me compreendo quando ouço música, seja vinda de instrumentos feitos da luz do sol ou vindos da frieza da lua velada. Para-se-me o coração diante da música e às vezes se sacode numa vibratibilidade elétrica, encorajando-me para os maiores triunfos, seja para me fazer subir montanhas abruptas ou descer às profundezas do mar, ou de lutar braço a braço contra todos os meus inimigos.

Diante da música, ou recordo todas as atormentantes fases da minha vida passada, ou sinto o coração cabriolar como um palhaço. Umás vezes me sinto humilde como uma ovelha; outras vezes impetuoso como um leão solto num campo vasto.

Sem meios para viver, entrei para a tipografia do Jornal do Comércio e aí permaneci algum tempo, embora contrariado, porque a arte gráfica muito me atormentava o espírito.

O que maiores tormentos me dava era a obrigação que eu tinha de ver passar por minhas mãos os escritos de homens falsos, de idéias mesquinhas, que se tornavam, nesta terra, gratuitamente, inimigos do querido poeta Cruz e Sousa.

E quando se tratava de políticos, eu tinha por eles tal aversão que chegava a clamar contra Deus por não vê-los queimados em vida, na praça pública.

É que me enojavam os seus caracteres, principalmente quando os escritos vinham sob a má cara miserável do anonimato, e quando, no outro dia, eu encontrava os seus fabricantes de braços dados com os seus próprios inimigos, na maior das misérias, qual seja a falta de pundonor.

E também me assaltavam a alma, como ladrões de estradas, nas emboscadas atrás do pau, os que vinham de encontro às minhas amizades e às minhas idéias literárias, dentro dos quais se encontravam o Cruz e Sousa, o Santos Lostada, o Horácio de Carvalho, bem como os de fora dos limites da província, como o Moreira de Vasconcelos, o Isidoro de Castro e muitos outros.

Uma noite, achava-me compondo o soneto "Astrólogo" de Cruz e Sousa e eis que, por trás de mim, um literato da terra, que se tinha por uma grande capacidade, disse uma asneira a respeito da idéia assaz maravilhosa desse soneto.

– Não admito, disse-lhe eu, que você repita o que disse. E se repetir quebro-lhe a cara.

Ninguém imagina o alvoroço que se estabeleceu na sala da composição, de tal modo medonho que eu estive quase a ser despedido da tipografia se não fosse a falta de coragem do gerente.

E muitas outras coisas passaram-se assim, nessa luta vigente contra os fabricantes de literatura dessa Capital provinciana, os quais se distinguiam sordidamente pela pequenez dos seus cérebros.

No anonimato é que eram grandes. E tanto o foram que no anonimato ficaram, sem que haja quem, no momento atual, deles se lembrem sequer com um Padre Nosso.

Terra atrasada, hoje, naquele tempo o que não seria, com as suas misérias, de agachamento de sapos ou rastejamentos de lesmas?

Dos que mourejavam na imprensa diária, de 1883 para trás, só ficou o vulto magnânimo de Duarte Schutel, pelo seu belíssimo coração e pela sua inteligência moralizadora; e de 1883 só ficaram o Dr. Gama Rosa, o Cruz e Sousa, o Várzea, o Santos Lostada e o Horácio de Carvalho, bandeirantes espirituais e denodados na devastação das brenhas da estupidez. E a estupidez era tamanha nesse tempo que o próprio Cruz e Sousa chegava a dizer que se tivesse de escrever um livro sobre esta terra, falaria tão alto como as torres da Matriz, para unicamente explicar aos seus habitantes a significação da palavra burrice. Entretanto nesta cidade existiam verdadeiros patriarcas de bondade, de magnitude, de nobreza. um simples pintor de casas, e como a do Júlio Pereira, que muitas vezes fora secretário da Presidência; e alma como a do Joaquim Firmo, verdadeiros espelhos de cristal. E o que direi do Wenceslau Martins da Costa, do Major Afonso de Albuquerque Melo, do Ângelo Cameu, do José Narciso de Sousa, do José Silveira de Sousa, do João Cristóvão de Melo, do Ernesto Viegas, do Joaquim Martins Jaques, do Antônio L. do Livramento, do José Maria Cidade e de muitos e muitos outros?

Desse modo, nessa tristíssima situação das lutas contínuas, vivia eu seguidamente, e mal tinha o tempo necessário para me entregar a estudos sérios.

E mesmo o dinheiro ganho nesse trabalho, que se estendia das oito horas da manhã às horas mortas da noite, com um pequeno intervalo para o jantar, era tão exíguo, tão mesquinho, que mal dava para comer.

Por isso, nessa aflitiva contingência, eis-me a ocupar os domingos e dias santificados e os feriados, em confeccionar por minhas mãos, as minhas próprias roupas de uso, talhando-as e cosendo-as à máquina, em casa da Carlota, uma mulher muito boa, que havia sido escrava de meus pais.

E era nessa casa humilde que eu também lavava os meus colarinhos e punhos e as muitas camisas de uso nos dias de trabalho, reservando as noites para me entregar à escrita, faturando versos e prosas.

Eu comia, às vezes, em casa da Maria das Velas, e às vezes em casa do meu cunhado Marciano Soares, sempre atormentado pela carência de tempo, que não podia perder, para não entrar em absurdas multas na tipografia. Nessa tipografia onde só se marcava a hora de entrada e nunca o tempo de saída!

Aí estive até o dia em que, revoltado por uma charge escrita nesse jornal, sobre o Cruz e Sousa, tive que abandonar o trabalho, em seguida a um charivari dos diabos, por mim feito na sala de composição contra um idiota que, com ares de literato, chegara do norte e tomara conta do jornal, na qualidade de colaborador, com absoluta liberdade de enxotar da nossa querida terra, os seus filhos mais ilustres e belos pelo talento e nobreza de caráter.

Voltando de novo dos Coqueiros, atirei-me à vida da lavoura, fazendo retinir a enxada e vibrar o machado, para poder manter minha subsistência e a de minha família. E, embora mergulhado nesse trabalho rude, a minha saúde tornou-se de uma têmpera de ferro, e o meu espírito mais lúcido e emotivo.

Não me esquecendo das praias, eis-me por elas afora, de cabelos soltos ao vento e peito e braços expostos ao perfume das suas ondas verdes, ora ao sol que enchia tudo de chamalotes de ouro e prata, ora ao luar, cuja luz diáfana e doce se estendia como um óleo sagrado, quer por essas ondas, quer pelas folhagens dos cinamoeiros pintalgados de pequenas flores roxas, como vindas das mágoas veladas da lua.

De tarrafa aos ombros, percorria esses lugares, à pesca de alguns peixes, e muito me encantava a riqueza nababesca da fosforescência das águas, a qual, em turbilhões de pequeninas contas roçava-me as pernas e enchia o seio da tarrafa, como se eu ali estivesse apenas para pescar ouro e berilo em pó.

E, em muitas dessas noites, vi-me nos braços de Maria, a alma encantadora que, por esse tempo, continuava a enriquecer-me com seus carinhos inefáveis e a dar-me o mel delicioso dos favos da sua boca.

Sempre encantadora e cada vez mais linda, disse-me ela, numa noite: Sou mãe.

Conheci o Cruz e Sousa quando eu tinha 6 anos e ele 8, e estudava as primeiras letras em casa da professora Camila, à rua dos Ilhéus, hoje Visconde de Ouro Preto, ao lado esquerdo de quem sobe.

A professora era comadre de minha mãe e morava numa casa de nossa propriedade.

Um dia em que lá chegamos, encontramos sentado, em companhia de alguns rapazes e raparigas, numa esteira ao meio da sala, um crioulinho muito simpático, de testa espaçosa, olhos vivos e atraentes, lábios grossos e dentes de uma alvura de marfim brunido.

Soavam as 12 badaladas do meio dia, e ele e todos os seus camaradas levantaram-se um a um, deram as suas lições, rezaram em coro um Pai Nosso e saíram para voltarem de novo às 2 horas.

– Viu a comadre Bela aquele crioulinho de olhos muito vivos, que acabou de sair? Perguntou à minha mãe a professora Camila, pois é o mais estudioso dos meus discípulos e o mais obediente.

Não imaginava a sua comadre Bela como ia de vento em popa aquele seu discípulo, não tardando muito a retirar-se da escola por não ter a sua professora mais o que lhe ensinar.

Minha mãe ficou admirada da habilitação do rapazinho e convidou-me a estudar com ele, para que tivesse, no futuro, uma vida igual à que desde já se afigurava para ele. Mas, cheia de piedade, acrescentou:

– E o meu filho, comadre, que é tão doente...

Desde esse dia, porém, nunca mais vi o Cruz e Sousa senão em nossa casa, quando morávamos à rua do Vigário, hoje Fernando Machado, e já era viúvo o meu pai.

Tinha ido cobrar uma dívida a meu pai, da casa comercial do Camilo, vendedor de charque de Montevideú, num dos compartimentos do mercado, do qual era ele, o Cruz e Sousa, caixeiro cobrador e mesmo de balcão, em 1881.

Trajando um fato muito unido ao corpo, de cor clara e salpicos azuis e amarelos, ei-lo com uma rosa branca à lapela, e a sua indispensável bengala de junco, dependurada à curva do braço esquerdo.

Jovial e encantador, conversava a respeito do Marechal Guilherme, de quem meu pai era muito íntimo, quando apareci, para recuar em seguida, à porta que dava para o corredor da casa, no interior.

– Venha cá, meu filho, venha apresentar-se ao Cruz, ao nosso querido poeta.

E foi por essa ocasião que eu e o Cruz, pela primeira vez nos falamos e as nossas mãos se tocaram num largo e demorado aperto.

Aproveitando o momento, falou-nos o Cruz no notável artista Simões, que por esse tempo se achava na Capital, com a sua companhia dramática. E seria bom que aproveitássemos o espetáculo que o Simões anunciava em seu benefício, no qual, ele, o Cruz e Sousa, saudaria, em versos de sua lavra, o querido artista.

E fomos, na noite do sábado próximo, ao teatro. Achava-se o teatro completamente cheio, e o Cruz e Sousa, num dos intervalos, subindo numa cadeira, começou a recitar umas décimas oferecidas ao ilustre artista, num tom majestoso de voz clara e emocional.

Choveram as palmas, numa repercussão vibrante, por todo o teatro, mas não deixou de haver quem, no camarote, em que me achava com meu pai, dissesse aos nossos ouvidos, baixinho:

– Que atrevimento de negro! Não acham?

E quem nos disse essa frase era irmão do maior poeta catarinense, Luís Delfino, para cuja direção caminhava, já por esse tempo, o inigualável Cruz e Sousa.

No outro dia pela manhã, entrava-nos em casa o professor jubilado Angelo de Almeida, fazendo comentários sobre a festa. Disse-me meu pai:

– Prevejo um triunfo enorme para o Cruz, pela razão de lhe atirarem pedras desde já, os invejosos. Será um Santo Estevão, mas vencerá na glória.

Desde esse dia, em que nos encontramos em nossa casa, eu e o Cruz, nunca mais nos separamos da amizade que nos unia esse longo e demorado aperto de mão.

O Cruz e Sousa era de estatura mediana, e o seu andar cadenciado, de um porte atraente, maneiras nobres e delicadas.

Seus grandes olhos negros em um fundo de opala guardavam doçuras inefáveis, mas possuíam quase sempre um certo quê de tristeza. Eram um misto de sol e de luar.

Suas mãos eram muito bem feitas e esguias, de dedos lisos e em cada curva das unhas delineava-se-lhe a metade de uma lua alvíssima, em miniatura.

Não tinha o cabelo de todo encarapinhado e repulsivo, antes um pouco aveludado, macio, e nem o seu bigode era áspero como o de quase todo negro.

Usava a barba seguidamente escanhoada, aparecendo-lhe as faces e o queixo sempre lisos, sem nenhuma protuberância.

Nunca saía à rua sem os sapatos completamente lustrosos, preferindo gastar com eles o último dinheiro que tivesse, embora lhe faltasse para o café, o qual ele, no entanto, saboreava muitas vezes ao dia, bebendo-o aos tragos, como se bebem licores.

– Sem os sapatos lustrosos, dizia ele, fugiam-lhe as idéias e a sua vida tornava-se como a do pavão, dessa ave simbolizadora da vaidade sobre um monturo de misérias e decepções.

Preferia andar só do que com pessoas que com a sua alma não vibrassem nas mesmas percepções das coisas da vida, que ele tanto sabia sacrificar na irradiação do seu ideal.

Nunca lhe percebi uma mentira, nem mesmo por brincadeira, e nem intrigar a quem quer que fosse.

Humilde para os humildes, manifestava-se, no entanto, austero para com os grandes, afastando-se deles com um gesto de altivez, ou subjugava-os com o seu olhar que às vezes se tornava como uma funda da qual saíam pedradas como arrancadas dolorosamente que feriam.

Nunca deixou de passar pelo meio dos grupos que o apedrejavam, com receio de que fosse ou viesse, e os cumprimentava sorridente, orlado pela glória de suas virtudes.

Certa vez vi-o subjugar com um gesto de mão e um golpe de olhar, o Oscar Rosas, a esse indivíduo que se dizia seu amigo, e cujo corpo forte e robusto lhe dava aspectos de valente.

– És um covarde, um miserável, disse ele, numa manhã ao Oscar. E o Oscar engoliu tudo isto e não tugi.

É que entre a alma de ambos existia uma distância bastante grande e inconfundível.

Amando os de sua raça, por eles bateu-se heroicamente pelos jornais, sacrificando até sua própria saúde, pois trabalhava até horas mortas e ia para casa muitas vezes, debaixo de chuva torrencial e fortes ventanias inverniais, sem temer a distância das ruas por onde teria de passar, apenas acompanhado de uma bengala de onde destacava-se a cara de um pierrot.

E a sua casa ficava no Largo São Sebastião, na Praia de Fora, tendo antes morado, durante alguns anos, à rua 28 de Setembro, junto à casa de um padre italiano, muito usurário e porco, mas que emprestava ao poeta as obras completas de Dante, as quais eram pelos dois seguidamente lidas.

E Cruz e Sousa sabia de cor muitos sonetos de poetas italianos, recitando-os nessa mesma língua, com uma dicção admirável.

E conquanto admirasse também a literatura espanhola, não gostava porém dessa língua que lhe parecia mentirosa, cheia de coisas absurdas na sua pronúncia.

– Embora conhecesse o espanhol, dizia ele, com muita graça, quando algum idiota lhe falava dela: – Do espanhol só conheço Dom Quixote. E gesticulava os braços como se lançasse ao

sol para derrubá-lo, algumas ameaças de mãos fechadas, talvez de cima de algum cavalo de pau ou de cima das asas de Ícaro.

Linda tarde de abril em que, pela primeira vez, foi o Cruz e Sousa visitar-me nos Coqueiros, na antiga casa de minha tia Felicidade.

Avistava-se das janelas da casa uma nesga de mar azul que aparecia entre as ramadas na estrada que se estendia em curvas de serpente de prata.

E a ilha das Vinhas lá estava, longe, com as suas pedras abruptas, como as ruínas de um templo antigo, sobre os quais o sol estendia piedosamente os seus mantos chamalotados de ouro e cristal.

Perto da casa, logo abaixo, corriam as águas de um rio numa serenidade de música sacra, de violinos e bandolins abençoados pelo perfume dos mentrastos e do alecrim.

Ao lado estava a pastagem verde, de esmeraldas compactas, pospontada aqui e ali de brancuras florais de cicuta, de sempre vivas e de trombetas que se abriam em grandes jarros dentro dos quais as abelhas zumbiam, sugando-lhe o pólen de ouro fecundante.

Um as quatro vacas se nutriam de grama alta, tesourando-a com a língua áspera, e os seus úberes regurgitados de leite que os terneiros de quando em quando mamavam, deixando cair, do canto da boca uma espuma branca, muito cheirosa.

Eram as nossas vacas, em cujo dorso a luz da tarde luzia como azeite doce, dando-lhe uma frescura belíssima de saúde.

O Cruz e Sousa amava os animais vacum, encontrando nos seus olhos meigos, espelho da humildade e da resignação, expressivos na cor das ametistas e das opalas, símbolos da noite e do dia, do sofrimento e da alegria. E a carga no guacho desses animais lhe pareciam a cruz pesadíssima que cada um deles carregava no caminho do destino.

– Talvez mais pesada do que a do homem, dizia o Cruz e Sousa. Sim, porque esses animais só dizem pelos olhos o que sentem; e os homens, só nos dizem tudo pela palavra falada ou escrita, ou pelos gestos.

Encantado pelo que via, sentiu-se feliz nessa tarde, passando toda a noite comigo, na velha casa da minha tia Felicidade, uma velhinha de mais de 80 anos de idade. Nessa casa não havia para alumia-la, senão uma lamparina de folha de querosene, e torcida de algodão. Bem a um canto aparecia uma mesa de jacarandá, bastante antiga, e no outro, um meio alqueire de cedro, que servia para medir a farinha no engenho que ficava ao fundo.

E nessa noite Cruz e Sousa escreveu, em cima desse meio alqueire, lindos sonetos, em manga de camisa e descalço, em plena liberdade, vibrando de alegria.

Fomos para a cama à 2 da madrugada, e às 6 estávamos de pé, em caminho de uma cacimba onde lavamos o rosto numa água muitíssimo fresca, à sombra das bananeiras cujas folhas o vento agitava, recortando-as em pequenas fitas verdes. E fomos, em seguida, ao café que fumegava num canjirão de barro, numa mesa tosca ao meio do engenho, depois de sugarmos uns copos de leite fresco e espumante, tirados ao apoio das vacas presas ao palanque, no lado esquerdo do engenho.

E como nos achávamos desempregados, passamos juntos alguns dias e nesse período de tempo escrevi os meus "Madrigais".

Passamos numa intimidade de irmãos, nessa casa, um mês inteiro, sem perdermos um dia de ler e escrever.

E como chegasse o mês de maio, chegou o tempo da farinhada, tendo Cruz e Sousa se identificado com os homens da roça, que vieram trabalhar no nosso engenho, atulhando-o de sebes cheias de mandioca que era raspada à noite, a um canto. Enchiam-se os balaios e colocados na grande roda que a "Briosa", uma vaca de pêlo tostado, carregava rodando no andaime, sobre o forte e musculoso guacho e de olhos vedados por duas conchas de capim tecidas de fios de algodão.

Afluindo ao engenho muitos rapazes e raparigas, o Cruz e Sousa os cativava de uma maneira afável e todos lhe queriam bem.

Por uma dessas noites lá estive minha prima e estabeleceu-se um torneio de cantigas, um verdadeiro sarrabalho.

Contei, então, ao Cruz o que existia entre nós dois, entre mim e essa rapariga, falando-me então Cruz e Sousa de sua Pedra, a quem ele queria longamente, tencionando casar com ela.

A Pedra morava, nesse tempo, na cidade, no caminho abaixo do cemitério público, perto da Fortaleza de Santana.

Quando o Cruz regressou à cidade, levou consigo uma grande quantidade de versos, pois ele os fazia com espontaneidade admirável, sem uma emenda não reservando lugar e mesmo à luz do luar para não perdê-los do pensamento.

E o que mais inspirava o poeta era uma folha de papel branco riscada de azul, papel comercial, muito usado nesse tempo.

Bastava aparecer-lhe diante dos olhos uma folha de papel em branco, para o poeta, desviando-se de qualquer conversa comum, enchê-la de versos, numa rapidez que invejava. E para escrever, começava a acarinhar o queixo com os dedos e a fitar o espaço, como se do

espaço lhe descessem todas as idéias, à hora em que os astros parecem meditar como as almas.

Eram-lhes também, os dias de chuva tamborilante, muito propícias à sua meditação, levando ele horas inteiras a escrever em êxtase, numa alta concentração espiritual, de asceta.

Sucedendo-se seguidamente as suas visitas à nossa casa, nos Coqueiros, ali gozamos todos os encantos desse lugar abençoado, ora nós dois sozinhos e ora com o Carlos Farias, e muitas vezes fazendo-nos companhia a minha saudosa prima, que muito gostava de nos ouvir falar de literatura.

Por esse tempo lá se achava também conosco a Julieta, uma rapariguinha de três palmos de altura, muito bela, filha de minha prima e cujos olhos, diziam todos, eram bem parecidos com os meus.

Atrás da matriz da Capital, à rua Arcipreste Paiva, morava o nosso velho amigo José Joaquim Lopes, filho do antigo Mestre Lopes, de tão recordada nomeada, por ter sido o professor primário das maiores notabilidades catarinenses. E era de uma casa alta, de janelas amplas e portão ao lado esquerdo, que saía à publicidade um periódico bi-semanal, intitulado "Tribuna Popular".

Essa casa de trabalho tipográfico era o verdadeiro cenáculo de nossas idéias e de onde atirávamos a público os amplos balões de ensaio do jornalismo e da literatura, numa barbaridade de forças novas.

Dali saíam as lanças de combate, as quais, em riste, iam cair de encontro à testa dos que, de fora, pelos cafés e pelas sombras das árvores seculares da Praça da Matriz, nos apedrejavam e procuravam nos ridicularizar.

Mas lá estava o Cruz e Sousa, e com ele o Várzea, o Horácio de Carvalho, o Santos Lostada, e o escrevinhador desses riscos de tinta, todos a postos, numa intimidade de irmãos inseparáveis.

E a "Tribuna Popular", às quintas e aos domingos, batia asas e voava pela cidade inteira, como um pássaro para nós solto, e para os nossos adversários, um verdadeiro fantasma de tentáculos de polvo, que os prendiam, sugando-lhes o sangue das artérias congestionadas da estupidez.

Tínhamos tanto cuidado com a perfeição do jornal que, muitas vezes chegamos a recusar publicações a pedido, que não estivessem redigidas a nosso gosto, acontecendo isso também com os próprios anúncios. E nenhuma notícia aparecia no jornal, fosse sobre que assunto fosse, que não tivesse um cunho de originalidade.

Sobre a sepultura dos que morriam, ora na flor da idade, nos primeiros dias do seu rejuvenescimento, ora alcançados em anos, coroados de neve, lá iam pairar as nossas notícias, àqueles levando as rosas brancas e perfumadas e a estes os goivos magoados da nossa saudade.

E quanta gente ignorada, que nunca tivera no mundo a consolação de uma palavra amiga, no dia de sua morte, levado no caminho do barro vermelho do cemitério público, talvez muito resignado e muito feliz quando lhe dedicava uma notícia carinhosa, escrita pelo Cruz e Sousa e pelo Virgílio, como sendo a única glória alcançada no mundo pelo humilde e ignorado morto.

De uma velhinha, já bastante encarquilhada, com os pés preparados para a cova, ouvi, uma vez o seguinte, quando ela, de óculos na curva do nariz, lia na "Tribuna Popular", uma notícia sobre o falecimento do Zabumba, cujo ofício era pelas portas tirar esmolas para as almas:

– Felizes os que partem consolados dessa maneira, pelas palavras do João da Cruz!...

E eram todos muito felizes, porque as notícias que dávamos sobre os humildes que partiam de um mundo tão cheio de misérias, serviam de missivas a Jesus, através do espaço azul que as suas almas teriam de atravessar para galgarem a serenidade consoladora dos astros.

E por isso, não compreendendo o povo desta terra, naquele tempo, a independência de caráter e intelectualidade, expostos em as suas colunas, a "Tribuna Popular" tinha quase sempre a sua edição miseravelmente vendida, ou devolvidos muitos dos seus exemplares sob ameaças escritas a lápis vermelho, de nos chicotearem em praça pública, os vilões desta pobre terra catarinense.

Durante a luta pela abolição dos escravos, a "Tribuna Popular" não media esforços para alcançar o seu desiderato, achando-se sempre na estacada, à sua frente, intemeratamente, o Cruz e Sousa, como o único capaz de defender os homens da sua raça, sem negarmos o quanto trabalhavam, também, com vigor e talento, o Virgílio Várzea e Santos Lostada, impertérritos defensores da santa causa.

O Cruz e Sousa, por este tempo, dava-se também à prosa, burilando, a seu modo, lindas páginas e publicando-as, quer na "Tribuna Popular" quer nos Jornais de São Paulo, principalmente no "Mercantil", e em cuja redação se achava o belíssimo espírito de Eduardo Sala.

Repercutindo lá fora o seu nome de artista do verso e da prosa, os que o conheciam e aqui apontavam, em vez de procurarem os obscuros, procuravam logo, de braços abertos, o querido poeta, bem como os que o acompanhavam na santa cruzada.

E só bastava isto para que o escândalo surgisse, na cabeça dos invejosos.

E quando em carruagens de toldo descido, passeávamos com os nossos visitantes pelas ruas da cidade, em largos gestos de verve, ninguém imagina do que éramos taxados:

– Lá vão os malucos! Lá vão os malucos! gritavam os nossos adversários, bêbados de inveja.

Mas nenhum deles tinha a coragem necessária de nos agredir. E se a tivesse, ai deles, coitados!

Só um entretanto, por mais pimpão, tentou agredir o Várzea, no lugar onde hoje, talvez por ironia, se acha a herma do Cruz e Sousa, mas foi logo repellido a guarda-sol.

Achávamo-nos todos nós na redação da "Tribuna Popular" inclusive o Lopes Júnior, com o seu ar bonacheirão, faces tímidas e olhares velhacos, quando o Cruz e Sousa, há pouco chegado da Praia de Fora, abriu o paletó e lhe tirou do bolso de dentro umas tiras de papel comercial, nas quais a sua letra muito linda e sempre uniforme, brilhou aos nossos olhos ávidos de curiosidade.

– Eis aqui, camaradas, um conto que acabo de fazer, disse ele sorrindo, enxugando ambas as mãos num lenço branco cheirando a violeta, que era o seu perfume predileto.

Era realmente um conto e intitulava-se "A Felicidade", no qual o poeta escrevia os episódios da vida íntima de um rico casal de alemães que moravam num palacete à beira mar, numa das praias da Ilha, para dentro de um luxuriante jardim, de onde surgiam belíssimas rosas e se estendiam aveludadas tapeçarias de verdura.

O alemão de uma nobre estirpe, bem como a sua esposa, julgava-se o homem mais feliz da terra; mas, numa bela manhã, ei-lo encontrando a sua linda companheira de felicidades, em adultério com o criado mais boçal e feio das suas cavaliariças.

Lido o conto entre os mais vivos aplausos, passou-o o Cruz às mãos do Juvenal, para compô-lo, porque a "Tribuna" sairia no dia seguinte.

– Negro cachorro! Negro atrevido! Negro canalha! Era a gritaria infernal que de todos os recantos saía; que o jornal aparecesse.

Forjava-se, pois, uma luta titânica contra o nosso grupo, sendo a figura mais almejada a do querido poeta. E por quê? Porque as personagens do conto do Cruz eram louras e de olhos azuis, alemães natos, que tinham vindo morar na Ilha de Santa Catarina à beira mar, num rico palacete rodeado de árvores agasalhadoras, para dentro das grades prateadas de um jardim do qual se destacavam as flores mais belas e cheirosas da terra.

Acusavam-no de haver ofendido um casal de alemães que moravam em frente à sua casa, num recorte de praia alvíssima, em cujo tofo de salgueiros trinavam coleiras e canários, sob o fulgor cristalino dos dias de sol.

Não podendo os literatos desta terra, e os que os seguiam, indispô-lo com os seus próprios conterrâneos, procuraram, por essa forma, indispô-lo com a nobre colônia alemã, da qual o dono desse palacete era cônsul.

Não tardando pois, o ódio de muitos patrícios desse belíssimo casal de intrigá-lo contra a pessoa do Cruz e Sousa, ei-lo formando uma argamassa perniciosa com os dementes da terra catarinense e a colônia alemã, em peso, levantou-se contra o poeta, atirando-lhe as mais sinistras pedradas.

E houve quem nos viesse dizer que até o próprio cônsul, homem espadaúdo e forte, de enormes manoplas, que montava um cavalo puro sangue, esperava o poeta, à Praia de Fora, para lhe quebrar a cara a chicote!

Prevenidos que fôramos, não deixamos o Cruz ir sozinho para sua casa, embora tivéssemos a certeza de que tamanho atrevimento, tão vil ousadia, tão sinistra ousadia não devia ser levado a efeito.

E se o fosse, bastaria a energia do poeta para pô-las fora do seu sinistro caminho.

O poeta não era covarde.

Nada aconteceu, porém, contra o nosso amigo, porque, raciocinando, o alemão achou que tudo quanto haviam dito, não passava de uma miséria.

O poeta não era miserável, não possuía uma alma rastejante como as lesmas. E não podia possuí-la dessa forma, dentro de um coração magnânimo, afeito a todas as nobrezas.

O poeta não intrigava e não mentia.

Mas, para que fosse esclarecida a verdade, o poeta, no número seguinte da "Tribuna Popular" explicou ao povo de nossa terra o modo do seu sentir diante dessas afirmações, a amizade e o respeito que o prendiam a esse casal de cujo chefe, ele tantas vezes merecera a alta distinção de lhe emprestar livros de Scheller, de Goethe e outros intelectuais alemães, onde o poeta iluminava o seu talento.

Mas mesmo assim, com todos os esclarecimentos a respeito do equívoco forjado pelos seus inimigos, continuavam estes na mesma faina de difamações, nas mesmas pedradas, nos mesmos apodos.

Semanas depois partia o poeta para o Rio de Janeiro, levado até o embarque, pelos braços dos seus amigos íntimos, da cruzada de alegrias e sofrimentos.

Voltando aos Coqueiros, fui de novo gozar os aspectos maravilhosos e o seu clima de ares salitrados e sadios, vindos das ondas maravilhosas das suas praias e levava a idéia de escrever um livro de versos e algumas páginas de prosa. Esta, porém, não consegui escrever, porque, conquanto os meus mestres de prosa fossem os dos meus camaradas, eu sempre me achava em dúvidas sobre o meu valor e sobre o seu acolhimento.

Envergonhava-me quando, por acaso, saíam-me da cabeça uns pedaços de prosa, achando-a eu sempre desconexa e vazia, embora lhe desse eu todo o meu esforço e procurasse vesti-la dos mais belos adjetivos. E ainda com vergonha, nunca mostrei ao meu querido Cruz e Sousa, a prosa que eu escrevi às ocultas e medrosamente, quer nos Coqueiros e quer mesmo, mais tarde, em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Entretanto, os versos me corriam bem, espontaneamente, sem que, para fazê-los, ficasse eu com a cabeça atordoada nem mesmo ao de leve; e quando o Cruz não se achava ausente, ei-los todos nas suas mãos e por ele lidos com carinho, com afeto fraternal.

E quantas vezes os olhos do Cruz se encheram de lágrimas, de alegria e de contentamento.

Amando a natureza virgem e os seus aspectos coloridos e emocionantes, comecei por transportá-la em versos, numa nova feição artística, embalado por um sentimento religioso, quase fanático.

Os versos saíam-me do cérebro em borbotões, numa caudal ininterrupta, de modo que a minha pena por fim já não escrevia, antes traçava verdadeiros hieroglifos, ou pernas de barata, sem me importar com os cortes dos tt, nem com as vírgulas.

Mas eu nunca escrevi, como ainda hoje, senão em papel bem alvo, e fechava os olhos ao meu desperdício com o qual lá ia diariamente o meu pouco dinheiro.

E, para escrever, descalçava-me, tirava o paletó, tirava o colarinho e a gravata, abria o peito da camisa, arregaçava as mangas e me deitava de ventre para cima e mãos em X, a cabeça aflita, ardendo em brasas, banhada às vezes, por uma suavidade fluídica.

Urdia-se-me então na cabeça o primeiro verso e com ele todo o conjunto do engenho, e pulava para a mesa de jacarandá ou para um canto qualquer, onde o papel estivesse estendido, na sua brancura de mármore e delicadas linhas azuis.

Acabado o trabalho, lia-o alto para a minha tia Felicidade ouvir, a pobrezinha sob cuja mão direita a roda da roca enchia o ambiente de ruídos e rodopios.

E se era noite alta e a velhinha dormia e ressonava sob seus lençóis de pano alvejado e cheiroso, nem por isso a minha voz deixava de ressoar pela casa.

– Vai te deitar, rapaz, senão acabas louco! dizia-me a boa velhinha, se se acordava com a retumbância da minha gritaria infernal.

Concluído o primeiro trabalho, eis-me de novo deitado e de novo me levantando para deixar sobre o papel outros versos.

Eu não gostava de escrever de dia porque a luz vibrante me entorpecia; antes preferia a luz tibia de uma lamparina de querosene.

E quantas vezes, quantas, escrevi meus versos à luz velada da lua, por me faltar a da lamparina, ou mesmo a de uma vela de vintém!

E quantas vezes também deixei de escrever por falta de papel, naquele tempo tão barato!

O Coqueiros era um lugarejo festivo, pois as portas de suas casas se abriam seguidamente aos ruidosos fandangos e bailes, onde uma mocidade folgazã dançava e cantava na mais viva alegria.

Sem ser amante da dança, eu, no entanto, muitas noites passei a dançar também, principalmente quando se encontravam nesses folguedos, as minhas raparigas amadas, namoradeiras dos meus olhos de moço. E só me achava feliz, nesses fandangos ou nesses bailes, quando neles se achava, junto ao meu coração palpitante, a minha querida prima.

É que por ela eu sentia um amor que cada vez mais se aumentava, amor que era verdadeiramente correspondido pelo dessa linda mulher, que me falava no seu coração como num talismã sagrado, dentro do qual a sua alma vivia nos maiores segredos.

Não era uma rapariga vulgar aquela sobre cujo coração o meu se agitava, desde o dia em que nos vimos pela primeira vez, quando éramos ainda meninos.

Flor mais bela desse lugarejo e a mais graciosa e inteligente, a minha prima enchia-me de encanto a minha vida, sem no entanto, deixar-me cheio de ciúmes.

Por sua causa, quando o ciúme me atormentava, empolgando-me o coração, quantas vezes tive de lutar contra os meus supostos rivais.

Por isso o bastante para me julgarem o rapaz mais forte do lugar e mais ágil, e temerem-me mesmo quando a razão estivesse ao meu lado. Entretanto era a minha prima de uma firmeza sem limites no seu amor, na sua amizade e nas correntes da sua simpatia pelo único bem que ela dizia existir no mundo para contemplação de sua alma sempre carinhosa e meiga.

Sacrificada em extremo pelas barreiras que se entrepunham entre nós dois; obrigada por circunstâncias íntimas de família, a deixar-se cair nos braços de um outro homem que ela

não amava, quase sempre que nos encontrávamos, ei-la com os lindos olhos negros marejados de lágrimas amargas, e com o coração oprimido entre soluços e as mãos trêmulas de emoção.

E se o seu amor, a sua amizade e a sua simpatia eram grandes e veementes, tudo quanto eu por ela sentia se revestia da mesma força e intensidade.

O nosso amor era de uma verdadeira loucura, e dessa loucura os meus versos brotavam como as árvores, as suas flores e os seus frutos brotam à beira de um riacho.

Do Rio de Janeiro o Cruz e Sousa escrevia-me seguidamente cartas de um rico lavoramento de ouro e cristal, e nelas se notava o frescor original que o poeta levava das terras virgens da Ilha e dos Coqueiros.

Falava-me o poeta tão amorosamente desses lugares, e com tanta saudade, que parecia vaziar nessas páginas toda a sua alma de artista, recordando os dias passados comigo e nunca deixando de falar nos atrativos da minha prima, nem nos da sua Pedra encantadora.

A saudosa amada do poeta morava, como já disse, perto do Forte Santana, numa rústica casinha de pau-a-pique.

Quando eu tinha alguma carta para lha entregar, pressuroso corria à sua casinha, ou quando não, ia ler as cartas que lhe tivessem chegado às mãos, pela pasta restante.

Que cartas adoravelmente belas! Que páginas lavoradas como as pratas dos altares! Que filigranas de ouro em sedas brancas e macias! Que lençóis de linho formando urnas de perfumes!

O poeta, nessas cartas, era o mesmo ourives, o mesmo operário, o mesmo artista e o mesmo coração.

Era nesse retiro, nesse refúgio, nessa solidão, que ele passava horas e horas esquecido das pedradas dos homens, só se lembrando do bem que uma alma pode sugerir a outra alma igualmente boa, gêmeas nas alegrias e nos sofrimentos, numa mesma comunhão de idéias, nos aconchegos de um amor divinamente puro.

Amavam-se serenamente, na maior amplitude dos sentimentos castos, num respeito recíproco.

E como do terreiro dessa humilde casinha se avistassem as serras emparedando o ocaso, quase sempre lavrado de ouro maciço num fundo de damascos rubros, e se avistassem as praias brancas, faixas de marfim, luzindo ao longe, pospontada de casas alegres, com vidraças refletoras, eles, o poeta e sua amada, pareciam Romeu e Julieta, esses corações que se espiritualizavam nas grandezas do amor.

O poeta não publicava versos nem prosa que não fossem primeiramente lidos e relidos à sua amada, à sombra pitoresca das pitangueiras que em redor desse casebre se abriam em

lindos pára-sóis e de cujos ramos verdes caíam frutos vermelhos, como enormes gotas de sangue.

E eu quantas vezes vi essa rapariga dar, com toda a franqueza da sua alma, uma opinião pró ou contra a muitos versos do poeta, os quais eram imediatamente reformados sob a fulguração bendita de um sorriso.

É que a alma do poeta, de tão boa e santa que era, enchia a todos que o rodeavam de uma irradiação inteligente e benéfica, como se fosse uma árvore da qual caíssem seguidamente frutos que de um momento para outro germinassem, crescessem e se tornassem ramos agasalhadores, pálios de sombra amorosa.

– Ah! se se casassem, que alegria a minha! dizia-me muitas vezes a mãe de Pedra. E acrescentava:

– Mas qual! A Pedra não é para o João. Tenho uns pressentimentos...

Realmente, anos depois, recebia a rapariga uma carta, na qual lhe dizia:

"Minha amada, se eu não puder casar-me contigo na vida, casar-me-ei na morte, quando tiver o meu espírito completamente livre das peias do mundo.

E não casaram.

Por uma tarde de setembro, em que os roseirais se vestem de variadas cores, sob uma luz espiritualizada de aromas, comunicava-me o poeta, por telegrama, a sua volta à terra natal, à terra hostil ao seu talento, às suas virtudes, mas que ele amava com carinhos e abnegação, como um justo.

Ancorado o pacote fomos buscá-lo a bordo, num frêmito de alegria e emoções.

Seus lábios vinham sorridentes, deixando ver-se-lhe os dentes claros e muito perfeitos, mas no fundo do seu coração, lá bem no fundo, havia um quê que fosse de mágoa abafada, talvez soluços.

Fora expulso da casa de Oscar Rosas e como não tivesse onde morar no Rio, voltava à Santa Catarina!

Mas, mesmo assim ferido, ave sem asa, ou de peito atravessado por uma seta, não escurecia o acolhimento e o agasalho que lhe dava, em sua casa, esse impenitente irmão da arte.

De ações violentas, sem ordem, sem disciplina, o Oscar quisera bater na mulher, e como o poeta interviesse, reprovando o ato, fora-lhe apontada a porta da rua.

E o poeta saiu, cabeça erguida na serenidade da justiça que acabava de fazer, sendo obrigado, porém, pela força das circunstâncias pecuniárias a meter-se num pacote e vir cair, de novo, nos braços de seus antigos companheiros.

E se não fora o Raul Hoffmann, mais tarde seu compadre, um rapaz alemão, muito bom e simpático e intelectual, o Cruz e Sousa teria ficado no maior desespero.

Esse rapaz morava em Botafogo, numa vivenda aristocrática, e uma vez, pelo bem extraordinário que queria ao Cruz e Sousa, levou-o, numa noite de aniversário, ao seio de sua nobre família, apresentando-o a ela, e ao grande número de convidados reunidos nos seus salões, sendo obrigado o poeta a dizer alguns versos de Henrique Heinc.

Nessa noite nenhuma mulher deixou de afagar o poeta, nenhuma deixou de ouvi-lo com admiração singular e lhe dar o perfume suave e doce dos seus colos.

Chegado que foi o poeta, como dissemos, ei-lo de novo na redação da "Tribuna Popular", mas desta vez mais vibrante, mais sacudido, mais lúcido e com maiores preparos intelectuais.

Perdoando o Oscar, perdoando-lhe as heresias, perdoando-lhe as anomalias, perdoando-lhe tudo, ofereceu-lhe as colunas da "Tribuna Popular" e começou a publicar-lhe umas crônicas sobre a terra que também servia de berço ao cronista, cujo talento vibrava em jarros de beleza.

E como numa dessas crônicas admiráveis o Oscar falasse das torres encomendadas da igreja de São Francisco e dos buracos da Praça da Matriz e das bancas do Mercado Público, sito na principal praça da cidade, e falasse dos literatos desta terra e das bragas dos crioulos e de todos os habitantes da Ilha, eis pegando fogo a alma dos inimigos de Cruz e Sousa, responsabilizando-o pelo sacrilégio que o cronista fazia à virtude beatífica de umas solteironas que moravam no Mato Grosso, chamadas as senhoras Bragas!

Compreendeu o povo que as bragas dos crioulos de todos os idiotas da Ilha, fossem aquelas senhoras Bragas tão cheias de virtudes e beatitudes, quer no aconchego do seu lar, quer pelas sacristias, quando elas, formadas em coluna de três, iam à confissão dos seus pecadinhos, se os tinham.

Novo barulho e novas pedradas! Mas nem por isso o poeta desanimava.

Combinamos, então, lançarmos à rua, acontecesse o que acontecesse o "Gil Braz", um pequeno jornal ilustrado, sendo eu o seu compositor e litografador, o qual aos domingos, pela manhã, saía esfuziante como um foguete.

Era nosso companheiro o P. Paiva, porque, aliás português, muito nosso amigo e cuja inteligência selecionava-se pela amizade que nos tinha, e ainda pela maneira de ir até o sacrifício para, ao nosso lado, formar barreiras inexpugnáveis.

Alto e magro, olhos azuis, faces rosadas, bigode retorcido, cabelo puxado ao alto, falar muito áspero, igual aos da sua terra, não nos deixava um momento, e sempre muito folgazão e destemido.

A redação do "Gil Braz" era na rua S. Francisco, hoje Marechal Deodoro; e tão vilmente nos queria mal muita gente desta terra, que, por muitas vezes tivemos de mandar lavar a porta da nossa casa, com as narinas abafadas pelo lenço.

O Virgílio Várzea que por esse tempo, sendo secretário da Capitania do Porto, só nos podia ajudar muito reservadamente, para não piorar da sorte.

Satírico violento, sacudido por uma verve eletrizante, de desancar os satirizados, o poeta, no momento do sacrifício, desfazia-se em gargalhadas, e parecia até que seus lívidos olhos gargalhavam também. Que troça, a da nossa vida! Que troça encantadora! Que boemia!

Não digo, entretanto, que toda a gente da terra fosse nossa inimiga, pois tínhamos outros amigos, outros rapazes que nos queriam bem e eram distintamente intelectuais.

O Aarão Ramos, por exemplo, caixeiro da loja de fazendas do Inocência Campinas, era um rapaz de talento. Conquanto nada escrevesse, sentia-se, no entanto, feliz na leitura dos bons livros e nos ajudava pecuniariamente.

Tínhamos o Ledio Barbosa, propagandista da República, tanto pela palavra escrita como pela fluente oratória, sempre muito bom, banhado de uma doce e meiga simpatia, nos olhos e nos gestos mansos, e na irregularidade de um sorriso que lhe dava às faces umas rugas engraçadíssimas.

E o João (?), esse belo artista, habituou-se a viver em nossa companhia, a falar dos nossos arrojos e das músicas do seu violão amigo, e do seu violino, e das suas serenatas na taverna do Ditão, à rua João Pinto.

E também o João Saldanha, empregado da Fazenda, muito dócil, alma serena e honesta, com uns olhos que eram dois lagos misteriosos, era nosso amigo, nosso camarada e nosso defensor.

E o Ernesto Viegas, que ao tempo em que rabisco estas linhas, ainda vive, como nos defendia!

Alto e magro, de uma cor morena de jambo maduro, olhos pensativos, faces cicatrizadas pela varíola, ei-lo ao nosso lado, coração vibrando como o nosso, alma contente ou chorosa como a nossa, firme e seguro do valor do nosso ideal.

Lembro-me também do José Seguí que muito beneficiava com o seu dinheiro o Cruz e Sousa, quando este se achava a tinir. Chamavam-no o Pombinha, por usar uma pombinha de marfim na sua querida bengala de pérola envernizada de negro.

Que alma boa, a do Seguí!

E assim, muitos outros rapazes eram nossos amigos e nossos destemidos defensores.

A casa do Cruz e Sousa ficava à Praia de Fora, à esquerda da Capela de S. Sebastião. Ensombra-na uma enorme figueira de largas e compactas ramagens verdes, onde trinavam seguidamente, ao sol, numa alacridade de guizos de metal, bandos de coleiras e canários, e por onde subiam ou desciam encantadoras carriças que a gente da terra chama de galinhas de Nossa Senhora. E verdadeiramente as carriças se parecem com pequenas galinhas, tanto pelo bater de suas asas cor de rapé, que se arrastam frementes, como pelo modo de se espojarem na areia das estradas, depois das chuvas de trovoadas, no estio.

À frente da casa havia um quadrado de bambus, dentro do qual floriam roseirais e jasmineiros, ao lado de enormes rosas verdes de alfaces repolhudas e de repolhos talhados em corações estuantes da seiva.

Contendo apenas duas janelas de frente e outra à esquerda, essa casa abrigava, no entanto, além de outros cômodos, um gabinete onde o poeta dormia e escrevia até altas horas da noite, de janela aberta a uma nesga do mar ora sereno como um grande tapete de veludo, ora encrespado e chamalotado de flocos de algodão alvíssimo que o vento norte eletricamente sacudia e vinha trazer à curva da praia acariciadora e boa, em uma eterna atitude de seio materno.

Era ali, nessa casa humilde, com a sua fonte de lavar à esquerda, talhada à sombra dessa grande árvore amiga, que nós outros, os seus amigos íntimos, íamos encontrá-lo à tarde, ou à noite, principalmente quando ao poeta faltavam calçados e mesmo alguma roupa, embora tudo fosse por ele tratado com a maior economia e zelo, na contínua escassez de dinheiro, na qual o poeta sempre se encontrava.

A vida do Cruz e Sousa, na intimidade do lar, sob o teto abençoado da família, sempre foi a de um humilde e resignado, na obediência cega que tinha aos seus progenitores; e nenhuma vez se levantava da cama ou se deitava que não fosse abençoado pelos seus velhinhos.

Conquanto muito pobres, pois vivia o seu octogenário pai, que pouco ganhava, em remendar telhados e remendar paredes, e a sua mãe em lavar roupa, de madrugada à tarde, na fonte à esquerda da sua casa, à mesa na qual o poeta fazia parte como filho. Não faltava um pedaço de pão sobre uma toalha de algodão corada à barrela, e muito cheirosa, sobressaindo-se sempre da sua brancura, um jarro repleto de flores, do seu quintal muito bem tratado.

O poeta alimentava-se sem precipitação alguma, saboreando aos poucos os alimentos, fossem eles quais fossem, muito bons ou muito maus. E a água que ele bebia aos goles, dava-

lhe ao paladar a doçura do melhor vinho, embora ele, o poeta, jamais tivesse pelo álcool a menor inclinação.

– Aniquilar o meu cérebro, a minha força, as minhas energias materiais ou intelectuais, pela ação do álcool, seria um crime.

E quantas vezes, no entanto, bebia eu diante dele!

– Não faças isso, Araújo, meu querido irmão, dizia-me ele, quando me via emborcar um cálice de caninha. E acrescentava: Os homens são dizem tantas coisas absurdas, quanto mais os que bebem.

E tantos conselhos recebi do poeta que acabei por não beber mais, conquanto nunca me embriagasse. E o pouco que eu bebia servia apenas para me fazer mais ágil nas pernas e na cabeça e nos murros aos adversários do poeta amado, meu irmão pelo espírito e pelo coração.

Na casa do poeta, no gabinete do seu trabalho diário, passava eu muitas horas a fio, numa camaradagem singular de despreendimento pela vida lá de fora, onde os nossos inimigos formavam alas de combates ocultos, à socapa.

O pai do poeta possuía a serenidade de um apóstolo. E a doçura das suas palavras, e a meiguice dos seus olhos, e os gestos das suas mãos estendidas como para acalmar qualquer ira que quisesse explodir, herdava-os o filho amado, por quem ele, o velhinho, se desvelava, ouvindo-lhe a leitura dos bons livros.

E quando a flama vibrante esfuziava, batia asas e voava ao dorso dos nossos inimigos, o velhinho fazia parte da nossa alegria e encantadoramente ria, ria fantasticamente, com o cachimbo a fumegar ao canto da boca.

Mas quem às vezes se incomodava era a Carolina, a sua mãe, muito recatada e convencional, temendo grandes desgraças dos brancos contra o seu filho.

E como andava ela seguidamente ao trabalho nas pedras da fonte, em conduzir roupas lavadas e engomadas à sua freguesia, não estava para perder o pão de cada dia pelas idéias do filho, o que, por várias vezes já tinha perdido em casas das senhoras S. e M. que a despediram com impérios, visando a petulância do crioulo em querer escrever pelos jornais, como os brancos.

Mas não era má a Carolina; apenas não queria que o seu filho, com as suas esquisitices, ofendesse os brancos dos quais ela tirava proveito com a sua lavação e engomação, seus únicos meios de subsistência numa cidade tão pobre de recursos.

É que se lembrava de lhe morrer o marido e ver o filho longe de casa, tendo ela de gramar dificuldades quando lhe fossem fechadas as portas em represália a tudo quanto o poeta

tivesse feito, em companhia dos amigos que não o poderiam valer, por serem todos sem eira nem beira.

E tinha razão essa pobre mulher, porque nesta terra, como ainda hoje, quem caísse no ódio de um, de fato, no ódio de muitos, devido à linha de parentesco entre as famílias, pois os FONSECAS, os SILVAS, os SOUZAS, etc. dos tempos de antanho, continuavam a ter sucessivamente, nas veias o mesmo sangue, embora mestiçados com escravos ou africanos. Mas o poeta, entretanto, continuava na sua serenidade, respeitando-a cada vez mais, cingindo-a de abraços, beijando-lhe as mãos cheirosas, vindas das águas frescas e claras da fonte, cuja quietude lembrava a de uma aluna pagã.

Em uma tarde de janeiro partia eu, inesperadamente, para o Rio de Janeiro, depois de açoitado por um porta voz daqueles que, já muito antes diziam, à boca cheia, que os cinco iriam, um a um, para fora, deportados, de forma a ficar a terra catarinense desinfetada.

E tantas intrigas teceram, tão vis intrigas sugeriram, que tocou-me a vez de ser o primeiro dos quatro bandeirantes a seguir rumo da barra, negando-se-me toda a justiça, todo o amparo, todo o carinho.

Falo apenas dos quatro, porque nesse tempo, o Santos Lostada morava em Itajaí, e exercia as funções de promotor público, anteriormente nomeado pelo Dr. Gama Rosa.

E assim fui eu barra a fora, em demanda do Rio de Janeiro, tendo ido receber-me a bordo do paquete "Rio Grande", o Oscar Rosas, e levou-me para a sua casa em Catumbi, onde hospedei-me.

Na noite do dia de minha chegada fui apresentado a Olavo Bilac, Raul Pompéia, Emanuel Carneiro e ao B. Lopes, em cuja casa fui bater com o Oscar, às 10 horas da noite, e de lá saindo às 3 da madrugada.

O B. Lopes interessava-se pela minha bagagem literária e eu, embora acanhado, recitei-lhe uns versos meus, da coleção dos Madrigais, livro confeccionado nos Coqueiros, no tempo em que a minha alma ali se expandia, asas abertas como uma ave álcree.

Carinhosamente abraçado pelo distinto artista do verso, singularíssimo na maneira de fazê-lo, tanto pela idéia como pela música, tive no entanto uma medonha decepção, quando lhe ouvi dizer serem os meus versos muito parecidos com os dele, anteriormente publicados em livro.

Na verdade, os meus versos tinham muita semelhança com os do poeta, se bem muitos distanciados fossem na coloração dos seus adjetivos, e no filigranento das suas rimas. Mas eu não o imitei, pois nunca vira, nos Coqueiros, verso algum do poeta, nem mesmo o conhecia de nome.

Entretanto, uma vergonha dominou-me de tal forma o espírito, que desde esse tempo, nunca mais escrevi um verso que se parecesse com os do poeta, pois nunca admiti esta ou aquela escola para os meus versos, escritos unicamente à minha vontade, e espontâneos como a minha alma pagã, vivendo sem peias, na liberdade dos campos.

O poeta era um rapaz muito alto, moreno, de cabelos negros como as asas da graúna, olhos também muito negros e aveludados, e sempre úmidos, boca de lábios grossos e sensuais, peito largo e espadaúdo, braços vigorosos e andar de sacudidelas bruscas e contínuas.

Usava fraque de cor cinzenta, salpicado a roxo e vermelho, gravata encarnada, larga e comprida, caída quase até a cintura, esvoaçava ao vento como asas de pássaro surgido de um rio de sangue.

Abria-se-lhe a boca em vibrantes gargalhadas sonoras, como se fossem pratos de cristal que se quebrassem; e quando gargalhava assim, atirava com a testa larga, cheia de sinais de varíola, ou puxava a barba a nazareno, que lhe emoldurava com simpatia o queixo carnudo e bem torneado.

Gostando imensamente da pinga que ele saboreava aos goles, com a cabeça de lado a lado, em belas atitudes e requebros do olhar, ei-lo a aguçar o apetite, de maneira que já na primeira noite em que estive em sua casa, esqueci os conselhos do Cruz e o que eu lhe havia prometido, em meu benefício físico, moral e intelectual.

– Um artista deve beber, dizia-me o poeta, para ter alma alegre e bizarra, no mundo de tantas misérias e decepções.

– E se os pássaros, um dia, não encontrassem fontes, nem pérolas de orvalho nas corolas das flores, certamente passariam a beber como eu bebo, como nós os poetas deveremos beber, porque aqueles são igualmente poetas como nós somos.

À casa do poeta afluíam outros intelectuais, principalmente em dias de bodas, e comia-se ali riquíssimos manjares, e bebia-se delicados e saborosos vinhos, em taças de variadas cores, adequadas ao sabor.

E nenhum guardanapo estendia-se sobre as toalhas brancas sem ter em seus ângulos uma quadra do poeta, ou um soneto, sobre o motivo do festim.

A profusão das flores do jardim do poeta era tanta, por todos os recantos da casa, desde à sua entrada à cozinha, que o perfume dessas flores chegava a entontecer.

E o poeta gritava, rindo:

– Bebamos vinhos, perfumes e músicas. Que Noé nos assista. Viva la gracia! Viva la gracia!

E todos bebiam vinho, perfumes e músicas, nessa casa alegre, em que a alma do poeta cantava como os canários do Reino, presos em gaiolas douradas, cantavam do teto ou das janelas por onde a luz entrava acariciadora.

O Oscar Rosas possuía um talento admirável de fecundação de raridades de arte, sabendo-as escrever com maior espontaneidade.

Seus versos eram cheios de um vigor singular, a Baudelaire e a Poe, excêntricos na idéia e perfeitíssimos na forma, e neles via-se claramente o seu temperamento, ora similar a resinas de árvores de floresta, ora a pandemônios sugeridos nas loucuras do seu ideal.

De maneiras bruscas e ousadas, e de faces estigmatizadas não sei por que mistérios ocultos, íntimos, vindos talvez de uma rebeldia infernal incubada nos segredos de sua alma, ei-lo a viver nas nossas lutas diárias, quer físicas quer morais. Morando em Catumbi, como já disse, ai vivi com ele alguns meses, sem no entanto, receber dele, durante esse tempo qualquer agravo, talvez por me julgar capaz de enfrentá-lo com coragem, sem tremer, nem pestanejar.

E só de sua casa sai quando tive de entrar para o "Tempo" que se publicava à rua do Hospício, e alugar um quarto na casa de pensão do velho Guimarães, no Campo de Santana.

Nessa casa de cômodos deu-se um fato bem interessante comigo. Tendo trabalhado alguns meses nesse jornal, ao lado de Alcindo Guanabara, Alfredo Madureira, Campos Sales, Prudente de Moraes, João Blach e outros, e não me dando o ganho para satisfazer os meus compromissos, tive um atraso bem sofrível no aluguel do referido quarto, e o meu senhorio começou-me a mostrar uma cara tão feia que chegava a me meter medo.

É que o infeliz velhinho era um pobre gato escaldado e temia até a própria água fria.

E dizia-me seguidamente:

– Está você, seu Araújo, a seguir o caminho dos malvados, dos que, às altas horas da noite, desciam por escadas de lençóis as janelas dos quartos, fugidos, e nada me davam, nada!

Referia-se o velho Guimarães, ao Aluizio de Azevedo, ao Bilac, ao Coelho Neto, ao Pardal Mallet.

Mas eu fui hábil, porque, sem atormentá-lo resolvi sair de dia, de sua casa de cômodos, tendo antes lhe apertado a mão, com estremecimento, sem entretanto sentir na alma uma piedade por esse velhinho que tão bem me tratava, mesmo através da sua usura cega e horripilante. E me serviu de escarmento, porque o remorso que depois me avassalou a alma, jamais deixou-me praticar atos dessa espécie, fosse em que circunstância fosse.

Há males que vêm para o bem.

Assim nesse dia, desci às escadas dessa casa, tendo sido retirados anteriormente, diariamente, as minhas roupas e os meus livros. E nunca mais lá voltei.

Passei a morar, então, num quarto à rua do Lavradio n. 17, em companhia de José Lopes, filho do nosso querido José Lopes Júnior, da "Tribuna Popular" até o dia do seu casamento com D. Lúcia Fernandes. Por esse tempo chega-se de Santa Catarina o Cruz e Sousa, e, como o quarto estivesse apenas por mim ocupado, comprei uma cama de ferro, um colchão, um travesseiro, e dei-os ao poeta, que os aceitou com imensa satisfação.

Que alegria, que emoções, que alvoroçamentos de almas na hora em que nos abraçamos, sob o mesmo teto!

Na primeira noite não dormimos senão pela madrugada, tais foram as horas ocupadas pelas histórias do Cruz e Sousa, relativas ao povo de nossa terra, que ficou livre dele, do Horácio, do Várzea e de mim.

E eu continuava a trabalhar no "Tempo", chegando à casa, quase sempre, pela madrugada.

Dias depois empregava-se o Cruz na redação da "Cidade do Rio", no tempo em que José do Patrocínio viajava pela Europa e se achava em Viena da Áustria, dando-se-lhe 100\$000 por mês, que lhe dava para comer e vestir, pagar casa e mandar, de quando em quando, algum dinheiro aos seus velinhos.

E eu, que também dera entrada nesse jornal, ganhando 90\$000 também assumira o compromisso de ajudar a tia Felicidade e aos meus irmãos menores.

Nesse jornal vim a conhecer o meu querido e saudoso Emiliano Pernetta, bem como o Luís Gonzaga Duque Estrada, aos quais liguei-me por uma corrente simpática que jamais se quebrou, tanto nas torturas da vida como nos segredos imponderáveis da morte.

O primeiro de cor morena, de árabe, olhos negros e lânguidos, fronte larga e estendida para o alto, cabelos negros e crespos, nariz aquilino, lábios grossos, braços nervosos, meão de corpo, era a personificação da bondade, da meiguice, das atrações de uma alma eleita.

Poeta sublime, os seus versos continham uma música originalíssima, de violinos e citaras, de harpas e bandolins, ou às vezes o sumo venenoso de uma planta desconhecida, quando o seu espírito se aprofundava no lodaçal das misérias humanas que ele tão nitidamente via através das convenções sociais.

Escrevia versos com uma espontaneidade admirável, embalados pelo vaivém de sua linda cabeça cismadora, e as suas crônicas diárias escritas de momento, pareciam facetadas a ouro e prata, como se movimentos fossem de misteriosa fada no esplendor dos maravilhosos dias do Rio, os quais são sempre imprevistos de belezas raríssimas, grandiosas, quase absurdas.

Fumando sem cessar, picotava com os dentes claros e muito perfeitos, a ponta dos cigarros, atirando-as para o lado, em movimentos bruscos.

Belíssimo causeur, que encantadoras as suas palavras, e o modo de dizê-las, parecendo uni-las aos lábios com os acenos da sua destra, cujos dedos se uniam e pareciam formar uma rosa-de-Jericó! Sentia-se a gente bem, iluminado e feliz, quando ele falava, quando discutia ou quando recitava os seus versos adamantinos.

Dizia o "Palhaço" de Cruz e Sousa, e o interpretava com tanta emoção artística, que os seus olhos se umedeciam, e os nossos também.

Verlaine e Baudelaire o encantavam, davam-lhe ao espírito vibrações de coisas misteriosas, vindas não sei de que regiões fantásticas e fatalíssimas.

Mas quando queria rir, loucamente rir, ria como um perdido, dizia versos detestáveis, dos quais lhe caíam em graça pela singularidade da burrice e estupidez. E pilheriava à vontade, numa verve nervosa, sacudida, esfuziante.

Outras vezes, porém, caía a alma do poeta em tão profunda nostalgia, em tão pesado esquecimento de si própria, que ele nem dava com os amigos que lhe falavam e que o sacudiam, rindo ou pesarosos.

É que o espírito do poeta voava às plagas misteriosas, e lá ficava alguns minutos, em êxtase, conquanto os seus olhos lânguidos se fechavam num esquecimento.

Alegre e triste, nesse misto de lutas íntimas, que só as almas inteligentes podem ter, eilo cada vez mais meigo, mais emotivo e mais querido e entendido por nós outros.

E o segundo, o Gonzaga Duque, que magnífica expressão de alma divina, a flutuar-lhe nos lindos olhos celestiais, de um azul puríssimo, de pétalas de hortênsias salpicadas de orvalho, no recôndito de uma cerca agreste.

Cabelo à nazareno, a Jesus Cristo, testa à nazareno, nariz à nazareno, boca à nazareno, queixo à nazareno, e barba à nazareno, e a mais viva compleição dos maiores encantos num homem nascido tão longe de Nazaré, e tão para cá dos tempos bíblicos.

A sua voz era doce e silenciosa como o cicio de um rio de água a correr por cima de um tapete de açucenas, sem o embaraço dos cascalhos e dos troncos das árvores caídos na corrente.

Em frente à redação da "Cidade do Rio", à direita, na antiga Travessa do Ouvidor, hoje rua Sachet, existia, como ainda hoje existe, uma cervejaria que, naquele tempo pertencia a um espanhol de formas rotundas e barbas suíças cor de fogo, e era ali o nosso pouso, o lugar onde íamos beber à farta garrafas de cerveja a 200 réis, e comer tremoços que pareciam pequenos

botões de ouro, e os apetitosos arenques que se expunham em meias barricas, tonalizados de amarelo prateado, em forma de facões oleosos.

Reuníamos ali, às horas vagas, enquanto esperávamos as provas tipográficas, acompanhados quase sempre, do Benevenuto Pereira, Lima Campos, Nestor Vitor, Artur de Miranda, Luís Silva, B. Lopes, Virgílio Várzea, Isaltino de Oliveira, Maurício Jubim, e muitos outros, principalmente do Paraná e Rio.

A princípio, as nossas reuniões se formavam à entrada da cervejaria, mas depois, eram elas formadas no interior, atrás de duas enormes pipas, junto a uma mesa ali posta pelo espanhol para estarmos mais a gosto o tempo que quiséssemos. E nessa mesa ninguém mais bebia se não tivesse uma senha combinada, pois éramos nós os únicos que, pelo jornal, fazíamos seguidamente, reclames grátis da cerveja do espanhol.

Discutidas, no sombrio ambiente dessa cervejaria, as idéias novas de combate às que, aos poucos, se emaranhavam, daí saíram, seguidamente, as mais brilhantes páginas de arte, que eram lidas ao calor espumante da cerveja, que muitas vezes nos subia à cabeça, injetando-nos de sangue os olhos adormecidos.

– Silêncio, senhores doutores! Silêncio! resmungava seguidamente o espanhol. Silêncio, por causa da polícia.

É que, às vezes, as nossas palavras retumbavam de tal modo, que ninguém mais se entendia.

E quem nos acomodava, quem nos dava conselhos, era o Cruz e Sousa, ora rindo, ora franzindo as sobrancelhas.

Mas uma vez a coisa cheirou a alho, formando-se então um barulho infernal. E se não fora eu, quatro cabeças quebradas iriam ter à Polícia Central. Meti-me entre o B. Lopes e o Pernetta, que se achavam moles como pudim, e a coisa serenou com a saída de ambos, e mais tarde, do Cruz e Sousa, Lima Campos, Gonzaga Duque e da minha pessoa.

Mas o B. Lopes e o Pernetta em vez de procurarem a porta da rua, meteram-se primeiramente pelos fundos da cervejaria, de onde o cervejeiro, em ceroulas, gritava que não o incomodassem tanto.

Seriam 2 horas da madrugada.

E mesmo assim, a essas horas mortas, fomos bater à praia do Flamengo, estabelecendo-se ali um torneio de capoeiragem entre o Luís Murat e um mulato chamado balabão, catarinense, que era então chefe renomado de capoeiras.

E o luar, nessa madrugada, abria por sobre o mar quieto, chamalotes de prata.

Queridíssimo na redação da "Cidade do Rio" pelos seus irmãos de arte, o Cruz e Sousa ajudava a fazer um bloco resistente contra o abuso do Serpa Júnior, gerente do jornal, quando negava-se ao pagamento integral dos honorários dos respectivos redatores, sendo que os do Cruz e Sousa eram mais retardados, dando-se-lhe em pequenas parcelas semanais.

E todas as vezes que isso acontecia, víamos o Cruz mergulhado numa profunda nostalgia, a cofiar o queixo, à porta da redação do jornal, e com a sua indispensável bengala debaixo do braço, sereno nas misérias que o rodeavam invisivelmente, as quais, se criassem formas, se se materializassem, apareceriam mais negras e maiores do que as águias, famintas em torno do Prometeu acorrentado à coluna do seu destino. É que a fome o devorava, impenitente, num segredo inviolável, menos sondado e compreendido pelos seus amigos íntimos.

Por essa ocasião surgiram contra o Cruz as maiores infâmias, tecidas pelos seus desafetos, e idas até Viena d'Austria, e de onde voltavam como setas contra o peito do iluminado poeta.

Intrigas e mais intrigas, ora porque os escritos do Cruz não interessavam pela sua obscuridade impenetrável, julgados, portanto, indignos de ocuparem as colunas da "Cidade do Rio", quando elas poderiam ser ocupadas por outras penas, ora porque o Cruz era negro, e a "Cidade" não deveria ter no elenco da sua redação, um outro da mesma cor do lado do Patrocínio.

Cartas anônimas diariamente, enredando o poeta com os seus chefes, em cujo rol se achava o Dr. Murtinho Garcez, abalando o seu coração sempre magnânimo.

E uma vez alegada a crise monetária pela qual passava a "Cidade" foi o Cruz dispensado da redação, ficando portanto, à mercê dos seus amigos.

Tive mais ímpetos de furor, e despedi-me do jornal, para acompanhar de perto a miséria do poeta, dela compartilhando com sinceridade.

Na rua, sem emprego, achando-nos sem um real, e com o quarto de cômodos vencendo os aluguéis!

Que lutas formidáveis! Que batalhas impenitentes! Que assombros de horrores secretos! Comíamos queijo mineiro já bichado, que nos vendia uma taverna em frente, e bebíamos água, até que adoeci devido ao queijo e fiquei acamado durante um mês. Mas não deixei de comer queijo, todas as vezes que o Cruz me trazia a cantarolar e a rir.

E os lençóis da nossa cama, como se achavam, Santo Deus! O assoalho do quarto tinha melhor cor.

Nem lavadeira, nem engomadeira tinham coragem de entrar no quarto, pois temiam o calote, que seria certo, numa quadra de nenhum dinheiro e nenhum crédito.

Olhando-se a cama do Cruz, ei-la com aspecto de esqueleto de cavalo roído pelos urubus, pois o seu pobre colchão já não existia, tendo descido nos braços do Joaquim, o criado da casa, ao caixão do lixo, pela madrugada. Apenas o travesseiro ficava, mole, numa moleza de bexiga de boi da qual escapa o ar frio e zunidor.

E a minha cama e o meu travesseiro?

Tudo na mesma lástima! Tudo na mesma miséria!

E os nossos livros foram, um a um, descendo a escada na curva dos braços do poeta, para a casa de um belchior, muito nosso amigo, à rua da Uruguaiana.

Nós não podíamos comer mais queijo, nem beber mais água, salvo se quiséssemos passar à cinza.

Entretanto continuamos a conversar seguidamente em literatura, vindo de vez em quando à baila, a ingratidão dos da "Cidade de Rio", onde eu mais tarde ouvira da própria boca do Patrocínio, o seguinte:

– Eu não consinto que haja outro negro no Brasil que me iguale.

Melhorado, à força de tanto queijo e de tanta água, descí, com o poeta, à rua do Ouvidor, onde encontramos o Pernetta aboletado a uma mesa, num café.

O querido poeta paranaense desesperado, anunciando-nos a sua saída da redação da "Cidade", achando-se portanto, sem dinheiro também, e com uma única roupa para atravessar o verão que ardia em brasas, escaldando a cabeça da gente, entorpecendo-a, alvoroçando-a.

Realmente a roupa do Pernetta já não prestava para nada, nem para o lixo.

Usava o poeta um paletó muito largo e comprido, calças bambas e roídas por baixo, de encontro aos sapatos arrepiados e sujos, colete com alguns botões dependurados, presos a um único fio de linha, tudo isso da cor visguenta das calçadas.

E que camisa, a do Pernetta. Caiam-lhe os punhos moles até à metade das mãos convulsas, e era igualmente suja como o seu paletó e as suas calças, e os seus sapatos! Um chapéu coco marrom, cobrindo-lhe a cabeleira negra, e era esse chapéu a única coisa apreciável no poeta, chapéu esse adquirido com o último dinheiro que possuía ao sair da "Cidade", pois o que ele usava mais parecia o fundo de um balaio velho do que o de um chapéu.

Nesse momento, nós que estávamos os três junto à mesa, à espera de alguém que nos pagasse o café, eis que aparece, todo sorridente, o Benevenuto Pereira, contando-nos o que lhe sucedera. Tinha ele feito um soneto à filha do Barão de Leopoldina, e lho entregara às

próprias mãos da menina, em casa do pai, na Tijuca, e acabara de receber um cheque para um banco à rua Primeiro de Março. E dessa forma a nossa situação estaria remediada.

– Vamos ao Preço Fixo, rapazes! Vamos ao Preço Fixo, rapazes!

E descemos os quatro, ao Preço Fixo, voltando eu e o Pernetta, vestindo um fato muito lindo, menos o Cruz, pois toda a sua roupa sempre fora feita sob medida, à rua dos Ourives, no Moreira.

– E dessas roupas despidas, o que faremos delas? perguntou o caixeiro.

– Embrulha-as para o lixo, respondemos.

Saídos em plena rua fomos para a confeitaria do Pascoal e nos enchemos do que havia de melhor, em doces, em vinhos e cervejas, saindo nós dali à alta hora da noite, na melhor camaradagem de almas e corações.

Nessa noite o Oscar Rosas, que chegava à nossa mesa, por volta das dez horas, convidou-nos a fazer parte do "Novidades", cujo gerente era o Sílvio Batista, e o proprietário redator o Dr. Antonio Bandeira, servindo de secretário o próprio Oscar Rosas.

Entrados que fomos para a redação do "Novidades", à rua Gonçalves Dias, o Cruz, o Pernetta e eu, lá nos unimos ao Oscar e ao Várzea, formando aí um baluarte destemido.

A princípio tudo flores, tudo alegria, tudo felicidade nesse jornal, em cuja direção se achava o querido e saudoso Sílvio Batista como gerente, um coração sempre aberto aos nossos afetos, aos nossos carinhos, num contínuo estremecimento de abraços leais, unindo-se o Sílvio ao nosso ideal, e muito se alegrando por nos ver unidos a ele, sem uma queixa por menor que fosse.

Intelectual, com uma larga visão das coisas, e um talento assaz dignificante, não escrevia nem uma linha, mas sentia, no entanto, no espírito, um quer que fosse que floria quando algum de nós lhe fazia ver um número de jornal cheio de preciosidades literárias e algumas blagues para que o jornal tivesse saída.

Eu me ocupava da seção – O dia de ontem – na qual eram registradas as minhas impressões mundanas na Rua do Ouvidor, relativas às mulheres que me caíam no gotto.

E quando alguma, depois de discutir o meu pseudônimo, olhava-me de soslaio numa imensa satisfação e me apontava como sendo o "Antero Floreal", nesse dia o coração do Sílvio cantava de alegria, e íamos os dois, à "Guarda Velha" e lá ficávamos até tarde chupando copos e copos de cerveja, e de lá saíamos totalmente cegos, sem nos conhecer um ao outro.

Querendo muito bem aos novos intelectuais, por eles se sacrificava, sem deixá-los passar fome, pois nenhum dos que formavam o corpo da redação do "Novidades", fora, em tempo algum, durante a sua gerência, constrangido nos seus vencimentos mensais.

Andava tudo na melhor ordem, tanto moral como pecuniária.

Uma noite estávamos nós na confeitaria, eu, ele, o Pernetta, o primeiro-tenente da Marinha Lorena, que foi morto na fortaleza de Santa Cruz em 1894, o Lima Campos e o Luís Murat, quando entrou o Pardal Mallet com a sua linda gravata encarnada a esvoaçar-lhe por cima dos ombros. Entrou e sentou-se à mesa junto a que nos achávamos em palestra, e gritou pelo garçom:

– Venha de lá champanhe! Venha de lá champanhe!

E o champanhe chegou e estourou, sob a alegria de uns que se encontram depois de acelerados vãos pelo espaço.

Discutia-se a idéia nova e a idéia velha; discutia-se o romantismo, o pessimismo, o nefelibatismo e o simbolismo, citando-se os autores num frenesi de loucos afoitos, destemidos.

– Mais champanhe, gritou o Sílvio. Mais champanhe!

E tanto champanhe veio, tanto champanhe estourou, que aí passamos toda a noite de 23 de novembro de 1892, na mais encantadora boemia, com as portas do estabelecimento fechadas e os garçons à nossa disposição.

– Mais champanhe! Mais champanhe! gritava o Pardal Mallet, já sem poder se conter nas pernas.

E as últimas garrafas nem foram bebidas, servindo apenas para serem esvaziadas, uma a uma sobre a cabeça de todos nós, cada uma de per si, como se ali estivéssemos batizando cabeça coroadas sobre uma pia de mármore!

E quando o dia raiou, ao sentirmo-nos já em plena calçada, o Pardal Mallet que vinha de discutir asperamente com o Pernetta, sacou a luva e atirou-a à cara do poeta paranaense.

– Um duelo! um duelo! gritei eu. E como o Pernetta se achasse cego, e não tivesse percebido a afronta, fi-lo ajuntar a luva e aceitar o duelo à espada.

Combinados os padrinhos ficou sendo, do Pernetta o Sílvio Batista e do Pardal Mallet, o Tenente Lorena, e eu o escudeiro.

E enquanto os outros se encaminhavam à estação das barcas, comprei eu, à rua dos Ourives, um jogo de espadas, e com elas debaixo do braço desci a encontrá-los.

Ali tomamos dois carros e fomos ao Jardim Botânico, esgueirando-nos por detrás de um chalé que existia à direita para dentro de um muro.

E o Pernetta? O Pernetta ficou no carro, dormindo de uma maneira tão calma e fria, que o julgamos morto, tendo-nos certificado do contrário depois de encostarmos à epiderme das mãos um fósforo aceso. E nem mesmo assim deu cor de si, senão de uma maneira vaga!

– Dorme, ou finge dormir! ou então morreu o Pernetta! gritou Mallet.

E acrescentou brutalmente:

– Um covarde que finge dormir!

– Covarde não, replicou-lhe o Sílvio. Bater-me-ei por ele, já, já, sem mugir nem tugar.

E o duelo começou atrás do chalé, numa lareira de areia branca, entre as árvores verdes por cima das quais os canários amarelos pareciam rir da nossa loucura, tendo ficado no carro, numa moleza de papa de milho, ao cuidado do cocheiro, o querido poeta paranaense.

Rápido o Mallet, que era um exímio esgrimista, arranhou com a ponta da espada a mão direita de Sílvio, finalizando-se a contenda com os abraços demorados e estremecidos.

Ao restaurante, ao restaurante! Gritamos freneticamente nessa clara manhã do dia 24 de novembro, o primeiro ano da promulgação da Constituição Brasileira!

E como o Pernetta já se achasse de pé, fomos todos para o restaurante, de onde saímos às 4 horas da tarde, descendo à cidade num bonde, no qual ninguém mais teve a ousadia de viajar, com receio do nosso estado e das nossas caras.

Chegados à rua Gonçalves Dias, cada um tomou o seu rumo, tendo eu passado pela rua do Ouvidor onde encontrei o Dr. Oscar Rosas e a quem contei o fato ocorrido.

– Só em Paris! Só em Paris! Boemia assim só em Paris! disse-me o Dr. Gama Rosa. E olhando-me muito acrescentou:

– Vá para casa, deite-se e durma, pelo menos durante três dias.

E fui para casa e dormi não sei quantas horas, tendo por enfermeiro o querido Cruz e Sousa, que me tomava o pulso de vez em quando, dizendo-me:

– Se a tia Felicidade soubesse! Se a tia Felicidade soubesse!

Meses depois passava o "Novidades" a ser gerido pelo Mourão, um português baixo, louro, de amplos bigodes também louros, muito pernóstico e velhaco, e com essa mudança tudo mudou, tudo caiu na miséria.

O português tinha amantes, às quais dava vestidos de veludo e seda, caríssimos, e passeava com elas noites inteiras no El Dourado, e pelos teatros e corridas de Jóquei Clube.

Para recebermos dinheiro, passávamos horas e horas, de cima para baixo, com vales assinados pelo Oscar Rosas, que nunca eram satisfeitos como desejávamos.

Entretanto, embora a muito custo, de vez em quando o nosso dinheiro vinha até as nossas mãos, menos às do Cruz e Sousa com quem Mourão embirrava, perguntando o que fazia aquele negro na redação, se escrevia coisas que os brancos não entendiam.

O desaforo do português era tamanho e miserável, que uma tarde, em presença do Pernetta, do Várzea e do próprio Cruz e Sousa, tive de intervir, pulando o balcão e agüentando com ambas as mãos, o peito da camisa cor de rosa, desse tratante ousado, estrangeiro audaz e banal. E foi por essa forma que consegui dinheiro para mim, para o Pernetta, para o Várzea e o Cruz e Sousa.

Quanto ao Oscar, andava esse sempre com a barriga cheia de mentiras e dinheiro.

Com a nova fase do "Novidades", ao tempo do Mourão, começamos de novo a comer queijo e beber água, ou a irmos à rua Nova do Ouvidor, onde jantávamos por 500 réis, obrigados a uma banana e um pedacinho de goiabada.

Entretanto muitos e muitos dias passamos à larga, e era quando o Dr. João Lopes T. Filho, que mais tarde foi compadre do Oscar, nos lançava às mãos notas de duzentos mil réis, ou quando conosco andava o Emílio de Meneses que, por esse tempo, se achava recheado de dinheiro, dentro de um casaco de pano preto, muito comprido, e arrimado a uma enorme bengala de cabo de marfim, em forma de gancho.

Por esse tempo a alma do Emílio nada tinha de satânica, antes de piedade, através da docilidade de suas falas e dos seus gestos. Grande poeta, talento de eleição, muito gostava ele de nos ler os seus versos sombrios, da Marcha Fúnebre, os quais ele sabia bem serem por nós escutados religiosamente, como se escutássemos Edgard Poe.

O Cruz e Sousa, valha a verdade, sentia-se mal diante do inimigo, talvez ao lembrar-se de que muitas vezes ouvia-o ofender ao cunhado, o Nestor Vitor, com quem o Emílio, por questões de família, não se dava. Mas, para não ofendê-lo, ouvia-o, e isso o constrangia seguidamente, até que, depois de um certo tempo, começou a evitar o contato do Emílio, sem contudo, odiá-lo, porque, na verdade, o Cruz não odiava a quem quer que fosse.

Tínhamos também o Maurício Jobim, um pintor distinto, discípulo de Décio Vilares, desse outro artista notabilíssimo que ouvia seguidamente, e cada vez mais encantador nos arroubos de uma alma iluminada, embora simples e humilde como a de uma ovelha mansa, agasalhada contra um peito amigo, de S. João Batista, chegado do deserto, das águas tranqüilas do Jordão. E como ele, tínhamos o Luís Silva, de Minas, cujo coração amantíssimo, mais tarde veio a ser atravessado por uma bala em uma trágica questão de amores, bem como o Artur de Miranda, também mineiro, nosso amigo e nosso camarada, idolatrando o Cruz e Sousa acima de todos, conquanto a sua inteligência não fosse de escol como a do Luís, pois

este escrevia contos admiráveis, onde os verbos e os adjetivos surgiam em tesouros de prata e ouro em verdadeiras pedrarias raras.

Era também nosso companheiro dedicado o Junqueira, um rapaz moreno, lívido, empregado no Correio, em cujos olhos singularmente belos, víamos uma alma divina retratada, como no fundo claro de um rio de águas tranqüilas ou no azul de um céu sempre doce e espiritualizado.

E muitos, muitos outros cujos nomes não me ocorrem à memória viviam conosco; mas quem mais os eletrizava, fascinando-os pela sua bondade cristã, era o Cruz e Sousa, menos eu que sempre fui de um gênio rebelde, com largos gestos voluntários de irritabilidade nervosa, embora com uma alma amiga dos amigos até o sacrifício.

Por uma tarde, no Café Java, porque o Oscar Rosas, pelo "Novidades", desancava um livro piegas de um tal Luís Nóbrega, esgrimista por todos temido, tive que lhe acabar com toda a esgrima, dando-lhe um pontapé, por haver esse esgrimista impingido aquele desancamento ao Cruz e Sousa!

Não sei quantas mesas rolaram, no Café Java, nem quantas xícaras se quebraram, não sei!

Cansado de aturar o Mourão, no "Novidades" e ainda mais cansado de uma vida que se me deparava enfadonha e sem futuro, porque nesse tempo o jovialismo não sorria a ninguém, preparei-me para voltar à Santa Catarina pelo primeiro vapor, sem ter no bolso, sequer um real.

Ao encontrar-me, porém, no "Novidades" com o Dr. Marcelino Baima, que se preparava para partir para a antiga Desterro, convidou-me este a acompanhá-lo, na convicção de encontrar um emprego no qual pudesse descansar e entrar numa outra fase de vida.

E deu-me a necessária passagem, vindo eu na qualidade de seu secretário, pois então o Major Dr. Baima viria a Santa Catarina a negócios de alta política do Estado.

À noite, na véspera do nosso embarque, tivemos de assistir, os do "Novidades" um banquete de iniciativa do Dr. Martinho Garcez, dado à chegada do José do Patrocínio, da Europa.

E estávamos à mesa, quando uma mocinha cujos cabelos chegavam até o chão, filha do Dr. Ramos Nogueira, de S. Paulo, a entabular uma conversa sobre sua mediunidade, pois dedicava-se ao espiritismo, depois de profetizar o celibatário do Pernetá, e as conseqüências da ingratidão da sogra do Gonzaga Duque, que também se achava presente, e de dizer muitas verdades sobre a vida de Cruz e Sousa, começou a dizer alguma coisa sobre o meu presente e futuro:

– "Uma moça muito rica, quase milionária, deseja tê-lo por marido, mas não o será, pois o senhor deseja para mulher uma estrangeira, conquanto não na conheça. E que eu vejo perto do senhor, do seu lado direito, uma moça alta, clara, olhos verde-amarelos, cabelos negros e abundantes, dentadura alvíssima, seios túmidos, cintura delgada, andar imponente, uma verdadeira compleição de beleza. Será essa a sua mulher, unida através dos mares que nos separam da Itália.

Quanto à muito rica, quase milionária, acertei de pronto a profecia, pois na verdade a Noêmia muito me queria bem, chegando mesmo a convidar-me para raptá-la da sua casa na Ilha de Paquetá, mas sobre a outra, a que se apresentava ao meu lado direito, fiquei intrigado, embora todo o meu desejo era casar-me, de fato, com italiana.

No dia seguinte partíamos, eu e o Dr. Baima, para a antiga Desterro.

O Cruz e Sousa ficava no cais, a chorar.

Navio esquife, que me conduziste à minha terra, só tu soubeste como o meu coração vinha triste, e como a minha alma chorava por deixar lá longe os meus queridos amigos, principalmente o Cruz e Sousa, numa terra onde ele, como na em que nascera, sofria as maiores ingratidões.

Lembrava-me então das pedradas do Paula Nei, com aquele modo de dizer ferinamente as coisas; lembrava-me do Murat, via-o a torturar a alma branca do meu querido amigo; lembrava-me do Coelho Neto, que nunca lhe falava, mas o angustiava com os seus olhos; lembrava-me do Busquet, sempre com as calças caídas sobre os quadris, que o queria enforcado, para não continuar a ouvir a música bendita dos versos do Cruz e Sousa; lembrava-me do Serpa Júnior, a infundir na cabeça dos da "Cidade do Rio" as mais torpes misérias contra o meu querido amigo. E às gaivotas voltejantes enviei uma prece, para que elas fossem até o coração do Cruz e lhe dissessem ser minha essa prece saudosa.

E ao mar pedi os seus misteriosos encantos, para que, sob os seus segredos, os meus beijos e os meus lenços fossem levar à alma do poeta amigo, todas as minhas tristezas. E elas, as gaivotas, e nem o mar me escutaram; deixaram-me isolado, deixaram-me emparedado como quem vai para um patíbulo, de algemas atadas e pálpebras sopradas pelos ventos frios da morte.

Por fim adormeci e sonhei com o princípio de um outro caminho mais cheio de urzes e cardos.

Chegado que fui, por uma manhã de domingo, em que o mar parecia de estanho, sobre o qual a luz do sol se abria em múltiplos reflexos, foram-me buscar a bordo do navio, os meus

amigos Ernesto Viegas, Rodolfo de Oliveira, Manoel Laureano, Fermino Duarte Silva, Francisco Freyesleben, José Segui, Lauro Linhares e outros.

Eu trajava fraque preto, colete de chamalotes azuis e brancos, calça listrada, chapéu de pêlo, e uma bengala de ébano com incrustações douradas no cabo.

E como a manhã estivesse arrepiada de frio, calcei um par de luvas de pura lã, cor de cinza.

O trapiche onde desembarquei, em companhia dos meus amigos, regurgitava de povo, como acontece sempre nos dias de chegadas de vapores; e ao percorrê-lo, entre alas, comecei desde logo a ouvir alguns remoques referidos à minha cartola.

Num dado momento estaquei dizendo em altas vozes:

– Carunchadas as torres da Matriz e esburacada a praça, continuam assim carunchadas e esburacadas as mesmas almas.

E para que não se desse ali mesmo uma luta, fui eu empurrado pelos meus amigos até o café próximo, onde encontramos o Várzea e Jansen Júnior, empregado federal e hoje general reformado.

– De novo a "Tribuna"! De novo a "Tribuna" Gritavam os dois últimos, num frenesi de alegria emocionante.

No mesmo dia à tarde, botei-me para os Coqueiros, para a nossa antiga casa de campo, onde encontrei a tia Felicidade já bastante velhinha, em companhia das sobrinhas, e de uma menina muito linda, encantadoramente linda, de grandes olhos negros como as amoras sazoadas.

– Sabes de quem é filha esta menina? perguntou-me a tia Felicidade.

– Não me é estranha, respondi.

– É a filha de tua prima, que ainda tem mais duas que nasceram gêmeas. Esta é a Julieta e as outras chamam-se Frincá e Odília.

De um pulo chamei Julieta aos meus braços, osculei-lhe as faces morenas e rosadas, os cabelos negros, os olhos encantadores e as mãozinhas delicadas e, sem que esperasse, impelido por uma ânsia atroz, disse-lhe aos ouvidos:

– Minha filha! Minha filha!

A tia Felicidade riu, com aquele bom rir de coração amantíssimo, de alma simples e humilde, acrescentando:

– E as outras, rapaz, ainda são mais parecidas contigo, muito mais. Não há que pôr, nem repor!

Estávamos assim conversando, na sala cujas janelas se abriam para um caminho talhado em S, quando um vulto de mulher apareceu na estiva, sobraçando duas criancinhas de dois anos cada uma.

Era a minha prima M, cada vez mais bela e simpática, e parecendo até muito mais nova, sem lhe haver diminuído as formas plásticas a quantidade de filhos que tivera.

Entrelaçados os nossos braços sob a música de uns beijos que pareciam não se acabar, pusemo-nos a recordar a nossa vida passada, e muito pensamos na presente e na futura.

– Na presente, continuaríamos como dantes, repliquei-lhe, sendo que do futuro, pertenceria ao destino.

– E que lindos são os teus filhos, não achas? Sempre pedi a Deus que eles nascessem parecidos contigo, dizia-me a minha prima, de quando em quando.

Verdadeiramente as três criancinhas não negavam a estirpe! No entanto, eu não podia chamá-las de filhas!

E como essa mulher (que) continuava a ser a primeira e a única que eu adorava, numa paixão alucinadora, ninguém imagina os meus sofrimentos quando se antepunham entre nós dois quaisquer barreiras, pois sem ela nos meus braços, e de encontro ao meu coração, tudo se me apresentava vazio e triste, desoladoramente vazio e triste, só me confortando as suas cartas furtivamente escritas.

Mesmo no Rio, durante o tempo em que lá estive, nenhuma outra mulher me fascinava tanto, conseguindo de mim uma loucura igual, no amor, na amizade, nos carinhos, nos afagos, nos sacrifícios.

Eram dos seus cabelos, dos seus olhos, da sua boca, dos seus seios, dos seus braços, das suas mãos, finalmente do seu corpo inteiro, balouçando numa eterna volúpia de fogo, que os meus versos continuamente surgiam, quer eu estivesse perto dela, ou estivesse longe, como muitas vezes acontecia.

E ela por mim apresentava-se como uma loucura sem limites, torturando-me a boca que com a sua se unia, como para melhor perceberem assim unidas, as nossas próprias almas arrulhantes e felizes como a dos pombos brancos no beiral de uma casa, à luz clara e suavíssima de uma manhã de primavera.

– Somos felizes e infelizes ao mesmo tempo, dizia-me ela numa carta. Felizes porque nos amamos, e infelizes porque entre nós dois existe uma barreira intransitável, difícil de ser vencida.

Ao achar-se uma vez bem doente, terminou com estas palavras uma carta: "Continuarei a ser tua, na vida e na morte".

E, cada vez mais doente, partiu para o Rio Grande do Sul, onde veio a desencarnar alguns meses depois, deixando mais um filhinho.

Em julho, achando-se a assembléia legislativa do Estado funcionando, lá fui bater com um amigo, para ouvirmos a discussão dos senhores deputados e encontramos à porta do edifício o Sales Brasil, muito nosso querido correligionário político, que trajava luto cerrado.

– Apresento-te os meus pêsales, disse-lhe o meu amigo, abraçando-o.

– E os meus igualmente, disse eu ao Sales, acompanhando convencionalmente o outro, sem que pela minha alma passasse a idéia de quem se tratava naquele momento.

Conversamos um pouco e saímos.

Em casa do meu cunhado Marciano, que morava à rua Fernando Machado, contei à minha irmã, arrependido, o que se tinha passado comigo e o Sales, pois eu não sabia de que defunto se tratava.

– Do Pernaforte, do irmão, daquele que ia casar com a Concepta. Foi o Pernaforte quem morreu, coitado!

– E a Concepta? Onde mora a Concepta? Teria ido para a Itália?

A minha irmã não sabia onde morava a rapariga, tendo no entanto a certeza de não ter ido ela para a Itália.

– E porque perguntas?

– Porque serei o seu marido. Casar-me-ei com ela dentro de pouco tempo. Vou procurá-la.

E saí, descendo a antiga rua de Tronqueira, até a fonte da Bulha, onde erguia-se uma casa assobradada, com todas as janelas dos lados abertas, e uma escada à porta da varanda.

Numa das janelas dessa casa, achava-se de costas para a rua, uma mulher bastante moça sobre cujos ombros caia um volumoso cabelo negro ondulante.

E para reconhecê-la, usei de um stratagemma: tossi forte, bem forte.

E como o som de minha tosse lhe houvesse chegado aos ouvidos, ei-la voltada para a rua, admirada.

Cumprimentei-a e sorri. E ela sorriu também. Era aquela a quem eu procurava.

Incontinentemente subi à (fronteira) pedreira da Fonte da Bulha, pelo lado oposto, deixei cair a bengala para poder voltar-me para trás e falar agora, na janela aos fundos da casa, com a rapariga.

Pulou-me o coração de contente. Estava iniciado o namoro. A rapariga gostará de mim?

– Então Nené, descobri ou não a Concepta? Disse eu à minha irmã, ao voltar à casa, tendo antes passado pelo sobrado em cuja escada já se achava a rapariga, toda sorriso, quando cumprimentei-a de novo.

Dez dias depois, contratávamos eu e a Concepta o nosso casamento para o dia 2 de fevereiro de 1892, sem contrariedades e sem os ditos que, quase sempre surgiam nesse tempo, e continuam a surgir em todos os casamentos, quer pela inveja, quer pelo ciúme, quer por qualquer outro veneno, coisas natas nas almas sem preocupação sincera e nobre da gente atrasada desta Ilha.

A Concepta nascera em Gênova, na linda e encantadora Itália, tendo vinda para Santa Catarina aos seis anos de idade.

Alta, muito esguia, de uma brancura látea, cabelos negros ondulantes, sobrancelhas levemente curvas, olhos verde-amarelo, nariz em linhas artísticas, boca talhada em gomos de tangerina, pescoço comprido, seios túmidos como metades de lua plena, braços vigorosos e mãos muito bem feitas, com dedos próprios para teclados, e pernas torneadas em colunas de linhas curvas e harmoniosas, eis a segunda mulher pela qual, de um momento para o outro senti uma verdadeira alucinação, um mágico atrativo, uma paixão indomável.

De uma bondade e de uma resignação admiráveis, pois houvera perdido há pouco tempo o pai, que se suicidara e o noivo, assaltado de uma tuberculose, eis a mulher reservada para o meu coração e para o meu espírito que acabavam de ser desiludidos com a desencarnação de minha prima, a primeira e única mulher que, até então, viverá dentro dos meus sonhos desde os primeiros florescimentos da minha vida.

Lembrando-me do banquete em que eu estivera, no Rio, em casa do Dr. Martinho Garcez, vivia sempre, de quando em quando, a profecia da senhorita Ramos Nogueira, como a prova da maior verdade por mim conhecida, no caminho do meu destino.

Nomeado Promotor Público da comarca de Tubarão, depois de longas lutas contra a escolha do meu nome para esse cargo, sendo pioneiro de tudo isto o então chefe do partido federalista, Coronel Eliseu Guilherme, que opinava pela nomeação de um tenente reformado, filho do norte, o qual era tio de uma rapariga muito cobiçada pela sua beleza e volubilidade; segui para aquela comarca no dia 2 de dezembro de 1891, tendo voltado com licença a 22 de janeiro do ano seguinte, para casar-me a 2 de fevereiro do mesmo ano.

Casado regressei ao Tubarão no dia 12, sob as maiores ameaças do partido contrário, chefiado pelo Coronel João Cabral de Melo.

Dizer o que foi ali o começo da minha vida pública, seria uma grande mágoa para a minha alma; mas pulando por cima de muitas coisas vis, apenas poderei contá-las em rápidos traços.

O Juiz de Direito da Comarca era o Dr. Joaquim Lopes de Oliveira, filho do Estado do Espírito Santo, um homem intransigente, político de uma têmpera de lutador romano, no qual eu confiava com sinceridade, dando-me ele as provas mais patentes de amizade e acatamento.

E como o meu Juiz fosse dessa maneira, inflexível entretanto, na distribuição da justiça inerente ao seu cargo, e a sua amizade se unira à minha num só laço fraternal, por isso os olhares dos nossos adversários políticos começavam a convergir contra minha pessoa, de maneira tal, que não me deixavam pousar em ramos verdes. E o que não conseguiam contra o Juiz procuravam conseguir contra mim, nesse tempo inexperiente em política, dessa política sempre miserável, e pela qual nunca dei uma única passada, por odiá-la com todas as veras do meu espírito independente.

Nas sucessivas depredações que se faziam contra as municipalidades do Estado, pelos nossos adversários de então, em cuja frente se achava o Dr. Hercílio Luz, a de Tubarão fora contemplada, invadindo-a uma turma de bandidos dentre os quais se achava o Luís Tesoura, mulato horripilante pelos seus crimes de morte, em Araranguá, e o célebre Pedro Macaco, não menos bandido de Tubarão.

Numa bela tarde de julho, achando-me eu doente de cama, aos fundos da casa pertencente a um alemão chamado Iklause, ocupada ao lado do sul pelo juiz da comarca, quando recebi um recado do velho Conceição, escrivão que morava junto de nós, ao lado do norte, que se preparara num ataque à nossa habitação, por essa turma de celerados.

Pulando da cama, só tive tempo de avisar ao Dr. Lopes do que aconteceria, caso não saíssemos às pressas, pois já nos chegava aos ouvidos uma gritaria infernal, à frente da qual vinha uma música igualmente infernal.

E saímos pelos fundos da casa, rapidamente, conseguindo, a muito custo, entrar na farmácia do Avelar, nosso correligionário político, porém muito bem quieto até então, dos nossos adversários pela nossa tolerância.

Colocamos o Dr. Lopes no forro da varanda, subindo ele por uma escada, e aí ficando durante dois dias escondido.

Que dificuldades, santo Deus, para pô-lo nós, o Dr. Lopes, nessas alturas! E o pobre do homem passou todo esse tempo com as costas grudadas às telhas, e estendido como um lagarto.

Depois, sob os cuidados de um grande amigo e chefe, o Patrício Magalhães, homem temido pelos adversários, pela sua coragem hercúlea e nobreza de caráter, foi o Dr. Lopes de Oliveira transportado, vestido de mulher e com um grande xale aos ombros e uma touca de algodão à cabeça, à barranca íngreme do rio onde se achava uma canoa que o deveria levar à cidade de Laguna, como de fato o levou.

O engraçado é que, logo abaixo do barranco, achava-se sentado e dormindo, um soldado de polícia, a quem houvera antes embriagado, pois sabíamos que ele ali aguardaria o Dr. Lopes para prendê-lo.

E o Dr. Lopes desceu, rio abaixo, nessa canoa salvadora, sobre a qual ia um sujeito alto, a cavalo, com os instrumentos necessários ao arrombamento da Superintendência.

Souberam logo da fuga do Juiz; e como eu continuasse em casa do Avelar, com minha mulher e uma irmã, gritavam em altas vozes:

– O promotor que nos dê as chaves! O promotor que nos dê as chaves!

Felizmente, e muita alegria tenho em dizê-lo, nem se atreveram a me incomodar, nem fui desrespeitado por aquela gente, nem pelo seu chefe político, o Coronel João Cabral que, mais tarde, muito me honrou com a sua amizade e cavalheirismo.

Mas, tremendo o grupo, e mesmo pelo que me vinham dizer, talvez intrigas, resolvi fugir, depois de alguns dias de reclusão em casa do Avelar. Para isso usei de um stratagema muito audaz. Vesti uma camisinha de baeta encarnada, pus à cabeça um chapéu de palha, cujas abas me cobriam o rosto, coloquei à boca uma rolha de cortiça, descalcei-me, e, quando por volta das 9 horas, à noite, a banda de música conduzia uma manifestação àquele que acabava de tomar conta do cargo de Superintendente, saltei à rua, encolhi-me todo, e fiz parte dos que viavavam o seu partido, vivendo-o eu também, com uma voz rouquenha, bem parecida com a de quem se embriaga à cachaça.

Dessa maneira, sem ninguém me conhecer, desci alguns braços de rua, deixei-me então ficar perto de um bueiro, ai escondi-me algum tempo, e parti depois, leito da estrada afora, até a casa do nosso correligionário, o velho Sampaio, de onde parti, na manhã seguinte, numa canoa para a Laguna.

Minha mulher e minha irmã ficaram em Tubarão, em casa do Avelar.

Passadas algumas semanas, e não tendo os nossos adversários conseguido os seus fins, continuando na direção dos cargos municipais, por esses adquiridos pela deposição, eis-me de novo em Tubarão, e comigo a primeira autoridade judiciária.

Não voltei, entretanto, para a mesma casa pertencente ao Carlos Iklause, e sim para uma ao sul da cidade, de propriedade de Francisco Medeiros, nosso amigo e correligionário.

Quanto à primeira casa, a do Carlos Iklause, fora ela invadida, após a nossa retirada para a casa do Avelar, naquela tarde sinistra, por alguns do grupo, sendo os meus móveis violados, o meu próprio leito, aproveitando-se eles do meu jantar que se achava à mesa, aquela hora, e também da minha adega de bons vinhos e cerveja, que serviu para embebedá-los ainda mais.

Dessa casa só pude retirar coisas insignificantes para meu uso.

E quando o tenente Joaquim Machado dissolveu o Tribunal de Justiça, e acusou o governo de Floriano Peixoto de nefasto à ordem pública, eis-me de novo na brecha de conseqüências ainda mais graves e miseráveis.

É que chegava a Tubarão um contingente de força federal, comandado pelo tenente Vilas Boas, e, como chefe da missão, o então major Firmino Rego, com carta branca do Marechal, achavam-se, por esse tempo, muito exaltados os ânimos políticos dessa cidade, como em todo o Estado de Santa Catarina, pois cada partido queria a todo transe tomar conta do poder, fosse como fosse.

Chovendo intrigas de todos os quilates, fui eu envolvido numa delas, apontando-me uma inimizade contra o Major, vinda do tempo em que este, na qualidade de chefe de polícia do Estado, e ouvindo os rogos de Ricardo Barbosa, que era sub delegado e de outros republicanos, instavam pela minha retirada para o Rio, em 1890, como deportado, em represália a um fato no qual me envolveram além de outras pessoas, e pelo motivo de pertencer eu ao grupo dos cinco bandeirantes da "Tribuna Popular" que tantas vezes fustigavam com justiça os primeiros rebentos de uma República proclamada à traição, por uma rebeldia de quartel, egoisticamente vitoriosa.

Envolvido nessas intrigas, fui, pelo referido Major, logo à sua chegada, desfeitoado, e exposto a servir de alvo às suas arrogâncias autoritárias, às suas violências bárbaras, ao seu modo de pensar seguidamente brusco e intolerante.

Achava-me uma tarde à janela da minha casa, ao terceiro dia da chegada da força ao Tubarão, quando vi dois soldados do exército espancarem um cavalo que se achava numa pastagem ao lado direito, até derriá-lo, por julgá-lo meu.

E foi quando recebi um bilhete, de uma pessoa amiga, avisando-me de que os soldados da força tinham tido ordem de me aniquilar, pois viam em minha pessoa um inimigo figadal do Major Fermino Rego, e que eu devia fugir o quanto antes.

No entanto, sabe-o Deus, eu nenhuma prevenção pessoal tinha contra esse militar, pois sempre o julgava incapaz de um delito desse jaez, contra realização de desfeito e perversidade.

Mas, como os homens de minha terra estavam habituados, como ainda hoje, a fazer de um bem-aventurado um carrasco, comecei a pensar no que poderia suceder-me, nessa cidade movimentada por uma polícia reles, e combinei a minha retirada para a Laguna, mesmo porque os meus amigos insistiam, para as coisas não se complicarem mais.

Ficou, então, encarregado dos preparativos da minha viagem, o nosso amigo João Cubaca, achando-se à noite, no barranco do rio em frente, uma canoa à disposição. E, conquanto soubéssemos que à margem direita do Rio, desde a casa onde a força se achava aquartelada, até a Ponte Grande, estendiam-se algumas sentinelas, lá vim eu rio abaixo, nessa canoa patroada por um negro de minha confiança e por um seu companheiro.

A canoa vinha coberta por um toldo de capim, formando uma pequenina ilha flutuante, e deslisava sem que os remos tocassem na água, para não ser percebida.

Minha mulher achava-se grávida de três meses; e como ao passarmos pela frente do quartel, ouvíssemos um tiro, cujo projétil atravessava felizmente as linhas de cima do toldo, abafou um grito no côncavo de um lenço e deu para tremer e chorar.

E para maior aflição dessa alma de tão nobres estremecimentos de bondade e abnegação, a noite tornava-se profundamente tenebrosa, como se sobre as nossas cabeças caíssem todos os mantos de Satanás. Nem uma estrela, nem uma nesga de céu azul! O vento rodopiava por cima de nós, e tinha uivos de animal faminto! A chuva caía em lençóis geladíssimos, os trovões se sucediam como tiros de canhões, após os ziguezagues vermelhos dos relâmpagos, os quais, no entanto pedíamos não cessarem para nos mostrarem as águas tenebrosas do rio, e as suas numerosas sangas e precipícios.

Felizmente chegamos à Laguna quando o dia raiava, através dos musgos e sedas que a luz do sol imprimia acima dos morros distantes. Mas minha mulher abortara; havíamos perdido o primeiro fruto da árvore nova do nosso grande e veemente amor.

Um mês depois era eu removido, na qualidade de promotor, para a comarca de Tijucas, tendo de deixar na encantadora cidade da Laguna, muitos e muitos amigos, dentre os quais destaco o Dr. Ismael Ulysséa, João Guimarães Cabral, Felipe Cabral, João Teixeira, José T. Martins, Apolinário Porto Alegre, que aí se achava refugiado do Estado do Rio Grande do Sul.

A minha ida para Tijucas deu-se em agosto, tendo deixado em casa de minha sogra, a minha desolada esposa.

Em Tijucas encontrei-me na curva de um saudoso e demorado abraço do meu querido amigo Dr. Lopes de Oliveira, que havia sido nomeado Juiz de Direito dessa Comarca e há muitos dias me esperava.

Morando ele num hotel, aboletei-me no mesmo, e aí passamos a recordar as peripécias da sua fuga de Tubarão, bem como a viagem que fizera da Laguna à Capital, em companhia de um vaqueano, rapaz valente, o qual, durante muitas longas caminhadas, muito ria, às gargalhadas, quando havia necessidade de puxar as rédeas do animal em que vinha o Dr. Lopes montado, para não vê-lo cair de cabeça para baixo, quer nos grandes peraus encontrados, quer mesmo nos pequeninos riachos de água transparente e linda.

O Dr. Lopes bebia de uma maneira descomunal, de manhã à noite, sendo o seu aparado um copo de cachaça, de meio quartilho, com bitter; mas não perdi a linha, antes mais apumado parecia, e mais "causeur", não se esquecendo das linhas por ele marcadas no Código Filipino, nem na História Universal, e do seu latim e francês.

Pândego, bebia o trago por entre estalos da língua contra os beiços, e dizia:

– Que ambrosia! Que Lacrima Christi! Que nectar!

O partido legalista, em Tijuca, era muito grande, porém, tinha um outro caráter; não era como o de Tubarão, que, por perder uma eleição municipal, fato que não ocorria há muitos anos, desde o tempo da monarquia, tornara-se, por demais, intransigente, e mesmo viciado em certos crimes.

Em Tijuca todos se queriam bem, com exceção de alguns, em cujas faces a máscara da hipocrisia se afivelava de um modo canalha.

E como a vida no hotel me aborrecera, tratei de encontrar uma casa, e encontrei-a, embora com muito custo, tendo vindo buscar a minha esposa, minha sogra, e a minha irmã Malvina, e uma criada.

Muito nos sorria Tijuca, com os seus aspectos montanhosos ao oeste, com as suas extensas várzeas ao fundo da vila, e o mar espumoso ao alcance da vista à leste.

Povo bom e honesto, nato daquelas lindas terras, de mistura com outro povo também muito bom e honesto, o italiano, por quem eu nutria um grande amor, pois me havia ligado de alma e coração, a uma mulher de sua raça; todos me queriam bem e ansiavam por me verem na tribuna do júri, com a palavra acusando. E com efeito, chegou o dia, tive que acusar um do crime de morte, e o fiz com tanta piedade, com tanto amor pelo acusado, que ele, depois de algumas horas me abraçou nos fundos da loja do José Fortine.

A princípio julguei-o tamanduá, mas ficando mole e prevenido, deixei-me abraçar sem susto, para provar àquela gente a minha têmpera orgânica, e a minha coragem moral.

E o italiano, meu Deus, tinha uns braços!

Rebentando a revolução de noventa e três, e formado o governo provisório na Capital, antiga Desterro, espalhou-se em Tijuca um pânico horrível, como em todo o Estado, fugindo

da vila para o interior muitas famílias, pois os nomes de Gumercindo Saraiva e Juca Tigre, eram ali falados como os dos mais fantásticos e perversos Neros do mundo.

Criados que foram muitos batalhões de patriotas e guarda nacional, tive por sorte Tijucas ser incluído nesse número com a criação de dois batalhões de infantaria e cavalaria da guarda nacional, e fui nomeado major fiscal do segundo, sem nunca entender de coisa alguma da arte militar, pois a única arma que sempre possuí desde mocinho, não passava de um canivete para picar o meu fumo, e para o meu cigarro de palha de milho.

Tive então, por ordem superior, de mandar pregar à porta da Superintendência Municipal, e em outros lugares públicos, editais chamando ao alistamento os homens em condições de prestarem os seus serviços ao Governo Provisório, em cuja frente se achava o Comandante Lorena, e os esperava na Sala do Conselho das dez às três da tarde, em companhia do Tenente-Coronel João Alcebíades, seu comandante.

Não me lembro de rir tanto, de gargalhar tanto, de brincar tanto.

Não levando a sério uma revolução tão absurda, sem o menor ideal, constituída apenas de homens egoístas e vaidosos, esquecia por completo os nomes daqueles que, com medo das ameaças, vinham chegando.

Truncara-lhes os nomes de tal forma que, quando chamados, ninguém aparecia para o respectivo exercício.

Mas como todas as coisas nunca deixam de ser vistas, mais cedo ou mais tarde, fui acusado de não servir bem à República, e a minha nomeação de Major Fiscal do batalhão de cavalaria da Guarda Nacional, cassada.

Pulei de contentamento, folguei de alegria.

Entretanto, outros que se apresentavam como verdadeiros federalistas, como o Sr. Hipólito Boiteux, que chegava a andar fardado de major, no instante que soubera da chegada do ínclito General Pinheiro Machado a Barracão, em Blumenau, para lá seguiram e se apresentaram como legalistas.

Felizmente não foram fardados e ninguém os conhecia nas forças do General.

– Fuja quem puder! Fuja quem puder! gritavam os nossos amigos.

E a essa voz fugia, em primeiro lugar, o Tenente-Coronel José Alcebíades, fugia o Tenente-Coronel Eugênio Conceição com todo o seu fardamento à antiga, o chapéu armado, a espada de metro e meio, a borla encarnada e as botas; em seguida fugi eu, a minha mulher, a minha irmã, a minha criada e a minha sogra que, velha italiana muito atrapalhada da língua, de vez em quando, dizia:

– Par la Madona! Par la Madona!

– Assobie, seu Crispim! Assobie, para chamar mais vento, dizia minha mulher ao partir.

Entretanto a baleeira corria, ondas afora, muito mais do que um corrido.

Em março, à uma hora da madrugada, nascia-nos uma menina, a quem demos o nome de Desdêmona ao recordar-me do poeta com cujos livros eu vivia familiarmente desde o tempo do Cruz e Sousa e do Várzea.

Menina encantadora, de olhos da cor do céu, quando o céu parece como que lavado pelas chuvas das trovoadas do verão, ninguém imagina que alegria nos deu ela ao coração e à alma, augurando-lhe nós um futuro risonho, cheio de alacridades e louçanias e muitíssimo feliz.

Num travesseirinho de penas alvíssimas, perfumado à alfazema, as suas faces emergiam como de uns flocos de espuma marinha, e era da cor das rosas frescas, cor de carmim, a sua touca e as suas vestes.

E que cheirosa era, a nossa filha! Botamos-lhe em um dos pulsos muito tenros uma corrente de prata na qual prendia um Cristo de ouro, de braços abertos numa cruz de marfim.

– Havemos de vê-la princesa do palácio dourado dos nossos sonhos, dizíamos, como se as nossas almas, a minha e a de minha mulher combinassem as mesmas idéias e as mesmas palavras!

Ah! como se compreendem reciprocamente as almas dos pais! Como se compreendem!

Mas quantas vezes tive que ocultar, aos olhos da minha mulher, umas lágrimas amargas, desoladoramente amargas.

É que pelo meu pensamento passava o vulto airoso da minha prima, que nunca pudera alcançar um afago meu, à hora dos seus partos, nem as crianças a luz acariciadora dos meus olhos, nos primeiros dias da sua vinda ao mundo.

Sem nunca poder assisti-los no nascimento, a eles que eram meus filhos, como me sentia mal quando me lembrava disso e, talvez do erro cometido diante de Deus que tudo vê pelo seu amor e pela sua justiça.

Mas como evitar um amor nascido dentro de nós, nos primeiros florescimentos da nossa existência? Como abafar nos nossos peitos uma luta tamanha quando era ela o afeto de uma paixão nascida do encontro de duas almas em flor, ainda virgens, sem nenhuma idéia que não fosse a pureza de dois corações infantis, ainda pagãos?

E como eu gostasse de crianças, como lhes tinha, como ainda agora, um bem indescritível, vendo em muitas delas, coitadinhas, ora uma alvorada de felicidades, com todos os seus dias de sol, ora uma alvorada tristonha por dias sombrios.

Amando-as eu me sentiam bem; sentia-me alvoroçado de júbilos, sentia-me diante delas, uma criança também, e me recordava da minha infância que tão rica fora em carinhos e bênçãos.

E foi por isso, pela lembrança que tinha de nunca poder acalantar contra o coração, aquelas outras crianças, que esta, ao nascer, obtivera de mim um amor muitas vezes duplicado.

Vendo-a na sua caminha de toalhas de crivo, e no seu travesseirinho de penas levíssimas, a minha alma exaltava de um contentamento maravilhoso, sentia-se cada vez mais elevada às regiões celestes de onde baixam à terra os nossos filhos amados.

Sem uma nuvem moral, a nos perturbar, a mim e à minha mulher, com o nascimento dessa filha víamos o nosso lar cada vez mais fortalecido em esperanças, e augurávamos um futuro cheio de riquezas espirituais, pois as nossas almas, nascidas para todos os embates, por eles jamais seriam vencidos.

Os primeiros dias do parto, passou-os minha mulher muitíssimo bem, tal o seu vigor sanguíneo, a sua força muscular e a sua plástica; mas, de um momento para o outro, adoeceu, devido a um susto, paralisando-se-lhe o leite num dos seios, sobrevindo-lhe um tumor imenso e doloroso.

Por esse motivo, e porque continuassem em Tijucas, as vozes assalto de um pelotão das forças do General Pinheiro Machado, a essa ilha, com o fim de prender as autoridades, pedi ao governo uma licença a qual findaria a 13 de abril, dia em que eu teria impreterivelmente de me apresentar ao Juiz, nessa comarca.

Nesse meio tempo, a revolução perdendo todos os seus elementos, fraturou-se em pequenos grupos desanimados, numa desorganização sem limites, receosos de que a esquerda legalista, que apontava a Porto Belo e fazia evoluções a pouca distância do "Aquidabau" pudesse por fim, dominar o navio "Fortaleza", em cujo comando se achava Alexandrino de Alencar; mas, mesmo assim, cumpridor dos meus deveres, no referido dia 13 de abril, despedi-me da mulher e da filha, e botei-me a caminho da vila, montando uma égua de minha propriedade.

Parti por uma lindíssima manhã azul, cortada de aves trinadoras, e com as praias, à esquerda da estrada, cobertas de rosas brancas, de espumas sobre as quais a luz do sol se estendia com tonalidades de azeite doce.

Entretanto, uma grande coisa se dava comigo: o meu coração batia aceleradamente, e a minha alma impressionava-me com o que acontecia com o meu querido animal marchador, o qual, por diversas vezes empacava, e voltava-se para trás, numa veemente ânsia de voltar, de

voltar o mais cedo possível, quando, em outras viagens para Tijuca, nem de um aperto de pernas, nem de uma leve chicotada precisava o animal para chegar ao porto por mim desejado, e por ele!

À frente da venda da Carolina Alemã, na Serraria, onde apeei-me para endireitar os arreios da égua, pude então perceber, clara e distintamente, que uma voz gravíssima me dizia:

– Volta, não prossigas na tua viagem!

E voltei, tendo exclamado as seguintes palavras:

– O diabo carregue tudo quanto for emprego público, e todos os políticos.

À noitinha, tendo já chegado à casa, tive necessidade de procurar o Dr. Paulo Freitas e o Dr. Barata, para acudir minha mulher que, impressionada com as más notícias que chegavam do norte sobre a esquerda legalista que se achava em Porto Belo, e às vezes à barra do norte, achava-se com bastante febre, e para encontrá-los, esses médicos, procurei-os no Café *Fonxoat, onde se achavam o Lídio Barbosa, o Olímpio Barbosa, o Caetano Moura e o Adolfo Melo.

– Como, você por aqui, Araújo! E não foste preso em Tijuca? Terias fugido? perguntaram-me os meus amigos profundamente admirados, chamando-me à curva dos seus braços.

É que eles acabavam de saber, àquela hora, da prisão do Dr. Lopes de Oliveira, do promotor e do delegado Luís Cordeiro.

– Do promotor, não, respondi-lhes eu, graças ao empacamento de sua égua marchadeira, e do que lhe disseram aos ouvidos.

E contei-lhes o fato da estrada da Serraria.

No entanto, à hora da prisão do juiz e do delegado de polícia, estaria eu em Tijuca, e na própria casa do juiz onde eu teria de ficar morando até que pudesse ir buscar minha mulher e minha filha.

Dei graças a Deus, abençoei a voz aconselhadora, e não deixei de agradecer à Mostarda os seus contínuos empacamentos, certamente sugestionados pelo dono daquela voz, suave, doce e meiga.

Na noite de 16, temerosa, em que o vento sul parecia acabar com todas as árvores, com todas as casas, e fazia do mar um imenso rebanho de carneiros diabólicos, indo ao Palácio do Governo, encontrei-o quase deserto, pois apenas lá se achavam o meu amigo Manoel Joaquim Machado, o Capitão Leal, o Fausto Werner, e um contínuo que descia com diversas malas aos ombros, numa rapidez de quem foge de um incêndio.

– O que há? perguntei-lhes.

– Tudo perdido, tudo perdido, o "Aquidabau" afundado e o Alexandrino, com a sua gente, já se acha nos Coqueiros, em caminho do mato.

– E o que hei de fazer, se a minha mulher se acha de cama com febre alta?

– Fuja também, responderam eles.

Desci, então, rapidamente, as escadas do Palácio, atravessei diversas ruas onde fui encontrando muita gente com trouxas às costas, que fugia também, e entrei em casa contando o ocorrido à minha mulher que ardia em febre, e à minha sogra que, a essa hora, acaba de banhar a linda netinha, de trinta dias de idade.

– Fugamos Araújo, fugamos! gritou minha mulher levantando-se da cama.

– Fugamos, não! Fugirei só, se Deus o permitir.

Mas para onde, interroguei eu, se muitos dos meus amigos já fugiram, e se a noite está tão tenebrosa? Aonde encontraremos refúgio?

– E a tua febre, Conceptta? O teu estado de saúde.

– Não consentirei que fujas só, respondia ela, tomando um par de calças meu, vestindo-as bem como um sobretudo.

– Ficaste maluca, Conceptta? Aonde váis assim?

– Já sei para onde iremos... E obrigou-me a vestir um dos seus vestidos, e me colocou à cabeça e aos ombros um grande chale de lã.

Ao passar pela frente do espelho de nosso toucador, cai em gargalhadas, pois nunca me vira talhado em figura mais esquisita do que naquele momento.

– Fugamos para a casa do nosso amigo João Schutel, à rua Marechal Guilherme.

E fugimos, levando eu ao colo a nossa filha amada, e ela, a Conceptta, um guarda chuva com a cobertura roída pelos ratos.

Felizmente a alma bondosa do velho Schutel e de sua família, nos receberam e nos esconderam num quarto no interior de sua casa abençoada e cheia de paz, onde permanecemos na mais absoluta confiança durante alguns dias.

Minha sogre ia-nos ver todas as noites vestida de homem, com um balaio ao braço, e um pito ao canto da boca, para nos levar algum alimento e nos contar as notícias que se espalhavam pela cidade.

E como tudo parecesse haver entrado, aparentemente, embora, numa esperada tranqüilidade, resolvemos voltar à nossa casa, e ai esperar eu os desígnios do destino.

Mas, por uma tarde, vi, através dos vidros de uma janela, o comandante Antonico passar à frente de dois soldados, para o Quartel, no Largo General Osório, bem como

passarem também presos, o nosso amigo Cascaes, um oficial de polícia, o Ribeiro, com a mesma direção.

Perguntei então ao crioulo Caetano, veterano da guerra do Paraguai, morador nos baixos da nossa casa, e que era muito meu amigo, que coisa significava aquilo, e ele me respondeu:

– Seu cadete, tome cuidado, porque no trapiche embarcavam o Dr. Paulo Freitas, o Dr. Barata, o Caetano Moura, e muitos outros, para a Fortaleza de Santa Cruz, e não voltarão.

– E porque não voltarão eles, perguntei-lhe.

– Porque dizem que para onde eles vão não há necessidade de levar roupa, só a do corpo. E o seu cadete sabe que defunto só precisa de mortalha com a qual deverá se apresentar a São Pedro. E eu creio que no céu não haja lugar para dependurar muita roupa, não acha?

Fiquei intrigado com essas palavras, e muito mais ainda, porque, no outro dia, achando-me em casa, porém reservado, à minha porta foram bater o Major Teles e o Tenente-Coronel Tenório de Albuquerque Melo, à minha procura, dizendo-lhes minha sogra que eu me achava fugido.

Entretanto, mandei preparar a minha roupa, deixei-a sobre uma cadeira na sala, caso dela necessitasse quando tivesse de seguir o destino dos meus amigos, mas ao fitar os olhos da minha querida filha, ouvi, pela segunda vez uma voz suavíssima que me dizia:

– Foge o mais cedo possível, foge hoje.

E fugi às onze horas da noite, vestido de mendigo, e com a cara pintada a carvão, atravessando cauteloso o Largo General Osório, seguindo o Beco do Areião, a rua Menino Deus e a estrada da Prainha ao Saco dos Limões, sempre esgueirando à sombra e ora por dentro das suas cercas de espinheiros.

Chegado ao Saco dos Limões, pela madrugada, pois as minhas passadas imitavam as passadas tardias e vagas de um bêbado, para não ser conhecido, e bati em casa de minha prima Francisca que, ao dar de cara comigo, quase morreu de susto, porque havia ouvido dizer que todo aquele que ocultasse um maragato, seria fuzilado.

Mas entrei, empurrando a porta, morto de cansaço.

– Eu quero ir hoje, e agora mesmo, para os Coqueiros, Arranje-me um barqueiro.

E o barqueiro foi encontrado àquela hora, embora com dificuldade, pois ninguém queria se afrontar ao perigo de ser preso e fuzilado.

Mas o João Cuboca que era muito surdo, e que ainda de nada sabia, conduziu-me na sua canoa até os Coqueiros onde chegamos ao romper do dia, e escondi-me num mato da nossa casa.

Uma coisa, porém, deu-me arrepios de medo, durante a viagem: o Cuboca abriu a boca e começou a cantar, e procurou passar, por causa da maré de enchente, por perto da cidade onde se achavam diversas sentinelas com as armas embaladas.

Atirei-me aos pés do Cuboca e pedi-lhe que não cantasse, porque eu ardia em dores de cabeça, atendendo-me então piedosamente o homem.

Antes disso, partilhávamos na Capital, no "Estado", órgão do Partido Federalista sito por cima da antiga refinação do velho Bastos.

Era ali que todos os do partido, moças e velhos se reuniam à noite, palestrando, e a minha seção neste jornal, intitulou-se "Mosquitos", na qual eu ferroava diariamente os nossos adversários, nuns triolés engraçados e muito lidos pela gente da terra.

E aconteceu por isso a formação de um grande bloco contra mim, de maneira que, para sair à rua, tinha eu necessidade de armar-me de pistola, porque, na verdade, o bloco era grande e atrevido, achando-se à sua frente o português Henrique de Abreu, cunhado do Major Fermino Rego, e de quem uma tarde afastei-me depois de lhe haver dado umas lambadas ao meu modo, enérgicas, desembaraçadas.

Com esses "triolés" ferreei muitos e muitos homens, indo eu buscá-los, com as farpas dos "Mosquitos" desde o tempo em que a "Tribuna Popular" por eles era apedrejada e apedrejado o grupo dos cinco que não compactuaram com uma república mentirosa e vil, já naquela quadra, nos seus primeiros dias de nascimento.

Ninguém pousava em ramos verdes, ninguém pousava uma hora tranqüila quando os vendedores do "Estado" anunciavam os "Mosquitos" que ainda hoje muita gente daquele tempo guarda em coleção, como sendo a viva recordação de um tempo em que o espírito andava às soltas, desancando a mentira que hoje empolgou todo o caráter humano, principalmente nesta terra.

No "Estado" todos da sua redação eram filhos da terra, como o Eliseu Guilherme, o Lídio Barbosa, o Sales Brasil, o Dr. Schutel e o Dr. Henrique Valga, com a sua brilhante oratória, vasada em um talento másculo e grandioso.

Não havia ninguém de fora no "Estado", para os das colunas deste atirar aos catarinenses qualquer labéu, qualquer infâmia, pois o baluarte intelectual catarinense era bastante nobre, bastante digno e heróico para fazer surgir as suas idéias, e derramá-las por todos como caudais formidáveis de rios fecundadores num solo virgem, espriado sol divino, com os seus maravilhosos encantos.

E até os despeitados do norte, de Joinville, de Blumenau e de São Bento, de origem alemã, ali também se encontravam, não com o exclusivismo de hoje, mas amigos leais de todos os seus companheiros políticos, numa intimidade de verdadeiros irmãos.

E a um deles devo eu o não haver ficado, certa noite, mais chato de que uma lesma, se a sua honesta valentia não se tivesse aliado à minha, para impedir os planos sinistros de um grupo que se formara, na Cervejaria Freyeslebeu para agredir-me bruscamente, sem eu o esperar.

Adquirindo inimigos dessa ordem, desde os primeiros dias das minhas lutas pela "Tribuna Popular" e nos presentes pela minha atividade, como Promotor Público, sem no entanto, guardar dentro da alma o menor rancor por quem quer que fosse, fui demitido a bem do serviço público e atirado à miséria numa terra sem recursos, e ainda, por cima de tudo, perseguido dessa maneira.

Depois de alguns dias de estadia nos Coqueiros, onde me refugiara, dormindo sempre no mato, recebia eu um bilhete do meu saudoso amigo José Cândido, legalista, no qual o mesmo me avisava de que a minha casa seria atacada na primeira oportunidade, com o intuito de me levarem preso e me atirarem à Fortaleza de Santa Cruz, que continuavam a ser fuzilados muitos maragatos, nossos amigos, achando-se nesse número, (e Deus o sabe) grande quantidade de inocentes. Felizmente nenhum assalto tomou-me de surpresa porque sempre me cantava ao ouvido uma voz que dizia:

– Esconde-te, meu filho!

E demitido, como já disse, o que fazer da minha vida quando eu me achava, agora, rodeado de tantos inimigos?

Pensei, por diversas vezes, em ir para o estrangeiro, para Montevidéu, e ali procurar um meio de subsistência, pois minha filhinha não possuía nem um vestidinho para atravessar o inverno e nem dinheiro possuíamos para um pão! Mas a saudade que viria ferir-me a alma e o coração de pai, ao separar-me desses dois entes queridos, sugeriu-me a idéia de ficar em casa e procurar trabalho, fosse ele qual fosse. E fiquei resoluto a tudo.

Pedi então um dinheiro emprestado, e pus uma olaria para tijolos, onde eu mesmo trabalhava, das primeiras horas da manhã às últimas da tarde, fazendo tijolos e queimando-os ao relento das chuvosas noites de inverno, num cansaço exaustivo, sem tréguas, durante meses contínuos, sem o menor resultado pecuniário, e cada vez mais pobre e desanimado.

Minha pobre Conceptta, por essa ocasião teve mais uma filha, a Ismyrna, uma rapariguinha morena da minha cor, muito galante e esperta.

Cada vez mais pobre e desanimado, não deixei no entanto de trabalhar na olaria, confeccionar tijolos, e mesmo a guiar os meus bois na condução do material necessário, sendo que as horas de falta de trabalho no recinto da olaria, eu as ocupava em fazer carretos particulares, para me ajudarem na vida tristíssima que eu levava.

Uma tarde, achando-me de todo desanimado, e cada vez mais sem recursos, apareceram-me à olaria, quando eu trabalhava descalço, calças e mangas de camisa arregaçadas, e avental de couro cru, os Drs. Henrique Valgas e Campelo, ambos para me comprarem minha biblioteca de direito, cujos volumes valiam a mais de oitocentos mil réis.

– Olá? Diga-me você se o Araújo está em casa, gritou o Dr. Valgas à minha própria pessoa.

– Dr., o senhor está falando com o Araújo, respondi. Então não me conheceu?

Realmente nem o Dr. Valgas, nem o Dr. Campelo reconheceram-me, tal o estado de sujeira em que eu me achava, pois da boca dos dois saíra uma profunda e dolorosa exclamação.

Uns momentos após, vendia-lhes os meus principais livros de direito, pela importância de 150\$000.

Com esse dinheiro e mais um pouco, adquirido do Dr. Fernando Caldeira pela venda que lhe fiz de alguns livros, resolvi deixar a olaria entregue ao meu cunhado Batista, e rumar para Santos, onde esperava dedicar-me ao trabalho tipográfico.

Morávamos, por essa ocasião, no velho engenho de farinha, que ficava ao lado de trás da casa onde me criei, e ali deixei, por uma tarde de janeiro, a minha esposa e mais três filhos, pois o último, o *Elzelebad, nascera um ano depois da penúltima.

Antes, porém, de embarcar, pela madrugada, escrevia eu, em cima de uma tábua, à luz tibia e fumarenta de uma lamparina de querosene, uns versos aos quais dei o título de CORAÇÃO ENFERMO, em quadras de oito sílabas.

Como me sinto ferido no fundo do coração, nos segredos amorosos da minha alma, e no cristal bendito do meu espírito, ao recordar o momento em que tive de abraçar a esposa querida, a ela que nunca se arrependera de ter casado comigo, e a esses filhos igualmente queridos, que o ninho dos meus afetos agasalhava com tanta intensidade!

Mas o que mais me dói, ao recordar essa separação, nesse dia amargo, em que eu parecia perder todas as esperanças, faltando-me até a própria fé, foi o ter sabido, logo pela manhã, quando cheguei à Capital, que os meus versos, o "Coração Enfermo" haviam sugerido à minha gente, idéias vis, acusando-me de separação do casal, pois via essa gente má, perversa e miserável, nesses versos uma queixa profunda aos meus males secretos!

E eu já não chorava, a bordo do navio que me conduzia a Santos, pela esposa amantíssima e filhos pequeninos; antes chorava amargamente por essa gente que sempre foi, e continua a ser, ingrata para com os seus irmãos catarinenses.

Mas como o perdão e a substituição de uma cruz negra por uma branca e iluminada, perdoei-a com sinceridade e piedosamente, da amurada do navio, estendendo-lhe os meus braços fraternais.

Nesse momento, a mesma voz susvíssima, cantou-me aos ouvidos dizendo-me:

– Perdoa-lhe, meu filho.

Antes, porém, de havermos passado para o engenho, e quando só possuíamos a pequenina Desdêmona, morávamos numa casa pertencente ao tio de minha prima, e como nada possuíssemos, e nem trabalho houvesse por aquelas redondezas, e nem na cidade onde tudo me era negado, comecei por fazer doces e balas, e vendê-los na casa do negócio do Caetano da Silva. No primeiro dia tudo foi maravilhas, tudo nos encantou, porque realmente, os meus doces e as minhas balas eram feitos com muito cuidado; mas depois, ei-los voltando à nossa casa intactos, ou roídos pelas baratas da taverna.

Não prosseguindo no negócio, que continuava de desastre em desastre, mesmo porque o taverneiro não se achava com coragem de nos fiar mais açúcar, comecei a sentir a cabeça atordoada, e a enchê-la de pensamentos sinistros, embora as lágrimas de minha mulher se derramassem sobre as minhas faces lívidas de tormento.

Sem recursos, lembrei-me de escrever a um amigo, pedindo-lhe a quantia de dez mil réis, e, para isso sentei-me junto a uma mesa, na sala, rodeado da Conceptta, da minha sogra, da minha irmã Malvina e da minha tia Felicidade, que nos fora visitar, preparei o papel e peguei da pena.

Nisso, um grande estremecimento esquisito, como o de um choque elétrico, dominou-me o braço direito, abalando-me o coração, a cabeça e todo o corpo, enfim, percebendo bem perto de mim, ou antes, dentro de mim, nos meus ouvidos, uma voz que não me era estranha!

– Quem fala? perguntei assustado.

Mas os que me rodeavam responderam admirados, julgando que eu estivesse a interrogá-los.

– Ninguém está falando! Ninguém!

– Não pergunto a vocês, mas àquele que neste momento, está ocultamente me falando de coisas que eu não sabia.

E a voz, de um ser oculto, me disse:

– Eu sou o teu amigo e irmão Joaquim Lopes de Oliveira, preso em Tijucas, na ocasião em que terias chegado à minha casa, onde deixei a minha desolada esposa a Etelvina, grávida de 15 dias, de uma filha que seria tua afilhada se não fosse a minha morte.

– E como morreste, ó meu saudoso amigo? perguntei ao ser oculto.

– Depois de preso e conduzido, entre homens que escarneciam da minha pessoa, atirando-lhe chalaças grotescas, até Porto Belo, fui metido a bordo de um navio, e acorrentado. Ao segundo dia, ao verem-me eles abatido, e falando na Etelvina, deram-me a beber um cálice de vinho tinto que parecia sangue e perguntaram-me se eu estava satisfeito com o tratamento. E eu tive de, magoado, responder-lhes que todas essas palavras não passavam de uma inclemente ironia àquele que se achava acorrentado de pés e mãos. E como eles me perguntassem a quem eu daria, naquele momento, um viva, se à Monarquia ou a Floriano Peixoto, fui dominado por uma força estranha e respondi:

– Viva a Monarquia que, se algum dia prendeu os cidadãos, nunca os acorrentou. Viva a Monarquia, repeti eu.

– E o que aconteceu?

– Fuzilaram-me, tendo sido momentos antes cortada a minha língua cujo sangue tinha cor do vinho que eu acabara de beber no cálice da amargura.

– E o teu corpo, onde o viste atirado?

– Não sei, porque no momento em que o meu corpo tombou, o meu espírito, aquele que te fala, subiu aos braços acariciadores de minha mãe, morta há uma porção de anos.

– E o que desejas, saudoso amigo?

– Que continues a me querer bem como eu te quero, e a teres força necessária para venceres tudo quanto encontrares no caminho da vida terrena, para proveito de tua alma cristã. E vencerás.

Vindo-me ao meu pensamento a lembrança de lhe perguntar se conhecia a minha filhinha Desdêmona, que naquela hora dormia num berço, eis a sua resposta:

– Sim, conheço-a, é uma boníssima menina.

E esse modo de antecipar, por gracejo, o adjetivo ao substantivo, deu-me a fiel certeza de achar-me falando com o meu querido amigo Lopes de Oliveira.

Feita uma pausa, intervalada com a minha grande emoção, e as minhas lágrimas, continuou o espírito do meu amigo:

– Diga à tua irmã Malvina que pague à imagem do Senhor dos Passos, da Capital, a vela de libra que ela prometeu para que eu não fosse preso em Tubarão. Perguntei-lhe se não foi. E adeus!

Readquirindo o meu estado normal, contei a todos que me rodeavam esse fato, e perguntei à minha irmã Malvina se ela tinha prometido à imagem do Senhor dos Passos, uma vela de libra para que o Dr. Lopes não chegasse a ser preso em Tubarão, sendo a legação confirmada por minha irmã.

Acreditando, desde pequeno, na imortalidade da alma, nesse momento acabava eu de ter a prova mais cabal dessa certeza, pois a entidade do meu amigo era tão clara, tão flagrante, que não me era lícito duvidar um só momento.

Abençoadas pois as lágrimas por mim choradas, e pelos que me rodeavam, nessa noite em que foram recordadas cenas inspiradoras de profundas saudades.

E como o meu querido amigo me havia dito que esperasse, que não perdesse a fé, que achasse sempre a bússola da crença, e me envolvesse nas dobras da bandeira verde da esperança, comecei a resignar-me com a mais doce e sugestiva humildade, sem uma blasfêmia, sem uma repulsa, sem um ai de desespero.

Benditos os seus conselhos.

Nessa noite tornei-me espírita, com a firme convicção de que a morte não existe senão para o corpo onde a alma faz sua morada temporária, neste mundo.

Ainda com os ódios políticos acesos, e achando-se no governo do Estado o Coronel Moreira Cesar, e ao seu lado o Tenente-Coronel Firmino Rego, tive necessidade de ir a Tijucas, e como de fato fui, pois lá deixara uma demanda de Francisco Manuel contra sua irmã e do qual eu era advogado, para uma inquirição de testemunhas, pedida pelo advogado adversário contra o meu constituinte.

E fui tranquilo, em companhia do Chico Manuel por haver eu recebido um bilhete escrito pelo meu amigo Tenente-Coronel Benjamim Gallotti, dizendo-me não haver perigo da minha volta a Tijucas, pois ali todos, quer os federalistas quer os legalistas, eram meus amigos.

Convicto dessa afirmativa é que parti, numa manhã de agosto, sob um frio horrível.

Chegado a Tijucas, no dia da audiência, encaminhei-me para o Conselho Municipal e lá encontrei-me com o Dr. Antero de Assis, o Promotor Público e o meu querido e jamais esquecido Carlos Büchele, tabelião da Comarca.

Depois dos cumprimentos, apresentei ao Juiz a provisão do meu constituinte, e foi quando o procurador de Justiça Pública, o velho Antônio Carvalho, a quem eu dispensava todos os favores, no tempo em que eu era Promotor Público da Comarca, exigiu de mim um passaporte para poder andar livremente no Estado.

– Não o tenho, respondi-lhe, porque falando com o Delegado de Polícia do Estreito, o meu parente José Dutra, ele me dissera que só era exigido para aqueles que viajassem por mar, e tivessem que sair à barra do Norte.

– Não é possível que uma autoridade que se julga responsável lhe dissesse tal coisa. É impossível.

– Impossível, disse por sua vez o Dr. Antero de Assis, o Juiz de Direito da Comarca. E acrescentou:

– Telegrafarei ao Coronel Moreira Cesar e ao Coronel Fermino Rego, para saber em que contas anda o senhor com eles, pois não posso admitir que um maragato, que foi autoridade nesta Comarca, possa exercer livremente, na quadra atual, direitos de cidadão republicano.

Estremeci, cravei os olhares nos do tabelião Carlos Büchele, e respondi ao Juiz de Direito da Comarca:

– Aceito o vosso alvitre, mas antes de ouvir a voz de minha prisão, e ter um destino igual ao do meu grande amigo Lopes de Oliveira, permita que lhe diga que, se isso suceder, a maldição de minha filha que deixarei no mundo, sem pai, cairá sobre a vossa cabeça e a de vossos filhos.

O Carlos Büchele, alma de elevação, magnânima, levantou-se, chamou o João à sala dos fundos, segregando-lhe umas coisas, voltou com o João à sala das audiências e disse:

– Não, Araújo, o Dr. Antero acaba de saber que o Coronel Firmino Rego é teu amigo gratuito, e, por isso, nada te acontecerá!

E a campainha do meirinho soou, e o Dr. Antero gritou:

– Está aberta a audiência e reconhecido legítimo o advogado presente.

Inquiridas as testemunhas presentes, tivemos de ouvir, no Pontal, uma velhinha também testemunha, que por ser de idade avançada não pode assistir a audiência.

A tarde desse dia passei-a bem, indo eu dormir no hotel do João Bayer. Mas, pela madrugada, achando-me eu ainda deitado, num quarto à direita do hotel, com janela para um rincão de hortaliças, ouço alguém bater convulsamente no tabuado e chamar pelo meu nome.

Saltei da cama, engatilhei o meu revólver e firme, para que fosse ou viesse, abri a janela.

– Quem me chama? perguntei.

– Um amigo seu, embora contrário à sua política.

– E o que deseja?

– Apenas lhe dizer que fuja já, sem perda de tempo, porque metido eu, à noite, em uma reunião, nela foi vencida a idéia de se telegrafar ao Coronel Moreira Cesar, pedindo a sua prisão.

– Acautele-se, porque ela virá pelo mar, numa lancha a vapor.

Esse coração nobre e bondoso, era o meu amigo Joaquim Santana, a quem anos depois, o meu coração, ao encontrá-lo numa enfermidade gravíssima, prestou, em sinal de reconhecimento, as provas mais nobres desta vida onde a custo se poderá encontrar duas almas nos mesmos princípios de amor e de caridade.

Despedi-me de João Bayer, desci à casa do Francisco Manoel, e com este subi a longa rua da vila, quando fui encontrado pelo Antônio Gonçalves, um dos que tinham pedido a minha prisão ao Coronel Moreira Cesar, e que, ao tomar-me, por gracejo, as rédeas do animal que eu montava, me disse:

– Você, Araújo, é um homem que nada teme! safa! E para onde vais, a esta hora?

– Vou para a casa do Chico, caçar tamanduás, esses bichos que se deitam na estrada e abrem os braços amorosos.

– Que sejas feliz, retorquiu o Antônio Gonçalves.

E uma voz nesse momento, cantou-me aos ouvidos:

– Passarás entre os tais inimigos, nem que eles te conheçam.

Na certeza, então, de que a voz que eu acabava de ouvir por mais uma vez, não era senão a expressão da verdade, despedi-me do Chico Manuel, à margem do Rio, e botei-me para a minha casa, nos Coqueiros, com o coração à larga.

No caminho, porém, em Tijuquinhas, numa nesga de terras brancas estendida entre cercas de espinheiros, ao despontar de uma curva, dei de cara com uma força do exército, completamente municuada, a cuja frente vinha um tenente montando um belo cavalo tordilho.

Era a escolta que eu esperava para me prender.

Teria disparado o animal que eu montava e, dessa forma comprometido a minha pessoa, se não tivesse ouvido, de novo, a voz meiga que me seguia misteriosamente oculta:

– Não receies; eles não te conhecerão.

E, de frente, passei pelo tenente, cumprimentei-o, cumprimentei em seguida a força, sem deixar no entanto, de apertar as virilhas do animal, quando me vi adiante da curva do caminho, e sem olhar para trás, chegando à minha casa ao entardecer.

– X –

Em Santos fui morar à rua 15 de Novembro, na pensão de uma mulata chamada Juliana, minha conterrânea, cuja barriga parecia bem uma pipa, e cujos seios pareciam dois

mamões enormes, feitos de qualquer coisa mole e untados quase sempre de um suor cheirando à urina.

A voz da mulata parecia a de um saxofone tocado por um bêbado com a boca cheia de cachaça, tal a sua voz sinistra e cavernosa.

Tratava-me bem, no entanto, a pobre mulata, fazendo-me ingerir boas macarronadas, e muito vatapá à baiana.

Empregado que fui na redação do "Diário de Santos" do qual era redator-chefe o Dr. Heitor Peixoto, ali encontrei-me com o Juvenal Pacheco e o Macedo, um mulato que só se metia com o latim e a gramática, o qual, no entanto, não escrevia coisa que prestasse.

Nesse jornal publiquei, além de muitas coisas novas, um soneto dedicado à minha filha Desdêmona.

Mas em todos os recantos do mundo existem velhacos, ai encontrei um dos mais astutos, o mulato Martinho, nortista, na qualidade de gerente desse jornal.

– Só amanhã teremos dinheiro, respondia ele, aos que lhe pediam o salário da semana.

E quando o dinheiro chegava era sempre às migalhas que ele no-lo dava.

Aborrecendo-me com isso, e mesmo porque ficara doente, sai desse jornal e fui para a "Tribuna", cujo gerente e redator era o Olímpio Lima, de tristíssima memória.

Não gostei desse homem, embora reto nos seus pagamentos, pela maneira em que se apresentava aos seus operários, ora em ceroulas ora em fraldas de camisa.

Continuando doente e tendo gasto tudo quanto havia ganho, resolvi escrever ao meu compadre Fausto Werner, pedindo-lhe uma colocação em São Paulo, onde ele se achava empregado.

Passa-me um telegrama urgente, dizendo-me empregado ai, para ganhar quinhentos mil réis, pois só dessa forma poderá a Juliana deixar sair com o meu baú, dizia eu ao Fausto Werner, na carta que lhe escrevi.

Recebido o telegrama, mostrei-o à Juliana, para a mulata a quem eu devia dois meses de pensão, não deu pelo achado, dizendo que por cima da sua barriga e das suas mamas eu poderia sair sem lhe satisfazer primeiramente a minha conta.

Desta vez não fora a voz que eu sempre ouvia, nas maiores contingências da vida, que me guiava, e sim o meu próprio instinto de conservação, pois a Juliana era amasiada com o Portugal, um embarcadicho de cabelos no coração, e ele estava a chegar do sul, no primeiro vapor.

Estando eu magro como me vejo, e doente, estarei para deixar-me cair nas garras do Portugal? Não pode ser.

E como na pensão da Juliana morava o José Galego, um homem alto, robusto e valente, prometi-lhe cinco mil réis para ele desembaraçar-me desse aperto, levando o meu baú à Estação da Estrada de Ferro, seguindo-lhe eu os passos, sem a Juliana nos pressentir.

– A Juliana há de vere como se há de passare por cima da sua barriga e das suas mamas, dizia o José Galego, com o seu sotaque carregado de português, há de vere.

Com efeito, às quatro da madrugada, eis-me fugindo com o José Galego, e o meu baú à frente, e passando os três por cima da barriga e das mamas da Juliana, que a essa hora, por causa do grande calor que fazia, dormia numa esteira, no corredor, em fraldas de camisa.

E até hoje, pobre Juliana, embora pela minha alma passe seguidamente o arrependimento de ficar, pela força das circunstâncias, a dever-lhe esses dois meses de pensão.

Em São Paulo, foi-me buscar à gare, o meu querido amigo Fausto Werner, e levou-me para a sua casa, passando eu a dormir na sede do Centro Catarinense, em frente ao Palácio do Governo do Estado.

Empreguei-me numa oficina tipográfica, à rua Boa Vista, de propriedade do Antônio Maciel, filho do Rio Grande do Sul, e achava-me bem encaminhado, com promettimentos à sociedade, quando adoeci de novo, e tive de ficar no centro alguns dias, aboletando-me, no entanto, sem ninguém saber, no forro da casa, perto das telhas, estirado num colchão velho, tendo apenas por companheira, uma grande jarra cheia d'água.

A febre era tanta, e a dor no lado esquerdo, tanto me abatia, que até hoje estou por saber quantos dias passei, sozinho, nessas alturas, sem quem por caridade me desse a beber água daquela jarra.

E a voz meiga e suavíssima que eu vinha de ouvir há tanto tempo, me disse aos ouvidos:

– Ficarás bom, porque te é dado sofrer ainda muito mais.

E o meu querido amigo, o Fausto, quantos dias passou aflito, à minha procura!

Depois de melhorar, segui então para Campinas, a convite do Francisco Cordova, marido da ilustre poetisa Hilbrantina Cordova, e ai empreguei-me no "Diário de Campinas", de propriedade do Coronel Toledo, o mais exaltado chefe político da cidade.

O "Diário de Campinas" achava-se com todo o seu material gráfico completamente empastelado, e as suas máquinas sem movimento, sendo eu então encarregado de preparar tudo isso, e lançar o Jornal à rua, com feição nova, em todas as suas seções.

Era seu gerente o João Rocha, um homem baixo quase redondo, de maneiras molengas, sem energia, usando seguidamente um terno de roupa negra, como as asas de um corvo, e uns sapatos de biqueiras compridas, e curvas como chifres de bovinos.

Dessa forma deixava de pedir dinheiro ao Coronel Xavier de Carvalho, para nos pagar o salário, o meu e o dos tipógrafos, sendo que principalmente o meu, já era grande, e o hoteleiro da rua 13 de Maio andava desconfiado comigo, não querendo mais dar-me arroz com feijão e nem cama.

– Rocha, você avie-se, busque pagar-me o meu dinheiro, pois do contrário, não sei o que será de você, ouviu? disse-lhe eu uma vez, em que ele, sentado em uma cadeira de engraxate, mandava lustrar as biqueiras curvas dos sapatos.

O homem calou-se, e eu entrei na redação do jornal, sentando-me a escrever uma notícia sobre a chegada dos restos mortais do festejado maestro Carlos Gomes, àquela cidade.

Nisso entrou o Coronel Xavier de Carvalho, sobrecarregou as pálpebras, franziu as faces e me disse:

– O sr. deve continuar com seus desaforos, ouviu? Eu não sou homem que tenha medo caretas.

Mal acabava ele de me dizer essas coisas, quando entraram alguns políticos, e em seguida um italiano sobraçando umas oleografias. Estendendo-as sobre a mesa, representavam elas as figuras de Gumercido Saraiva, Salgado e Juca Tigre, sobressaindo-se-lhes os lenços encarnados e a fereza do olhar.

– Conhece -os. se o Sr. é de Santa Catarina? perguntou-me o Dr. Bacelar, um dos que haviam entrado.

– Se os conheço! respondi-lhe, com a atitude de quem se vê ganhando uma causa.

– E os viu degolar? De que maneira eles degolam?

Levantei-me, juntei-me ao Coronel Xavier de Carvalho, botei-lhe os dedos no nariz, verguei-lhe a cabeça para o dorso, e passei -lhe rapidamente a mão direita por baixo do queixo, como se estivesse mesmo a degolá-lo e gritei:

– Pronto, canalha!

– E você, Araújo, assistiu a muitas degolas? perguntou-me, lívido o Coronel.

Contei-lhe então as minhas façanhas na cidade da Lapa, e na caminhada que tencionávamos fazer até o Itararé, em perseguição à Guarda Nacional de Campinas, da qual era comandante o próprio Coronel, fato que eu já sabia de cor, por me haver contado um crioulo empregado no Correio,

À noite recebia eu integralmente o meu dinheiro, com o qual satisfiz os meus compromissos, rumando na manhã seguinte para a cidade de Itu, com o compositor na valise.

Ai chegando, trabalhei nas oficinas gráficas do Convento do Sagrado Coração de Jesus, ao cuidado de alguns jesuitas, dentre os quais se distinguia o eminente padre Bartolomeu, que se tornara meu amigo, e recordamos sempre, bondosamente sorridente, o tempo em que ele estivera em Santa Catarina, na qualidade de reitor desse Colégio, onde estudavam o Dr. Luís da Gama Rosa, e muitas outras intelectualidades.

Querendo-me muito bem, o Padre Bartolomeu facultou-me a majestosa biblioteca do Convento, onde eu, nas horas em que não tinha trabalho, gozava a leitura de uma grande quantidade de livros magníficos, e com uma distinta piedade pelas minhas lutas, que lhe foram contadas, interessou-se para que a ida da minha família para Itu, por sua conta, fosse uma realidade.

Não aceitei, porém, ao convite do ilustre sacerdote, porque, por esse tempo, a febre amarela e o tifo dizimavam a população da cidade e dos seus pitorescos arrabaldes.

Tive de fugir, pois dessa cidade, com receio da epidemia, facultando-me o padre a viagem de volta.

Tendo lido num jornal, que uma oficina gráfica, na cidade de Mogi- Mirim, necessitava de um compositor para lá segui, sem ter, no entanto, conseguido trabalhar, pela miserabilidade do salário diurno e noturno.

Sem dinheiro, rumei-me para o Rio Claro, e lá então foi o meu maior desastre.

Com a mala às costas, e a valise debaixo do braço, voltei à cidade de São Paulo e hospedei-me de novo no Centro Catarinense, que continuava sob a presidência do meu amigo Fausto Werner.

Embora sofrendo tantos trabalhos e curtido de saudades da esposa querida e dos nossos filhos, nunca deixava, porém, de escrever os meus versos e guardá-los no fundo da mala grande, de maneira que cheguei a acumular grande quantidade com o fito de publicá-los em livro. E como os escrevi? Escrevia-os à noite, à luz de qualquer vela de cebo ou mesmo sobre as pernas, nas viagens de trem, metido entre os imundos passageiros de segunda classe.

Em São Paulo, encontrou-se comigo o Coronel José Fernandes Martins, da Laguna, que alí se achava a passeio, e convidou-me a ir a esta cidade onde eu abriria um colégio.

Aceitando o convite, botei-me pela Estrada de Ferro para o Rio de Janeiro, onde deveria tomar passagem marítima para os Coqueiros, e daí para Laguna.

Telegrafei ao Crzu e Sousa.

Que abraços veementes, que abraços estremecidos, e que beijos de saudades na gare da Central da Estrada, no Rio, quando nos encontramos, eu e o Cruz e Sousa!

Depois de um largo passeio de bonde pela cidade, foi bater em nossa companhia, à rua Malvina, na Estação do Encantado, e foi quando, pela primeira vez, conheci a encantadora Gavita, e beijei os seus quatro filhos.

A casa continha dois pequenos quartos, uma sala de visita, um gabinete ao lado esquerdo, uma varanda com janelas para um quintal, e uma cozinha, dentro da qual, pelas paredes lisas tinham, dependurados, lampeamentos de sal de estio. E toda a casa, embora pequenina, era limpa, asseada e confortável, como aquelas casas da Holanda, descritas pelo notável homem de letras, Ramalho Ortigão.

À sua mesa de jantar estendia-se uma alvíssima toalha de linho, dela sobressaindo num modesto vaso de pedra cor de leite, uma luxuosa variedade de flores.

Na saleta é que o poeta tinha, numa prateleira de pinho branco, os seus livros queridos; e, sobre a mesinha da sala, os seus versos, empilhados a um canto, por baixo de uma pequena pedra mármore, para não deixá-los voar.

E foi quando, num relance, pude perceber, sem que o poeta quisesse, o título do seu último livro de sonetos, passando-me, nesta ocasião, pela cabeça, uma idéia sinistra de morte. – Fui indiscreto, Cruz; mas perdoa-me, sim? disse-lhe eu a disfarçar, no meu semblante, uma qualquer coisa que me inundava de lágrimas geladas a alma apreensiva.

Mas como o incidente houvesse passado, começou o Cruz e Sousa a ler-me os seus últimos sonetos, com aquela voz suave, dolorosíssima e meiga, de sempre, não deixando de vez em quando, de levar aos olhos límpidos as dobras do seu lenço branco e perfumado.

E eu também chorava, em silêncio.

Entretanto, no dia seguinte, rimos à vontade, quando o poeta me deu a ler as críticas dos jornais por ele colecionadas, contra os versos dos seus "Broquéis", das quais surgia, como sendo a mais ingrata e miserável, a do Dr. Magalhães de Azevedo, por esse tempo com ofício na legação brasileira, em Paris, de onde eles vinham e eram publicadas, creio na "Gasetta de Notícias".

– Deixá-los, coitados! Se entendessem vá lá! dizia-me o admirável poeta. E, mudando de conversa, começava a recordar a nossa vida nos bons tempos, no Desterro e nos Coqueiros.

Passavam-lhe pela retina o vulto amoroso da minha tia Felicidade, encarquilhada mas muito meiga, cheirando a rapé Areia Preta, o da minha irmã Malvina, o da Maria José e o da minha prima, daquela que tanto nos encantava com os seus lindos olhos negros e a sua inteligência.

E como vinha-lhe também à retina a Pedra, na sua casinha atrás da Fortaleza de Santana, a costurar as suas roupas, ou a lavá-las numa fonte de águas límpidas e sussurrantes.

– Araújo, meu saudoso amigo, como eu continuo a gostar da Pedra, da minha crioula sob cujos olhares os meus sofrimentos foram tantas vezes aliviados! Como continuo a gostar desse ente sacrificado pelo desígnio do destino.

Muitas foram as vezes em que o poeta me repetia essas frases. E acrescentava sempre:
– Como eu tenho saudades da nossa terra! Como eu tenho saudades dela, meu Araújo! E quem pudesse enterrar-se numa de suas praias brancas e luminosas!

Com efeito era essa a vontade do poeta, tanto que, ao achar-me já na Laguna, recebia eu do poeta as seguintes cartas, com pouco intervalo uma da outra:

Rio, Janeiro de 1895

Meu caro Araújo

Que os meus braços amigos te apertem bem de encontro ao teu coração, no momento de receberes estas linhas saudosas.

Mas escrevo-tas, meu querido irmão, com a alma dilacerada de angústias, porque me vejo a morrer aos poucos, e quisera, pelo menos, passar alguns dias contigo, antes que isso sucedesse, pois vejo em ti um grande e afetuoso amparo aos meus últimos desejos.

Fala com teu amigo José Fernandes Martins e arranjas com ele uma condução, no paquete "Industrial" para mim, para a Gavita, e para os meus quatro filhos. Se escapar da morte, que, no entanto, julgo próxima, ajudar-te-ei no teu colégio, ouviste?

O teu pelo coração e pela arte

Cruz e Sousa.

Alguns dias depois, recebia eu estas linhas:

Meu Araújo

Esqueci-me de dizer-te, na carta que escrevi há dias, que moramos à rua Malvina nº 50, no Encantado.

O teu

Cruz e Sousa

As letras desta carta vinham tremidas, como as de decrépito, e me denotavam bem a fraqueza em que já se achava o braço do poeta, aquele braço até então vigoroso e sereno.

Mas não foi possível aquiescer ao último pedido que me fazia o meu saudoso amigo, pois nem eu tinha uma casa com o necessário cômodo para acolhê-lo e à família, e nem obtivera recursos para lhe dar passagem no "Industrial", para a Laguna, em vista de me ser

lançado ao rosto, embora com muita artimanha, a cor do poeta, a qual iria prejudicar o meu colégio, o qual se achava, infelizmente, sob a imediata proteção do referido José Fernandes.

E nem um real eu possuía, nessa época.

Escrevi ao poeta contando-lhe o fato sem tocar-lhe, no entanto, nem de leve, na observação do meu amigo da Laguna. E como imagino o sofrimento da sua alma, ao ter em plena luz dos seus olhos, um tão positivo desengano.

Um mês depois, recebíamos a dolorosa notícia da morte do poeta.

O meu colégio, na Laguna, apenas durou dois anos, tendo eu necessitado fechá-lo porque, criando Antônio Carneiro, na qualidade de superintendente, um outro, sob os auspícios da respectiva Municipalidade, o meu não seria possível progredir em vista de ser a matrícula deste e a sua contribuição por aluno, apenas de quatro mil réis mensais, se não me falha a memória, em represália ao não ter aceito um convite do mesmo Superintendente, para reduzir de 15\$000 a mensalidade do meu colégio.

E foi também uma questão política, dessa política que jamais se alinhava na minha alma, mas que certos e determinados políticos pareciam vê-la dentro e em derredor de mim.

Fechado o colégio, fui morar no arrabalde Magalhães, numa casinha muito velha, tendo por companhia mais um filhinho a quem dei o nome de Antonico.

Uma noite, adoecido esse filho, tive que chamar para vê-lo e medicá-lo à luz da lua, coada através dos vidros de uma janela, por não ter eu apenas aliás ao menos uma vela de sebo sequer, para alumiar o meu filho.

E assim ia eu, de dificuldades em dificuldades, e num profundo desalento, quando resolvi ir para o Bananal, nas Laranjeiras, margem direita da Estrada D. Tereza Cristina, ao menos para fugir à carestia da vida da cidade, onde eu não poderia achar um arrimo às minhas misérias.

E no Bananal talvez acontecesse o contrário porque lá se achava o meu cunhado Batista com uma taverna e uma rede.

Resolvida a viagem, para lá fomos, e eu me empregava à pesca de siris para matar a fome, sem me impressionar com a roupa minguada que tínhamos.

O meu colégio fora instalado a princípio numa casinha sem cômodos, à Praça da Cadeia, e mais tarde passara-se para uma casa maior, em frente e com fundos para o mar, por um corredor comprido, fechado por uma meia porta, sobre a qual era do meu costume debruçar-me à tarde, à hora em que o ocaso se tingia de rubro e irradiava dos seus segredos todo um rico esplendor de cristais diluídos em luz.

Achando-me numa dessas tardes, nesse lugar de meditação, com os olhos fitos no espaço intérmino sob o qual eu me julgava tão pequenino, senti uma música vibrar aos meus ouvidos, como se fora produzida pelo zumbido de uma abelha, e uns versos lindos, lindíssimos, se fizeram cantar em seguida e gravaram-se na minha idéia como pérolas num cofre cuidadosamente fechado a sete chaves.

– Quem me diz versos tão lindos? perguntei de mim para mim, maravilhado.

– O teu amigo Carlos de Farias, responderam.

Corri então à casa e escrevi os versos: "Ao pôr-do-sol".

E desde essa hora comecei a sentir-me acompanhado por um ser oculto, e coberto, da cabeça aos pés, por uma atmosfera fluídica e luminosa, de um bem estar infinito, até que um dia, depois de sucessivas provas por mim realizadas, da escrita direta, em que o movimento do meu braço, involuntário à minha vontade, parecia impelido por uma vibração elétrica, considerei-me morto, hirto, de pés para a porta de uma habitação fantástica, mas podendo ver em derredor de mim, debruçada em lágrimas, a minha querida esposa, e a minha irmã Malvina, e a minha velha sogra. É que, na manhã desse dia, por volta das nove horas, ao sair à porta da casa onde havia uma aula de meninos, para a casa contígua, onde se lecionava meninas, fora eu assaltado, de chofre, no pescoço, por uma onda de fogo esquisito, que quase me derrubou ao chão, tal o seu calor e a sua impetuosidade.

Ao chegar à aula dos meninos, era eu outro homem; esclarecera-se a memória a tal ponto, e tais foram os conhecimentos de latim, português, francês e inglês, que nessa mesma hora tudo isso parecia-me tão habituado como se de fato houvesse me aprofundado há longos anos.

Discorri, perante os meus alunos, com tal proficiência sobre a estrutura de um escrito do Padre Antônio Vieira, que, tanto eles, os meus discípulos, como eu, ficamos admirados.

E nem só isso: a matemática entrava-me na cabeça de um modo deslumbrante.

– Queres ser poliglota? perguntou-me uma noite, quando eu já me achava no leito, ao lado de minha mulher, um vulto alto, magro, cara rapada, cabeça rodeada de cabelos negros, braços compridos, e vestido de uma batina escura!

E acrescentou:

– Dar-te-ei o dom das línguas em troca do dinheiro que alí está, o qual retirarás e te pertencerá. E apontou com a mão direita, branca como um pedaço de gelo, o lugar onde se achava o dinheiro enterrado.

– Não o desejo, respondi-lhe, dominado por uma aflição que me estrangulava a garganta, e me gelava todo o corpo, como se estivesse num frigorífico.

– E em troca dos teus filhos, não me farás esse favor?

– Nunca! Jamais! Jamais!

– Então morrerás agora mesmo, agora mesmo! retorquiu o fantasma, colocando sobre o meu peito a sua mão pesadíssima e fria. E obrigou-me a confessar todos os meus pecados, os quais se sucediam como uma grande roda em movimento.

Depois estirei de novo as pernas, os braços, a cabeça, e abri a boca dentro da qual o fantasma introduziu uma hóstia, e fez-me engoli-la sem um movimento de lábios, de deglutição. Fechados os olhos, julguei-me morto ao lado de minha mulher que dormia, no entanto, descuidada, sem perceber as minhas angústias.

Mas, em dado momento, ao retirar-se o fantasma, a largos passos, e sumindo-se à sombra da lamparina que se achava acesa aos pés de uma imagem da Virgem da Conceição, sacudi a minha mulher, acordei-a e contei-lhe o ocorrido, banhado de um suor friíssimo.

Ficamos assombrados e oramos juntos, de joelhos em cima da cama.

No outro dia, pela manhã, ao levantar-me, ouvi vozes trágicas, ao redor de mim, e uma delas me sugeria a idéia de beber garrafas de cachaça, e de estrangular a minha querida mulher.

– Não o farei, respondia-lhos eu.

Mas quando chegou a noite, e eu já me achava no leito, ao lado da minha esposa, eis-lo que chega o fantasma, e de novo busca atormentar-me com outras sugestões horríveis, diabólicas, sinistras, de promessas absurdas.

E dentro do meu quarto, por baixo e por cima da minha cama, começaram a se estender largos fachos de um fogo, e um cheiro nauseabundo errou por tudo.

Nisso, uma voz doce e amiga, contou-me ao ouvido direito, como para afastar o que me atormentava.

– Lembra-te de Jesus. Estarei contigo. Estás passando por uma transição.

Comecei então a ouvir apenas pelo ouvido esquerdo, o que até então aí ouvia pelos dois.

Se ao meu ouvido direito a voz meiga dizia sim, a do esquerdo, triste e cavernosa, dizia não, e assim continuaram ambas.

E nessa mesma noite, achando-se a minha casa completamente cheia de amigos, que sempre os tive na Laguna, nesse rincão abençoado, foram tão medonhos e trágicos os modos com os quais os meus inimigos se apresentaram, que não sei como pude resistir. Chegaram muitos e muitos e dois dentre eles foram destacados para me amortalharem; outros dois trouxeram-me um caixão negro, tarjado de galões, e colocaram-me dentro dele conduzindo-

me ao Cemitério da Paz, vendo-me eu acompanhado de milhões de pessoas, dentre as quais reconheci pessoas mortas há longos anos.

E para dentro de uma cova de barro vermelho me atiraram impiedosamente.

Antes, porém, de acontecer a minha ida para o cemitério, fizeram com que, diante de mim, passassem de novo todos os meus pecados, todas as minhas misérias e todas as minhas faltas, insignificantes embora.

Ninguém imagina o que sofri, o quanto sofreu a minha carinhosa esposa, a quem eu contava tudo o que me acontecia, sem lhe poder dar uma explicação satisfatória.

Ora era um chifre enorme, de boi franqueiro, que me metiam de perto até sair pelo sabugo, na barriga, nas costas, no peito; ora um chale que se transformava em dragão e engolia-me lentamente; ora obrigado a ouvir músicas macabras, ora a aspirar fétidos que entonteciam, ora a ver minha mulher nos braços de outros, e a cuspir-me no rosto; ora finalmente a presenciar fatos que não sei porque surgiam diante de mim.

Numa dessas vezes fui levado ao espaço, numa carreira vertiginosa, e lá muito longe, muito longe, passei sobre um mundo de sol cor-de-rosa, e de vegetação verde carregado, atravessado de pequenos canais cristalinos onde se refletia uma majestosa turquesa transparente.

Admirado dessa maravilha, perguntei a um vulto que me acompanhava à minha direita, que mundo era esse que os meus olhos observavam.

– Este é o mundo para onde irás, quando chegar o dia.

Em seguida voltei, e encontrei-me no leito.

E eu via todos os objetos, todas as coisas e todas as pessoas, através das paredes as mais grossas, e mesmo a maior distância, através das muitas léguas de terras e de mar que me separassem.

Via tudo isto sem ser no entanto, com os olhos físicos, e sim por uma outra forma, até então não compreendida pelos meus conhecimentos.

E quando eu, sedento, procurava beber água, não era esse o elemento que sorvia e sim um outro elemento transformado em mulheres fluídicas, ou em vermes nojentos, de largas dimensões.

Em casa do meu amigo e compadre João Rodrigues, farmacêutico da cidade, em uma noite, senti todo o meu corpo babujado por um turbilhão de lesmas de enormes ferrões penetrantes. Feriam-me dos pés à cabeça, com puas que iam de encontro àqueles, e ora com espinhos que me atravessavam a frente, sangrando-a impiedosamente.

E a minha perna direita foi transformada em triângulo agudo, chegando quase o calcanhar a tocar a nádega, em cujo pé abria-se uma chaga, que durante meses levou a sangrar, ficando-me todo o respectivo lado completamente magro, com a pele encarquilhada, junto aos ossos que rangiam nas suas articulações, ou tilintavam como folhas de Flandres.

Pensando em qualquer pessoa, em quaisquer aspectos e a natureza, por mais longe que se achassem, ei-los junto de mim, numa fragrância alegre, bizarra, encantadora, ou numa desolação tristíssima, pungente, amarga.

Não podendo, portanto, suportar tantos sofrimentos, tantas angústias secretas, elevei o pensamento ao glorioso Santo Antônio de Pádua, e lhe pedi que me desse as forças necessárias para suportar essa luta imensa, que eu dentro de mim ocultava, sem explicá-la à minha mulher, para não vê-la continuando numa impressão que não deixava de se lhe expressar nos olhos tristes e chorosos.

Em uma noite, e eu me achava ainda no leito, coberto de dores cruciantes, quando de joelhos, de mãos postas, orei a Santo Antônio de Pádua, entregando-lhe à mão direita a minha alma aflita, e foi quando vi o forro do meu quarto afastar-se e tornar-se azul como o céu, e o querido santo descer lentamente, em tamanho natural, de olhos muito luminosos, mas com um sorriso de bondade à flor dos lábios.

Estendeu-me do alto a sua mão direita, em atitude de quem abençoa, e meneou a sua linda cabeça em redor da qual um halo de luz branca resplandecia.

Meneou a sua linda cabeça, como em sinal de afirmação, e me disse, com uma voz encantadoramente sublime:

– Felizes os que sofrem! Espera resignado!

E subiu, subiu sempre, entre nuvens de cores inimagináveis, de sua resplandescência maravilhosa, fechando-se à sua partida, o forro do meu quarto.

A partir desse momento fiquei bom completamente, e o meu espírito iluminou-se de uma graça infinita e misteriosa.

No Bananal, quando lá cheguei, sem pão e sem manto, uma pobre mulher, mãe de nove criancinhas, enfermava de uma pneumonia aguda, e o marido, depois de 18 dias de lutas para salvá-la, sem ter, no entanto, pela sua pobreza, e invalidez austeras, alcançado de quem quer que fosse um único remédio, perguntou-me se eu entendia de homeopatia, pois desejava aplicá-la à pobre mãe dos seus filhinhos.

– Não entendo disso, respondi-lhe.

Mas uma velhinha, a D. Maria, viúva de um dos Neves, de cuja estirpe veio ao mundo o Dr. Hercílio Luz, interrompeu a nossa conversa, retorquindo:

– Seu Araújo, vá em nome de Jesus curar essa pobre irmã, pois em nome de Jesus, água fria é remédio.

Peguei então de um copo, enchi-o de água fresca, e estendi por cima dele as minhas mãos e orei, sentindo por essa ocasião um fluído que me dominou todo o corpo, como se sobre ele estivesse caindo um jarro de luz suavíssima.

Ao chegar à casa dessas pobres criaturas, o que vi, Santo Deus! vi uma casa com uma única porta, e uma única janela, à frente da qual brincavam na areia diversas crianças quase nuas, tirintando de frio; logo à entrada, ao lado direito, perto de um braseiro, uma menina de três meses de idade, estendida num pedaço de manta de retalhos, que o povo roceiro chama de "fujona", e perto dela uma panela com uma espécie de grude azulado, preparado de farinha de mandioca, e açúcar grosso. Entrei e encontrei, estirada sobre uma porta servindo de leito, apenas coberta por um lençol, a mulher doente, de olhos fechados, boca ressequida, mãos ao peito, ardendo numa febre devoradora.

Que quadro tristíssimo! Que tristíssima vida! Mas dei-lhe esperançado, uma colher da água que eu levava, e determinei que lhe fosse dado o resto de hora em hora, aos goles e saí.

No caminho escutei, dentro dos ouvidos ou da alma, uma voz que me disse:

– Amanhã estará completamente boa.

E, com efeito, no dia seguinte, pela manhã, o marido da doente chegou à minha casa, e me anunciou a grande melhora da mulher que já tinha pedido para levantar-se, encontrando-se de saúde perfeita.

Comecei então, desde esse dia, a tratar com água da fonte e ervas, a todos quantos me procuravam, enchendo-se a minha casa de clientes, numa romaria ansiante, a cuja frente desfraldava-se a bandeira branca da fé em Jesus Nazareno.

Não tive tempo para mais nada, nem para pescar os deliciosos siris, nem para dormir, pois a qualquer hora da noite entravam doentes em minha casa, e eu os atendia solícito, ardendo no fogo da crença e da esperança.

Mas como eu não pudesse viver entre essa gente, embora me achasse feliz, pois me faltava o necessário para a manutenção da família, resolvi aceitar um convite que me fizeram diversas pessoas da Capital, para criar um colégio primário, com o prometimento de me ser dada a quantia de quinhentos mil réis, pois era considerável o número de alunos inscritos, filhos de famílias ricas.

Entretanto, chegando eu à Capital e estabelecido o colégio na antiga rua da República, hoje Felipe Schmidt, esquina da rua Marechal Deodoro, de propriedade do Padre Bernardo, da

qual pagava de aluguel a quantia de 50\$000, não obtive senão um grande logro, pois só tive alunos para noventa e cinco mil réis!

Como viver pois, sobrecarregado de onze pessoas de família?

Mas aí vivemos um ano inteiro, sem poderem os meus filhos saírem à rua, tendo eu, por causa de qualquer insubordinação, de fechar-lhes as portas a prego.

Um dia, recebia eu a visita do meu amigo Luís Neves, meu antigo camarada nos fastidiosos trabalhos tipográficos, e fui por ele convidado a visitar o senador Lauro Müller, que havia chegado e morava no Mato Grosso, no atraente chalé do Padre Eloy de Medeiros.

Ponderei-lhe o estado em que se achava a minha única roupa, mas a insistentes rogos do Luís, lá fomos, tendo eu, no dia seguinte, por não fazê-lo no dia da visita, escrito ao senador narrando-lhe minha situação e pedindo-lhe um emprego na cidade ou mesmo no Rio, sem ter, no entanto, merecido resposta.

Desiludido e quase nu, mandei botar os meus trastes numa carroça, e levá-los ao Saco dos Limões, onde talvez encontraria eu um agasalho, inda que fosse num rancho de canoas.

Felizmente o homem surdo, o Cuboca, aquele que me levara aos Coqueiros, na noite da minha fuga, alugou-me um quarto na sua casa e alí fiquei.

Nesse tempo era Superintendente da Capital o Sr. Antônio de Campos Júnior, e foi por sua intervenção no Conselho que pude arranjar uma escola, com o ordenado de 50\$000 mensais e sem casa!

Pobre de mim, pobre de minha mulher, e pobre dos meus filhos, que tantas misérias passavam!

Alí morreu a minha filha Maria Conceptta.

E se, ao recordar as misérias num passado ingrato, sente-se a gente a elas voltando, deixarei de mencionar sobretudo, as noites de insônia que, para maior tormento meu, se fechavam sobre o meu coração e sobre a minha alma como a abóboda de um túmulo.

Fui nomeado Secretário da Superintendência Municipal de S. José, antes por um engano do que pelo dever que tinham os homens da minha terra de me amparar.

Não mencionarei, entretanto, nomes, por um respeito que sempre tive aos mortos, aos que partem desse mundo de enganos para o plano sideral onde tudo aparece na flagrância da verdade.

Ali estive empregado quatro anos, até que a bondade do meu querido amigo Santos Lostada, me chamasse a ocupar o cargo de amanuense da Secretaria do Congresso, com o ordenado de 150\$000, que mal dava para a mesa, e para pagar as dívidas anteriormente adquiridas.

Lutei imensamente, embora por esse tempo, estivéssemos já morando nos Coqueiros.

Uma cousa porém me suavizava essa luta num coração quase morto, num corpo de 46 anos de idade, já sem alento, e não veio a ser a companhia do meu querido amigo de antanho – Santos Lostada.

O destino nos havia logado de novo, depois de uma longa separação, e então, na nossa repartição, da qual era ele diretor, e eu amanuense, rejuvenescendo a nossa amizade, as nossas almas começaram a sentir-se felizes, seguindo ambas a mesma diretriz.

Conhecendo a fundo todas as religiões espalhadas na terra, dizia-me ele muitas vezes, não haver chegado a um acordo sobre a verdade, desta ou daquela, sem o perdão que cada homem deveria espalhar pelos seus semelhantes, e sobretudo sobre a ideologia da infinita justiça de um Ser Supremo, criador de todas as cousas, o qual, talvez por uma aberração, guardava também certos rancores, inflingindo aos seus filhos delinquentes penas eternas.

– Mas aonde achar uma religião completa, com todos os seus alicerces, sem uma única discrepância, sem uma falha, uma única mancha? perguntava-me ele um dia em que eu, ao chegar mais tarde à Secretaria, anunciava-lhe acharem-se todos os meus filhos de cama, e a minha mulher também.

– No espiritismo, unicamente no espiritismo, nessa revelação prometida por Jesus, e por Ele mandada ler no livro sagrado do seu Amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, respondi-lhe:

– E se não fosse essa doutrina, eu já teria baqueado, acrescentei. Conte-lhe, então, pela seguinte forma um fato que se dera comigo, na madrugada do dia anterior:

– Os meus filhos, como sabes, estão todos com sarampo, menos o que nasceu há dias, o Luizinho, que ficou isolado por uma parede, na cama de Conceptta, que ainda está se resguardando. Às doze horas da noite, assinaladas pelo meu relógio de parede, deparei com os meus filhos assaltados por uma febre altíssima, de mais de 39°, segundo acusava o termômetro, todos eles com verdadeiros sintomas de tifo. E ao vê-los assim, corri ao "Laurie", folhei-o mas fiquei parado, olhos abertos, como que dominado por um terror horrível, medonho, fantástico, caindo-me à cabeça a idéia de perder todos esses filhos pelos quais eu ainda possuía uma réstia de fé, de crença e de esperança.

Tive vontade de chorar, mas preni o choro para não soluçar, pois se a minha mulher ouvisse os meus soluços, poderia perigar, e o que seria dela, de mim e de nossos filhos. Abri de novo o "Laurie" e procurei-lhe o índice. Desta vez, porém, os meus olhos se nublaram, encheram-se de lágrimas, dir-se-ia duas janelas envidraçadas, das quais escorressem gotas de orvalho, numa manhã estival, de uma quentura abafadiça.

– Tive uma idéia feliz, entretanto, elevei a alma aos pés de Jesus, e orei com humildade e resignação. Nisso senti passar-me pelo corpo um fluido esquisito, como um borrifo d'água fresca; tremeu-me o braço direito e fui impelido a escrever os nomes dos remédios para dá-los aos meus filhos, que ali perto se achavam quase mortos, cada qual numa alucinação apavorante, de meter medo.

Numa rapidez de relâmpago escrevo: Água 300 gramas; Brionia e Arsenicum 25 gotas de cada. Mistura. Colher grande de duas em duas horas. Agite quando usá-lo. Às quatro horas declinará a febre. Amanhã estarão completamente bons.

Certificado da eficácia dos remédios, embora não conhecesse essa fórmula complexa, dei-os aos doentes e horas depois, ao examiná-los de novo com o termômetro, a febre havia declinado para 37 e dois décimos!

O meu amigo Santos Lostada ouvia-me religiosamente, confiando o cavanhaque.

– E o fim dessa história, Araújo? Conta-me o fim.

– Exaltando de contentamento, contei à minha mulher o fato, e fui de novo arrastado para a mesa, como se houvesse necessidade de eu saber em seguida o mistério dessa comunicação.

– Sentado junto à mesa, peguei do lápis, coloquei sob o meu braço direito uma folha de papel branco, e escrevi: Luís de Araújo Figueiredo, teu pai.

– Amanhã iniciarás uma nobre missão na terra, pois estaremos eu e o Dorvalino Boyma, sempre ao teu lado, para te ajudarmos na grande quantidade de curas que terás de fazer, e no que te for mister fazeres seguindo a vontade de Jesus, sendo estas últimas palavras abafadas pelo meu pranto de alegria e ao mesmo tempo de saudade por aqueles que sendo amigos na vida continuavam amigos através da morte!

– Maravilhoso, Araújo, o que me contas! Maravilhoso! Vou dedicar-me aos estudos espíritas, disse-me Santos Lostada.

No dia seguinte, chega-me ele à casa, pois morávamos não muito distantes, no mesmo lugar, admirou-se de ver os meus filhos brincando, como se nada tivessem tido nos dias anteriores, partindo todo esse dia a sua colaboração nos meus trabalhos. E as suas estantes encheram-se de livros notáveis no esclarecimento da doutrina verdadeiramente cristã.

Nesse mesmo dia à tarde, consultei eu com a maior certeza de não estar errando, para uma menina, filha do Henrique Dingue, dando-lhe o diagnóstico e o prognóstico.

– Sua filha está com meningite, que a deixará completamente inutilizada, mas não morrerá disso e sim, queimada, daqui a dois anos.

E de fato, dois anos depois, morria queimada no seu próprio berço, a saudosa menina.

Começou então uma contínua romaria de doentes à nossa casa, sem me deixar tempo para comer e dormir.

O Comandante da Escola de Aprendizes Marinheiros Alberto Gonçalves, era materialista e tendo investigado o fundo de todas as religiões e seitas, mais materialista se tornava, na firme convicção de que tudo quanto parecia existir como sendo espiritual, não passava de manifestações de loucura, de falta de senso, de ignorância.

Mas tanto eu lhe falei sobre o que me acontecera com relação à cura dos meus filhos, e tantas provas lhe dei da imortalidade da alma e dos seus destinos, quer na terra quer no espaço, que ele não pôde deixar de aceitar o convite meu e do Lostada para formarmos um Centro Espírita, nos Coqueiros, o qual foi inaugurado a primeiro de maio de 1910, sob a presidência do Santos Lostada.

Nas suas primeiras sessões, realizadas duas vezes por semana, nada houve que interessasse; mas não se deixava de orar por aqueles que ali se encontrassem, embora os olhos materiais não os pudessem distinguir. Uma noite, porém, creio que na 5ª das sessões, uma irmã nossa chamada Ursulina Silva, que fazia parte do Centro, em completo sonambulismo, escreveu, em letras claríssimas, uma comunicação.

Foi um sucesso! Um triunfo! Uma imensa alegria!

E ninguém, dos que se achavam presentes, inclusive o comandante Alberto Gonçalves, pôde duvidar da existência da alma depois de morto o corpo, e de se decompor na vala comum.

E o que admirou ainda mais, e confirmou a autenticidade do fato, foi o ter eu, da minha casa, que ficava distante da outra umas duzentas braças, descrever minuciosamente a sessão realizada, e escrever a mesma comunicação dada pelo espírito, sem lhe faltar uma vírgula e o próprio nome.

Sem ordem dos guias para assistir às sessões que se realizavam no Centro, mantinha-me em casa, junto de uma mesa, estendidas largas tiras de papel sobre ela, pegava de um lápis e escrevia tudo o que se estava passando longe de mim, comunicações que eram lidas nas noites próprias, em plena sessão de doutrina; e de provas sobre a existência da alma nos desígnios do mundo.

Agora já não era o único convertido o nosso adorável irmão Alberto Gonçalves; outros o sucederam de uma forma tal, que se tornara pequeno o grande salão do Centro para contê-los nas noites assinaladas para as sessões ou para as palestras sobre os Evangelhos, segundo o espiritismo. E o que mais nos encantava e o que mais nos alegrava, era termos a certeza de que eram guias do Centro, como ainda continuam a ser, a minha querida e saudosa mãe e o

não menos querido e saudoso Cruz e Sousa, observados pela vidência de muitos mediuns, e reconhecidos pelas suas qualidades morais.

Desse Centro partiu, portanto, a disseminação da belíssima doutrina sob cuja flâmula da cor do céu que nos cobre, tantas criaturas que vivem ou desencarnam confiantes na promessa de Jesus.

Mas como em todos os recantos do mundo existem mártires como Estevão, de vez em quando nos atiravam pedras aqueles que, tendo olhos não queriam ver. E um, que nesse tempo era Governador do Estado, e que, ouvindo intrigas a meu respeito, tomara-me por maluco, e cogitava em arredar-me do emprego que me dava o pão, mais tarde não deixou de pedir socorro à doutrina espírita, na qual foi atendido sob a flâmula branca do perdão.

Uma noite, enquanto trabalhavam no Centro os nossos irmãos de crença, recebi a seguinte comunicação, traslada para o papel. (As comunicações não foram encontradas nos apontamentos de Araújo Figueiredo).

Como esta, muitas foram as comunicações por mim recebidas pelo verbo dos intitulados mortos.

Enquanto essas cousas progrediam, de maravilha em maravilha, progrediam também numa outra feição mediúnica, os fatos reais das minhas curas, isto é, das curas feitas pelos meus guias dos quais eu era um simples intermediário.

Para que elas se realizassem, nunca necessitei senão do nome próprio da pessoa, da idade, do seu estado civil e do lugar da residência, fosse a que distância fosse. Mas eu não me ocupava somente em administrar homeopatia, nem outro qualquer remédio, nem água fluida, e em esclarecer com precisão, os respectivos diagnósticos, e prognósticos, mas sim também e com maior alegria, ocupava-me com as doenças morais dos meus irmãos consulentes.

Uma vez, pelo escurecer de uma tarde de fevereiro, achava-me à janela da minha casa, quando os meus guias anunciavam-me a aproximação, distante ainda uns trezentos metros, de dois irmãos que viriam consultar-me, sendo que o mais baixo e moreno, acabava de dizer ao outro, que só consultar-me-ia para experimentar o cabra. Seja ele, portanto o primeiro a entrar no consultório.

Com efeito, minutos depois apareciam na curva do caminho e chegavam ao terreiro da nossa casa dois homens a cavalo, saudando-me com um boa noite demorado.

Fi-los então entrar e logo de chofre perguntei ao moreno se de fato ele vinha para experimentar o cabra.

Uma bomba não produziria tanto abalo nos dois homens, principalmente no moreno.

– Não dissemos isso, seu Araújo, balbuciavam os dois irmãos. Mas virando-me bem para o moreno pus-lhe a mão direita sobre a cabeça e disse-lhe:

– Com este é que eu quero me haver.

E chamei-o ao consultório, vindo-lhe eu à frente.

Sentados que fomos, comecei por lhe dizer que a sua vida de comércio ambulante, de mercador de fumo, não era honesta, por vender mercadoria avariada, tendo o cuidado de procurar um melhor para pô-lo à boca do jacá, e outro ao fundo.

– É comércio, seu Araújo, disse ele.

Mas eu retorqui-lhe que não, porque todo o dinheiro ganho dessa forma, para prejudicar o comprador incauto, não seria abençoado por Jesus.

Está, portanto, confirmada a primeira prova do cabra. Mas uma outra, e muito maior e grave, virá já para explicar ao irmão que nada se faz no mundo que não seja observado por Jesus, o seu eterno governador. Referi-me então a umas cédulas falsas que o irmão trazia escondidas no bolso interior do seu paletó, com o intuito de passá-las a qualquer pessoa, quando voltasse para a casa.

Se a primeira e segunda confirmações minhas explodiram como bombas, esta foi de um efeito fantástico, porque o irmão, coberto de suores, só me rogava a piedade de não pô-lo às mãos da polícia.

– Não acusarei a quem quer que seja, principalmente ao irmão que aqui chegou acompanhado de sua mãe, que é uma velhinha muito boa, e ainda usa chale de xadrez à cabeça, e ainda aqui se apresenta com um defeito na perna esquerda, impossibilitando-a de andar firme.

Protestando o irmão que não tinha mãe, pois ela já havia morrido há anos, tive então o cuidado de falar na imortalidade da alma e de lhe dar até o nome próprio da velhinha e de lhe descrever o lugar onde ela morava no Alto Tijuca.

Levantando-se o irmão, pediu-me licença, botou a mão no bolso e dele retirou cinco cédulas falsas.

– Quero queimá-las, sim?

– Perfeitamente.

E a cinza das cédulas queimadas à luz de uma vela, rolou ao chão, desfazendo-se.

Eram quase 10 horas da manhã, e eu me aprontava para seguir para o meu trabalho, na Capital, quando chegou à minha casa, num cavalo, de cujas narinas saíam golfadas de fumaça, o filho do Manoel Severino, de Biguaçu, pedindo-me uma receita para o irmão que ficara agonizante, tolhido por uma grande dor surda a todos os remédios.

– Volte para casa, diga a seu pai que vá à cacimba, dentro da qual você há dias, colocou uma pedra chata e ele que retire debaixo dela um cordão com três nós cegos, e os desate, orando a Jesus, e nesse momento o rapaz ficará bom.

Com efeito, o rapaz ficou imediatamente bom, e dois dias depois me vinha visitar.

– O seu Araújo poderá me fazer uma consulta a respeito de uma maleita que tenho? perguntou-me, certa noite, um moço alto, de ombros largos, fonte espaçosa, maneiras sociais e muito bem viajado.

Mandei-o entrar no consultório, pedi-lhe botar de lado, em cima de uma mesa pequena, o punhal que ele trazia escondido.

– Não tenho punhal algum, respondeu-me o moço, um tanto perturbado. E mostrou-me as cavas do colete e os bolsos do paletó.

– Coloque naquela mesa o punhal que o senhor traz escondido para dentro do coz ao fundo das suas calças.

E o punhal foi colocado sobre a mesa, com grande estupefação do moço, cujas faces se cobriam de abundantes suores.

Contei-lhe, então, a história da arma, vinda do requinte do seu cutileiro, que lhe emprestava cuidados malévolos, até a data presente, em que aquela arma se destinava a um crime fratricida, nas próprias mãos do seu dono.

– Cheguei como um animal e saio como um homem, balbuciava de vez em quando o moço, ao despedir-se.

Um outro moço de 18 anos de idade, residente na Capital, em um dia feriado, muito admirou-se em ir bater à minha porta, quando não se sentia doente e nem pensava fazer-me consulta sobre qualquer outra coisa.

– É que você veio, menino, conduzido pela sua mãe, uma senhora chamada Francisca, a qual, embora morta, trouxe-o até aqui, para uma explicação salutar à sua vida, pois você traz, no bolso do colete, um canivete furtado ao mostrador da casa comercial do Sr. João Cância, à rua Fraternidade.

Um rapaz bateu-me à porta, aceleradamente, e pediu-me uma consulta para um seu irmão que morava em Morretes, município de Tijuca, e que muito doente, se achava com uma dor horrível. Mandei-o entrar e perguntei-lhe se perto de sua casa, ao lado norte, ele tinha um engenho velho, em cuja frente se achava um monte de carvão antigo, e se ali morava uma velhinha.

– De fato, respondeu o rapaz.

– Pois volte já, para que possa chegar à sua casa por volta da meia noite, e ao chegar diga ao seu pai despertar essa velhinha, que a essa hora estará dormindo. Intime-a seu pai à preparar um chá com o capim que ela terá encontrado à porta larga desse engenho, e o seu irmão o tome aos goles, que ficará bom.

E assim aconteceu, admirando-se muito de lhe ter falado ao pai desse rapaz em meu nome, sob cuja influência fora intimada a socorrer o doente. No entanto a velhinha nunca dera remédio a ninguém.

O meu amigo Oscar Bonnassis, por não poder na ocasião, deixara de emprestar a um rapaz, a quantia de 10\$000. Pois bem, esse rapaz tendo vindo à minha casa, contei-lhe o fato do mesmo haver esperado o meu amigo, ao portão da sua chácara com o intuito de matá-lo à falsa fé. No entanto, sem que esse rapaz o visse, ele, o meu amigo haverá passado por ele, rente ao seu corpo!

– É verdade, seu Araújo, pois esperei-o até madrugada com o punhal que sempre me acompanha.

O crioulo J. de Lima morava no Largo 13 de Maio, e desde algum tempo achava-se abalado por uma moléstia misteriosa, tratando os médicos de neurastenia, sem o mesmo adquirir um só momento de calma.

Vindo à minha casa, perguntei-lhe se não se lembrava de ter tido um inimigo na freguezia do Ribeirão, onde morava, e disse-lhe o nome do inimigo.

– Reconcilie-se, pois, com ele, observei-lhe. E contei-lhe a seguinte história que eu estava recebendo.

Diz o seu inimigo hoje arrependido, que uma noite tencionava matá-lo por causa do prejuízo que tivera em uma roça, atribuído a seu gado, e para satisfazer o seu intento, munuiu-se de uma espingarda, esgueirou-se por uma cerca, cobriu-se da sombra das árvores, ajoelhou-se perto da tua casinha, meteu a arma num buraco da parede e, quando estava já com o dedo no gatilho, estremeceu, pois em lugar de ter sozinho, viu-te acompanhado de um anjo muito lindo, de asas brancas e luminosas, viu a tua filhinha morta há uns sete anos. Por isso J. Lima, ele não te matou, correndo para casa assombrado.

No outro dia viste-o em caminho da tua casa, cambaleando, e te preveniste, porque pensaste que ele ia te matar em tua própria casa. Mas não ia te matar, o teu inimigo, ia te pedir perdão, e te contar o ocorrido, e abençoar a tua filha que ele tantas vezes beijara e acariciara.

Sendo tudo isto confirmado, isto é, sendo confirmada a causa da inimizade, e as circunstâncias relativas à menina, à cerca e à sombra das árvores, despediu-se o J. Lima e ficou completamente bom, não lhe voltando a neurastenia.

D. Idalina Küeler, de Mafra, perdera um filho de 2 anos, mas embora tivesse lhe dado todos os socorros médicos, não tinha o espírito sossegado, apreensiva que estava de ter sido ela, talvez, a culpada dessa morte, ou por não ter chamado a tempo os médicos, ou por ter perdido horas na aplicação dos remédios ao seu querido filho.

Veio à minha casa, e sem que eu nada soubesse, contei-lhe os seus magoadíssimos pensamentos, afirmando ter o seu filho desencarnado à hora por ele pedida; e que cheio de verdade acabava eu de ver essa criança conduzida pela destra de um velho de longas barbas brancas, túnica comprida, e um halo à cabeça.

Atônita, com os olhos cheios de lágrimas, levantou-se D. Idalina, e aflita, perguntou-me quem seria esse ancião.

– É aquele cuja imagem nossa irmã traz oculta, neste momento, ao seu colo, não saindo de sua casa vez alguma sem trazê-la consigo. Falo-lhe do Pedro, o Apóstolo de Jesus.

– Exatíssimo! Exatíssimo! Eis a imagem do Apóstolo, trago-a comigo. E mostrou-me na alvura dos seus seios.

E saiu a nossa irmã, convertida ao espiritismo.

Era um sábado e pela manhã chegara à minha casa, vindo do Canto da Lagoa, na Ilha, um homem com o fim de obter de mim consulta para o seu cunhado Francisco dos Santos, mas os meus guias me avisaram que só à noite, às nove horas, o nosso irmão seria atendido. E quando a noite chegou, o meu relógio assinalou as horas indicadas, achando-se o irmão José à minha frente, concentrei-me e vi o seu cunhado num quarto fechado a pregos e com ambos os pés acorrentados.

– Olha, José, o teu cunhado já está solto, disse-lhe eu.

– Solto? exclamou ele. E quem o soltaria? Esse louco furioso, Jesus?!

– Esse, José, cujo nome acabas de pronunciar.

Um mês depois casava-se o Francisco para as bandas do Retiro, na citada freguezia da Lagoa.

Reproduzindo-se a cada dia chegado, a cada hora e a cada minuto, fatos idênticos, como o de muitas curas de cegueira, de surdez, de paralisia, de panarícios e de vícios de embriaguez, espalhou-se de tal modo a doutrina espírita, que hoje é raríssimo ver-se alguém com coragem de negá-la nos lugares até onde ela penetrou, ora curando uma doença física, ora uma doença moral.

No entanto, ó Pai Santíssimo! como me reconheço ainda um tristíssimo pecador!

É que a tua misericórdia é como o sol cuja luz desejada sobre a terra cai por cima dela se estendendo como um óleo de unção.

Tendo sido, em diversas épocas, acometido por moléstias gravíssimas, depois que dediquei-me a curar o meu próximo, de doença física jamais fui atacado, sem deixar de sê-lo, entretanto, moralmente, pelos ímpetos do meu espírito, assaz vindos de um passado repleto de crimes e misérias.

Para que minha alma pudesse, sem o menor esforço, visitar os necessitados, por mais longa que fosse a distância, fechava eu os olhos e me concentrava, tendo por mira o nome da pessoa e o lugar da sua residência. E quando a minha alma voltava, naturalmente guiada pelos seus guias, trazia em si, gravados, todos os diagnósticos e prognósticos, bem como as cores e os delineamentos das coisas observadas nas paisagens, e nunca os esqueci, de forma que, se os quisesse pintar, pinta-los-ia com perfeição maravilhosa.

Um turco asiático quis saber da saúde de seu velho, e pediu-me uma consulta.

Atendendo-lhe disse:

– O seu pai mora numa casa plantada numa rocha escavada, à esquerda de um caminho que vai dar a um lago aberto à sombra de uma fila de árvores em frente umas das outras, em derredor. À direita desta casa existe uma escada abrupta, sobre a qual descem as ramagens de um cedro enorme. Suas janelas abrem-se para uma várzea estendida entre duas montanhas ao fundo, sempre muito azuladas, e a porta da entrada fica-lhe à esquerda. Mas o seu pai a esta hora acha-se numa casa, numa esquina, onde tem um negócio de couros de feras, dentes de marfim e perfumes: Vejo-o de gorro azul chamalotado de fios de ouro, gorro esse que ele recebeu de presente no dia em que casou em primeiras núpcias, dado por sua mãe. Casado, agora, em segundas núpcias, com uma rapariga de 26 anos, não vive, no entanto, muito bem com ela que é muito má.

– Não é a pura verdade senhor? perguntei-lhe.

O turco começou a bater palmas, riu de satisfação, numa alegria que parecia não se acabar, e, de joelhos diante de mim, exclamou:

– Louvado seja Jesus! Louvado seja!

Colocava a minha destra sobre a cabeça de alguns dos meus consulentes, e quando os meus guias determinavam, transformavam-se em condutores elétricos os músculos do meu braço, e me diziam eles tudo quanto o irmão pensava ou tinha pensado, sem que isso servisse senão para arredar o irmão do caminho do mal, pois a doutrina caía como uma bênção sobre a alma do irmão, afastando-lhe as idéias sinistras, os maus pensamentos.

Nunca empreguei um esforço, por menor que fosse, para me sair bem; deixava que tudo viesse e corresse naturalmente, como as águas de um rio sem pedras, sem troncos de árvores a embaraçar-lhes a descida.

NOTA - Termina aqui "NO CAMINHO DO DESTINO" de Araújo Figueredo que foi dado datilografado, ricamente encarnado pelo seu filho Luís de Araújo Figueiredo, no Rio, em 2.12.1959. Resolvi passar para este livro de dados biográficos da Enciclopédia de Santa Catarina, tendo eu mesmo, o Almirante Carlos da Silveira Carneiro copiado quase literalmente, só me afastando nas frases ininteligíveis. A cópia foi feita quase toda em Furnas, Minas, no período de 30.9.1963 a 9.10.1963.